

LETÍCIA BERLOFFA RODRIGUES

**A PRÁTICA DO FUTEBOL ENTRE INDÍGENAS DE DOURADOS -
MS**

DOURADOS – 2014

LETÍCIA BERLOFFA RODRIGUES

**A PRÁTICA DO FUTEBOL ENTRE INDÍGENAS DE DOURADOS -
MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientador: Prof. Dr. **Eliazar João da Silva**.

DOURADOS – 2014

LETÍCIA BERLOFFA RODRIGUES

**A PRÁTICA DO FUTEBOL ENTRE INDÍGENAS DE DOURADOS -
MS**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Eliazar João da Silva (Dr., UFGD) _____

2º Examinador:

Alisson Eugênio (Dr., UNIFAL) _____

3º Examinador:

Antônio Dari Ramos (Dr., UFGD) _____

À força dos Guarani e Kaiowá e à coragem de
meu pai e de minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta caminhada, gostaria de agradecer às pessoas que fazem parte da minha história e que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho; assim, agradeço tanto àquelas que me proporcionaram contribuições acadêmicas como também àquelas sem as quais a vida não teria sentido. Sou um pouco de todos que me ensinaram coisas sobre a vida e o mundo.

Em primeiro lugar devo agradecer, imensamente, aos Guarani e Kaiowá. Em pouco tempo me ensinaram coisas que jamais encontraria em livros. Apesar de todas as dificuldades sociais e culturais às quais as terras e os indivíduos indígenas são submetidos, vocês não deixam de celebrar a vida e o futebol. Obrigada por compartilhar experiências e suas histórias de vida.

Com imenso carinho agradeço ao orientador deste trabalho Eliazar João da Silva, que foi também um amigo. Obrigado pela orientação, paciência e pela confiança que depositou em mim, sem elas talvez não chegasse até aqui. Sem perceber, suas atitudes que pude observar ao longo desta jornada, foram para mim uma lição de humildade e humanidade.

Agradeço à professora Marina Vinha, que foi uma grande referência na realização desta pesquisa e por ter aceitado participar da concretização deste projeto contribuindo com seus conhecimentos e orientações.

Agradeço aos professores Lúcio Tadeu Mota e Eudes Fernando Leite pelas contribuições apresentadas durante a banca de qualificação de minha pesquisa.

Preciso agradecer também aos queridos professores da Universidade Federal da Grande Dourados por me iniciaram no prazeroso e complexo mundo da História, e por terem sido, além de professores, amigos e bons exemplos. Em nome do Prof^o Dr. Antônio Dari Ramos, agradeço a todos os professores do PPGH-UFGD pelo aporte no meu processo acadêmico, seja por meio das disciplinas ministradas ou pelas importantes conversas informais.

Agradeço ao Cleber, da secretaria do mestrado, pela colaboração e paciência e a todos os funcionários administrativos que contribuem para uma Universidade cada vez mais ética.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento dessa pesquisa.

Às reflexões e produtivas discussões da turma de pós-graduação 2012.

Ao Eduardo, Antutérpio e Marcilene, grandes amigos que a pós-graduação me proporcionou conhecer. Apesar da distância que os limites geográficos nos impõe, não tenho a menor dúvida de que estarão sempre comigo, nas especiais lembranças do nosso doce convívio.

Às queridas Ana Paula e Simone por compartilhar momentos de angústias e principalmente por contribuir com sorrisos nas horas mais difíceis. Nossos almoços, viagens e os deliciosos bolos da mãe da Ana, serão inesquecíveis. Agradeço por toda intensidade vivida nesse período.

Aos especiais Wagner, Vânia e Cryseverlin. Lutamos juntos desde o curso de bacharelado e chegamos juntos até aqui. Vocês fazem parte da minha história!

As lindas Silvieli e Fabiana, amigas da graduação que hoje comemoram comigo mais essa etapa de minha.

Ao Jonas. Amigo, você é o mais certo nas horas incertas!

Ao meu irmão Elvis, a alegria de Fernanda, ao sorriso de Gabriela e à minha cunhada Rosa. Agradeço a essa amada e divertida família por suportarem "as inconstâncias do meu ser" sempre mostrando-me um leve e divertido sorriso no rosto.

E claro, ao Floquinho, meu fiel companheiro. Eu não tenho a menor dúvida de que tornastes a minha vida mais leve, colorida e florida.

Agradeço ao meu noivo e grande companheiro Paulo César por todas as suas palavras e por sua essencial presença em minha vida. Durante mais de uma década contribuiu com paciência e discernimento em todas as minhas escolhas e na construção do que sou até aqui. Agradeço por ser tão coerente e forte e, ao mesmo tempo, tão interessado no que eu sinto.

Finalmente, aos meus pais que apesar das inúmeras dificuldades, nunca fizeram deste motivo uma razão para não incentivar os filhos nos estudos. Nessa etapa da minha formação acadêmica, minha mãe, com todo o seu carinho e atenção, foi de suma importância no apoio moral e logístico das minhas constantes viagens de estudos e meu pai, mesmo sem possuir uma educação formal, mostrou-se meu maior exemplo de um grande mestre. Com eles, aprendi a não desistir nunca. Mais do que tudo nesse mundo, Amo Vocês!

“O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil
seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual
a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se,
deixando-se, portanto, descobrir”

Roberto da Matta

RESUMO

No momento em que o futebol é considerado um elemento de manifestação cultural de determinado grupo étnico, possibilita-se a busca de novas perspectivas e experiências na vida dos jogadores e apreciadores. No caso dos Guarani e Kaiowá de Dourados-MS a relação com essa prática esportiva é significativa e ao mesmo tempo crescente. Nesse sentido, este trabalho pretende demonstrar como o futebol é abordado nesta etnia e como se constrói a identidade Guarani e Kaiowá também no futebol; apresentar a dinâmica que envolve a formação das equipes, bem como a organização das partidas e dos torneios femininos e masculinos. Para alcançar os objetivos propostos, procurou-se abordar questões coletivas que envolvem a prática do futebol e histórias de vida de alguns indígenas boleiros, através da análise de materiais impressos e fontes orais. Na Reserva indígena Francisco Horta Barbosa, o futebol assume importância fundamental pois apresenta-se enquanto um elemento de sociabilidade bastante agregador e ainda possibilita encontros interaldeias, focos de divertimentos e de disputas. Os aspectos sociológicos do futebol são visíveis: os indígenas se reúnem para jogar e assistir as partidas; se organizam para torcer pelas equipes; disputam competições contra equipes de outras aldeias, de instituições e organizações parceiras e de cidades vizinhas; jogadores Guarani e Kaiowá atuam em clubes regionais e algumas noções de força indígena também são consideradas em campo. Assim, ao conduzir o esporte como importante prática esportiva presente na vida social e cotidiana indígena, o futebol torna-se um elemento de identidade Guarani e Kaiowá.

Palavras-chave: Futebol; Indígena; Dourados.

ABSTRACT

At the time that football is considered an element of cultural manifestation of a certain ethnic group, makes it possible to search for new perspectives and experiences in the players and enthusiasts lives. In the case of Guarani and Kaiowá ethnics of Dourados-MS city, the relationship with this sport practice is significant and growing at the same time. In this sense, this work aims to demonstrate how football is discussed and how it also makes Guarani and Kaiowá identity in football; present the dynamic that involves the formation of teams, as well as the organization of matches male and female tournaments. To achieve the proposed objectives, we sought to address collective issues involving the practice of football and life histories of some indigenous footballers, by analyzing printed materials and oral sources.. In Francisco Horta Barbosa Indian Reservation, football is becoming crucial because it presents itself as an element of sociability aggregator and also allows inter-village meetings, focus of entertainment and disputes. Sociological aspects of football are visible: Indigenous gather to play and watch the matches; organize themselves to thrill the teams; competitions compete against teams from other villages, institutions and partner organizations and neighboring towns; Guarani and Kaiowá players work in regional clubs and some notions of indigenous forces are also considered in the field. Thus, when conducting how as important sportives practice present in social and indigenous daily life, football becomes an element of Guarani and Kaiowá identity.

Key words: Football; Indigenous; Dourados.

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 1 – Croqui da Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa | 34 |
|--|----|

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Imagem 1 – Campo da rotatória | 38 |
| Imagem 2 – Treino da "Unidos da Jaguapiru" | 39 |
| Imagem 3 – Treino da "Unidos da Jaguapiru" | 40 |
| Imagem 4 – Treino da "Unidos da Jaguapiru" | 41 |
| Imagem 5 – Campo da Bororó | 43 |
| Imagem 6 – Vila Olímpica Indígena..... | 45 |
| Imagem 7 – <i>Espaços de lazer das aldeia</i> | 47 |
| Imagem 8 – Quadro representativo..... | 48 |
| Imagem 9 – Futebol na rodovia | 50 |
| Imagem 10 – Divulgação sobre o futebol na rodovia | 51 |
| Imagem 11 – Premiação do Torneio Indígena | 56 |
| Imagem 12 – Cerimônia de encerramento do torneio..... | 57 |
| Imagem 13 – Partida de futebol indígena | 58 |
| Imagem 14 – Jogador "Índio" | 63 |
| Imagem 15 – Jogador Paulinho | 64 |
| Imagem 16 – Jogador Garrincha | 65 |
| Imagem 17 – Treino da "Unidos da Jaguapiru" | 68 |
| Imagem 18 – Partida de futebol feminino | 71 |
| Imagem 19 – Partida de futebol feminino | 72 |
| Imagem 20 – Torcedores indígenas | 74 |
| Imagem 21 – Equipe de futebol indígena | 76 |
| Imagem 22 – Equipe da Força Nacional | 77 |
| Imagem 23 – Partida de futebol - Indígenas X Força Nacional | 78 |

| | |
|--|-----|
| Imagem 24 – Equipe NAM..... | 85 |
| Imagem 25 – Equipe Bangu | 86 |
| Imagem 26 – Apresentação de equipes - Copa para Todos | 87 |
| Imagem 27 – Equipe NAM | 91 |
| Imagem 28 – Premiação da Copa para Todos | 91 |
| Imagem 29 – Arte de divulgação da Copa União | 92 |
| Imagem 30 – Quadro de edições dos JPIs | 97 |
| Imagem 31 - Portão de Entrada do JPIs | 98 |
| Imagem 32 – Público indígena no JPIs em Cuiabá | 99 |
| Imagem 33 – Vista externa da Oca Digital | 100 |
| Imagem 34 – Vista interna da Oca dos Saberes | 101 |
| Imagem 35 – Apresentação das etnias no JPIs | 102 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAID - Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas de Dourados

FCH - Faculdade de Ciências Humanas

FIFA - Federation Internationale de Football Association

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

JPIs – Jogos dos Povos Indígenas

MPF – Ministério Público Federal

ONG - Organização Não Governamental

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

TIs – Terras Indígenas Indígenas

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

SUMÁRIO

Lista de mapas

Lista de ilustrações

Lista de abreviaturas e siglas

| | |
|--|-----|
| Introdução | 13 |
| Capítulo 1 | |
| O FUTEBOL ENQUANTO ELEMENTO DE SOCIABILIDADE INDÍGENA | 21 |
| 1.1. Futebol: símbolo de identidade nacional | 21 |
| 1.2. Breves considerações sobre jogos indígenas e tradicionais..... | 27 |
| 1.3. Notas sobre a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá..... | 32 |
| 1.4. Os espaços esportivos e de lazer das aldeias Bororó e Jaguapiru..... | 37 |
| Capítulo 2 | |
| LIGAÇÕES INTERNAS: O FUTEBOL NO INTERIOR DAS ALDEIAS | 53 |
| 2.1. Organizando o futebol nas aldeias | 53 |
| 2.2. A torcida e seus ídolos | 61 |
| 2.3. A prática do futebol entre as mulheres indígenas | 67 |
| 2.4. Indígenas X Visitantes... .. | 73 |
| Capítulo 3 | |
| LIGAÇÕES EXTERNAS: O FUTEBOL INDÍGENA EM CAMPOS VIZINHOS | 80 |
| 3.1. Comunicações Externas | 80 |
| 3.2. Participação em Campeonatos Regionais | 83 |
| 3.3. Jogos dos Povos Indígenas: "O importante não é competir, e sim, celebrar!"..... | 94 |
| Considerações finais | 104 |
| Referências Bibliográficas | 106 |
| Fontes | 109 |

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre os índios Guarani e Kaiowa que transformam qualquer pequeno espaço de terra batida em um campo ideal para o "bate-bola" é no mínimo instigante. Enquanto o futebol profissional estabelece altas transações financeiras todos os anos no chamado "mercado da bola" indígenas praticam e contemplam o esporte como em um ritual.

Atraídos pelas questões que envolviam o apaixonante cenário esportivo entre os indígenas de Dourados e com o objetivo de analisar a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá, iniciamos o estudo que originou o projeto de pesquisa que apresentamos no processo de seleção do final do ano de 2011. De modo geral, nossa intenção principal era apresentar ao leitor as representações desse esporte para os indígenas e o processo de formação do futebol dentro e fora das aldeias.

A principal razão que nos levou a estudar este tema foi o interesse pessoal pelos estudos indígenas/indigenistas. Nesse sentido, nosso primeiro passo foi realizar uma investigação para identificar, especificamente, o espaço do futebol nas aldeias e acampamentos indígenas do município de Dourados-MS a fim de verificar a forma como essa prática esportiva é abordada entre os indígenas e como se constrói a sua identidade também no futebol¹.

Desde o início do curso de licenciatura em História, disciplinas como Antropologia e História Indígena estimularam os estudos sobre as sociedades indígenas e a motivação pela busca de novas informações aumentou no decorrer da graduação, através de outras disciplinas².

No entanto, o primeiro contato com a realidade indígena ocorreu no início do curso de bacharelado em História da UFGD. Nas primeiras reuniões para definição dos temas do trabalho de conclusão do curso, o interesse de trabalhar com a temática indígena, sobretudo

¹ - Identidade é entendida aqui como um capital simbólico de valorização positiva ou negativa do ser humano que precisa adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Trata-se da necessidade de acreditar em algo positivo a que o indivíduo possa se considerar como pertencente. A esse respeito ver, PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e história cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 90-91. Para tanto, compreendemos que a identidade no Brasil também resulta de um discurso histórico que muitas vezes é mitificado. Sobre isso ver, GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

² - Durante o período de 2007-2010 cursamos a Licenciatura em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. Em 2011 cursamos o complemento de habilitação de Bacharelado em História, pela mesma instituição.

pelo esporte considerado paixão nacional³, afirmaram-se através da constatação que já existem trabalhos significativos sobre o futebol no Brasil⁴. Nesse contexto, o tema do trabalho de conclusão de curso, visava analisar “A prática do futebol entre os Garani-Nhandeva de Dourados/MS”.

Para ter um maior contato com a realidade indígena, contatamos jogadores Guarani-Nhandeva, localizando no município de Itaporã-MS um jogador do time sub-18 do Itaporã Futebol Clube⁵. A partir de conversas com ele, fomos convidados a conhecer o campo da escolinha de futebol “Unidos da Jaguapiru”. Nos treinos da escolinha, com frequência semanal, constatamos o gosto dos indígenas pelo esporte através da análise do espaço concedido ao futebol, afirmando a importância que o esporte possui na comunidade Jaguapiru, principalmente entre as crianças e adolescentes. Naquele momento, o objetivo era compreender o significado desta modalidade esportiva representada na comunidade Jaguapiru.

Durante a realização da pesquisa do trabalho de conclusão de curso do bacharelado em História, oportunamente adquirimos um novo olhar sobre o indígena, abandonando uma visão eurocêntrica que é comum na sociedade geral. Observamos que a paixão e respeito pelo futebol entre os esportistas da aldeia Jaguapiru é proporcional, (ou até maior) que o interesse de parte significativa dos brasileiros pelo esporte.

No decorrer das atividades de pesquisa, novas informações surgiam gradativamente. Meninos que treinavam na escola de futebol indígena eram convocados a treinarem em clubes profissionais da região da grande Dourados⁶. A aspiração crescia com as novas informações e uma preocupação se colocava: como trabalhar tantos subsídios em uma única pesquisa de conclusão de curso. Foi então que construímos a pesquisa de conclusão do curso de bacharelado, conforme o objetivo inicial, sem abandonar os conhecimentos e possibilidades que poderiam ser explorados em um segundo momento com uma nova investigação.

³ - Conferir AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. Nesta obra o autor refere-se a “paixão nacional” como um esporte de dimensão histórica e mutante que, após resistências de classes, apresenta uma crescente popularidade e cai no gosto do povo brasileiro.

⁴ - Dentre os autores, pode-se citar: AQUINO, Rubim Santos leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002; SILVA, Eliazar João da. *A taça do mundo é nossa! O futebol como representação da nacionalidade*. Governador Valadares: Ed. Univale, 2006; WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁵ - Geanderson Fernandes Machado foi jogador do time sub-18 do Itaporã Futebol Clube na temporada 2011 do Campeonato Estadual Sul-Matogrossense.

⁶ - Entendemos como times profissionais aqueles que oferecem compensações financeiras aos seus atletas. No caso de Dourados-MS, pode-se citar o Clube Desportivo Sete de Setembro.

Percebemos, desde então, que muito mais poderia ser indagado em relação ao espaço do futebol nas comunidades indígenas e propomos o nosso projeto de pesquisa de mestrado.

Agora, na tentativa de formalizar a pesquisa entre os Guarani e Kaiowá de Dourados no âmbito de continuidade da formação acadêmica decidimos retomar aos estudos interdisciplinares: históricos e antropológicos.

No que diz respeito aos estudos da história indígena no Brasil, compreendemos que o diálogo com a antropologia ampliou o leque para novas investigações e abordagens.

Ao lado das experiências pessoais, destacamos aproximações realizadas em termos de leituras sobre o futebol praticado entre os índios no Brasil. Na maioria delas, é possível aceitar o seguinte argumento de Vianna, “a adesão indígena à linguagem do futebol e do esporte em geral é fenômeno complexo e multifacetado, sobre o qual a reflexão concentrada existente é pouca⁷”. Tais leituras indicam um fosso entre a articulação de políticas públicas e projetos esportivos na educação escolar indígena.

Para compreender melhor esse cenário, identificamos a Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, localizada entre os limites territoriais dos municípios Dourados e Itaporã. Por abranger três etnias, Guarani, Kaiowá e Terena, entendemos que seria viável limitá-las para que o nosso projeto desse conta de investigar com cautela os significados e representações do futebol para os índios, identificando-os na prática do futebol realizada nos campos indígenas do município de Dourados-MS. Diante disso, centramos os nossos estudos nas aldeias indígenas Bororó e Jaguapiru, localizadas na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, e passamos a focar a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá dessas duas aldeias.

Entretanto, conforme passamos a visitar os campos indígenas e realizar as primeiras entrevistas orais, demos conta de que dificilmente conseguiríamos analisar a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá de Dourados sem mencionar, por vezes, os indígenas da etnia Terena. As ligações parentais que unem indígenas de Dourados, em muitos casos, compreendem filhos de pais com etnias diferentes, neste caso são chamados pelos próprios indígenas de Guateka.

Nessa conjuntura, muitas lacunas precisavam ser compreendidas. Eram questionamentos que só os jogadores, imersos nos campos indígenas, seja como jogador/aluno ou treinador, poderiam responder. Nesse sentido, entendemos a importância de identificar as questões coletivas que envolvem o futebol nas aldeias, mas sem desconsiderar as histórias de vida de alguns boleiros indígenas.

⁷ - VIANNA, F. L.B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 29.

Através das fontes orais, passamos a registrar a história de vida e experiência esportiva de jogadores indígenas, na busca de compreender qual a importância dedicada ao futebol dentro das aldeias, como eles se colocam diante do futebol, como funciona a organização sócio-cultural dos times e considerar a participação da família extensa na formação dos times e jogos⁸. E, analisar ainda, como o futebol interfere nas relações pessoais e nas práticas habituais do cotidiano, quais perspectivas o futebol oferece aos seus jogadores e os contatos sociais que se estabelecem a partir da sua prática.

A nossa pesquisa está inserida na "história do tempo presente"⁹, e por se tratar de um tempo em que os sujeitos ainda estão atuantes, tornou-se fundamental esclarecer quem são estes sujeitos históricos, e como eles se posicionam em relação à sua própria realidade histórica e cultural. Para tanto, recorreremos ao entendimento de João Pacheco de Oliveira, pautado na vertente da antropologia histórica. Para este autor, é necessário e fundamental direcionar o índio *do e no* presente, sem deixarmos de lado sua historicidade¹⁰.

Um recurso metodológico essencial durante a realização do nosso trabalho foi o registro da "história oral de vida". Entretanto, o método selecionado demandava cuidados por parte do pesquisador. A História Oral produz narrativas de memória, de identidade. Nesse sentido, "a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História"¹¹.

Contudo, Reis adverte que "a memória é ameaçada pela imaginação, que é contínua a ela"¹². Para o autor, no momento em que a lembrança e a imaginação carregam imagens representativas de um mesmo evento, dificulta-se o encadeamento fiel das imagens. Entretanto,

afastá-las é impossível, pois a imagem da memória se mistura ao "fantasma" da imaginação. Mas, talvez, possa-se diferenciá-las, distingui-las, mesmo quando estão entrelaçadas. (...) A imaginação é voltada para o fantástico, para a ficção, para o irreal, para o possível, para o utópico. O seu tempo-lugar é indeterminado. A memória, ao contrário, está voltada para a realidade anterior. A "anterioridade" é a

⁸ - Para uma melhor compreensão, sugerimos: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (Orgs.). Trad. Ilka Stern Cohen. *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

⁹ - Entende-se aqui como família extensa a constituição de um grupo macro familiar com bases organizacionais, articuladas pelo patriarca ou matricarca e determinadas por relações de afinidade ou consanguinidade. Conferir, SOARES, André Luis R. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS/Coleção Arqueologia, nº 4, 1997.

¹⁰ - OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio de Antropologia Histórica*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

¹¹ - ERRANTE, A., *Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar*, p. 142.

¹² - REIS, J. C., *Nouvelle Histoire e tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*, p. 32.

marca da memória, onde há “distância temporal” determinável, “profundidade temporal”¹³.

Nesta concepção, compreendemos que a memória é uma lembrança do passado, diferente da imaginação que não tem tempo e nem lugar específico, “a memória é no singular; as lembranças são múltiplas, plurais. Os velhos têm mais lembranças e menos memória, são como ‘cachos de memória’¹⁴”. Nesse sentido, compreendemos a nostalgia que certas lembranças podem causar no momento em que se esforça o uso da memória, pois se trata de buscar no passado as emoções vividas em determinado período.

Ricouer¹⁵ enumera três principais abusos constantes na ambição realista da memória que, em comum, praticam a repetição cega dos fatos. O primeiro é a “memória artificial”¹⁶, também chamada “memorização” que ocorre quando a memória é forçada a absorver algo sem interpretação. O segundo abuso é a “memória impedida”, que refere-se a possíveis impedimentos no acesso das lembranças. O terceiro abuso é considerado a “memória obrigada”, caracterizada pela manipulação ideológica, é uma memória ensinada, institucionalizada. Nesse sentido, Ricouer considera a necessidade do “acesso à memória crítica, pela rememoração, pelo reexame da documentação e da cronologia, pela narração incessantemente retomada da experiência vivida”¹⁷.

Diante disso, ao utilizar as fontes orais, precisávamos ser críticos e criteriosos em relação à memória do nosso entrevistado. Para tanto, a cada entrevista, utilizávamos um roteiro de indagações, sem desconsiderar os possíveis imprevistos que surgiam no decorrer da gravação, como a demonstração de emoção afetiva e a tentativa de fuga do tema por parte do entrevistado.

Antes de realizar as entrevistas, elaboramos ainda um roteiro com o perfil dos possíveis entrevistados e na companhia do coordenador esportivo da Aldeia Jaguapiru, visitamos todos os espaços esportivos da Reserva.

A cada visita, estabelecíamos contato com pessoas que nos acompanharia nas coletas de fontes e, nesse sentido, recorreremos à reflexão de Oliveira de que há uma interação entre

¹³ - REIS, J. C., *Nouvelle Histoire e tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*, p. 33.

¹⁴ - REIS, J. C., *Nouvelle Histoire e tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*, p. 32.

¹⁵ - RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Unicamp, 2007.

¹⁶ - Ainda que a “memorização” seja classificada como um dos abusos na busca da verdade através da memória, Ricouer (2007) acrescenta que a “memória artificial” é uma grande vitória contra o esquecimento.

¹⁷ - REIS, J. C., *Nouvelle Histoire e tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*, p. 40.

quem relata e quem faz a entrevista “faz com que os horizontes românticos em confronto abram-se um ao outro, de maneira que transforme um tal confronto em um verdadeiro encontro etnográfico¹⁸”.

No processo de identificação das concepções da prática do futebol entre os indígenas, o foco nos depoimentos orais dos jogadores e esportistas foi fundamental. Sendo ainda, uma forma de valorizar a história do indivíduo contada por ele próprio. Dessa forma estimulamos os entrevistados a relatarem suas histórias a partir da temática investigada e através da interpretação da entrevista identificar aspectos subjetivos que motive o indígena a praticar e apreciar o futebol.

Nesse contexto apresentado, a interação na realização de uma etnografia, compreende uma “observação participante” o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente dirigível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo que não impeça a necessária interação¹⁹.

Diante disso, exploramos o trabalho da história oral através da etnografia para compreender como os Guarani e Kaiowá se relacionam com o futebol, e como esta prática esportiva é abordada na Reserva Indígena.

Concomitantemente ao período em que realizávamos as entrevistas, buscamos textos que de alguma forma associavam indígenas e futebol como fonte de pesquisa. Encontramos algumas dificuldades para localizá-los, e nos causou estranheza o fato de que mesmo configurando notória representatividade, esta temática não havia sido objeto de muitos estudos sistemáticos. Nos textos que organizamos, que fazem menção à prática do futebol entre os indígenas, destacamos Luiz Fernando de Brito Vianna e seus estudos sobre os Xavante de Primavera do Leste-MT²⁰ e José Ronaldo Fassheber que trabalhou o conceito de Etno-Desporto Indígena a partir da experiência do Kaingang²¹.

Apesar dos esforços destes e outros pesquisadores, ainda existem muitos aspectos que precisam ser aprofundados em se tratando da prática do futebol entre os indígenas. A concentração realizada por etnias não permite estender e generalizar as reflexões dos Xavante

¹⁸ - OLIVEIRA, R. C., *O trabalho do antropólogo*, p. 24.

¹⁹ - OLIVEIRA, R. C., *O trabalho do antropólogo*, p. 24.

²⁰ - VIANNA, Fernando de Luiz Brito. *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*. São Paulo: ANNABLUME, 2008.

²¹ - FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etno-Desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Educação Física – Universidade de Campinas, 2006.

ou Kaingang para os Guarani e Kaiowá de Dourados. Para tanto, precisávamos conhecer os aspectos culturais de cada etnia.

Nesse sentido, buscamos compreender a cultura indígena a partir de seus próprios critérios de diferenciação e das distintas possibilidades de representação cultural que o futebol pode apresentar no interior de uma etnia.

Observa-se pelo que precede que através das fontes orais, entre outros documentos, é possível iniciar uma observação sobre assuntos relacionados à prática do futebol, especificamente aqueles voltados ao estudo de identidade cultural e alcançar nosso objetivo principal, demonstrar como o futebol, resignificado pelos Guarani e Kaiowá, ocupa um lugar central tanto em suas relações internas (dentro das aldeias), quanto nas relações externas (fora das aldeias).

Partindo destes pressupostos teóricos e metodológicos, esta dissertação será dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, buscamos analisar alguns aspectos do futebol para compreendê-lo enquanto elemento de sociabilidade indígena. Nossa preocupação principal é identificar os espaços físicos e o tempo atribuído a este esporte entre os Guarani e Kaiowá. Para isso, realizamos um diagnóstico para levantar os possíveis espaços esportivos e de lazer nas aldeias Bororó e Jaguapiru, e ainda um apontamento dos campos de futebol mais utilizados como espaço de socialização entre os indígenas de Dourados.

No segundo capítulo, intencionamos apresentar a dinâmica da organização do futebol indígena, aqui denominada *relações internas*. Nesse contexto, apresentamos aspectos da organização do futebol masculino e ainda feminino no interior das aldeias. A interação esportiva entre indígenas e equipes não-indígenas convidadas para disputarem partidas na reserva também é ressaltada enquanto importante elemento das relações internas.

No terceiro e último capítulo verificamos a interação esportiva entre as populações circunscritas no entorno das reserva indígena elencada e ainda a participação indígena no futebol regional. Nesse sentido, destacamos a dinâmica da comunicação esportiva entre indígenas e não-indígenas estabelecida nos clubes de futebol e nos campos fora das aldeias.

Conhecer a dinâmica da formação do futebol entre os Guarani e Kaiowá foi fundamental para compreendermos as características dos esportes tradicionais incorporadas ao moderno. O conceito de força, atribuído à disposição física dos jogadores indígenas possibilitam manifestar, através do jogo, as suas identidades.

Por vezes, os indígenas manifestaram a expectativa de que nossa pesquisa pudesse, de alguma forma, contribuir com a propagação do futebol, entre eles praticado. Para os jogadores

Guarani e Kaiowá é por meio do futebol que a igualdade entre os homens pode ser estabelecida, dentro e fora das aldeias.

Esperamos que este trabalho possa estender os conhecimentos sobre as práticas esportivas entre os indígenas de Dourados e que contribua para a realização de novas pesquisas e abordagens sobre os povos Guarani e Kaiowá.

CAPÍTULO 1

O FUTEBOL ENQUANTO ELEMENTO DE SOCIABILIDADE INDÍGENA

1.1. Futebol: símbolo de identidade nacional

Em consonância com outros esportes modernos, o futebol tem suas origens nos jogos tradicionais europeus com influências da cultura local, desenvolvido a partir de uma filosofia racionalista²². Esse futebol moderno, com as regras convencionais que conhecemos, foi difundido, primeiramente, nas escolas públicas britânicas²³.

Segundo Bourdieu, o esporte nasceu primeiramente para ocupar o tempo ocioso dos jovens a um baixo custo, enquadrando-os ainda em suas atividades escolares²⁴. Nesse contexto, apresentava-se a "crescente exigência de disciplinarização das autoridades escolares, até então reféns de alunos socialmente mais poderosos que seus mestres²⁵". A partir daí, alguns esportes modernos, em especial o futebol, despertou o interesse das classes trabalhadoras inglesas.

Para Eric Hobsbawn²⁶, com a Revolução Industrial na Inglaterra o futebol, antes praticado apenas pela elite inglesa, ganhou espaço entre as classes mais humildes da sociedade. O tempo livre conquistado através do movimento operário sindical contribuiu para o fortalecimento do gosto pelo esporte. A partir disso, a regulamentação, antes sem regras

²² - ROCHA FERREIRA, M. B. Cultura Corporal: Jogos Tradicionais e Esporte em Terras Indígenas. In: *VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Ponta Grossa, 2002.

²³ - Segundo Dunning, o futebol moderno com suas regras convencionais nasceu na Rugby School em 1845. Sobre isso ver, DUNNING, E. Football in: *Anais do V Encontro de história do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

²⁴ - BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

²⁵ - LOPES, J. S. L., *Esporte Emoção e Conflito Social*, p. 149.

²⁶ - Eric Hobsbawn é um importante historiador britânico, também responsável pela renovação do marxismo na historiografia, sobretudo por incorporar em suas pesquisas aspectos até então considerados "menos importantes", tais como os estudos socioculturais.

definidas, foi fundamental para que o esporte não resultasse em ações violentas o que, conseqüentemente, contribuiu para a apreciação popular do futebol. Hobsbawn afirma ainda que a regulamentação do futebol foi construída em um momento histórico, em que a burguesia industrial pôde controlar as regras de um esporte que os operários praticavam²⁷.

Sobre a normatização do futebol Carrilho diz

Essa normatização do futebol assemelha-se ao que ocorria em outros setores da vida social. O capitalismo industrial exigiu um trabalho mais rígido, mecânico e compartimentado, tornando-se necessário disciplinar o corpo para a realização sistemática das novas tarefas do processo produtivo [...] O futebol representou, nesse sentido, uma adaptação das práticas populares de lazer à nova ordem que se estabeleceu²⁸.

Nesse contexto surgem as competições entre equipes que eram formados por familiares ou comunidades, originando as rivalidades. Podemos citar *Manchester City x Manchester United*, *Arsenal x Chelsea*, entre outros clubes, que ainda mantêm a rivalidade dentro e fora dos campos.

A sociedade passa a identificar-se com os times por diversos motivos, seja por parentesco, razões culturais, religiosas, entre outras identificações. Sobre o processo de massificação do futebol, Sevcenko diz

Assim, num curtíssimo intervalo de tempo, o futebol conquistou por completo toda a população trabalhadora inglesa e, em breve, conquistaria a do mundo inteiro. Como entender esse frenesi, esse poder irresistível de sedução, essa difusão epidêmica inelutável? Como vimos, parte da explicação está nas cidades, parte no próprio futebol. A extraordinária expansão das cidades se deu, como vimos, a partir da Revolução Científico-Tecnológica, pela multiplicação acelerada da massa trabalhadora que para elas ocorreu em sucessivas e gigantes ondas migratórias. Nas metrópoles assim surgidas, ninguém tinha raízes ou tradições, todos vinham de diferentes partes do território nacional ou do mundo. Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se veem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que imana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores²⁹.

Percebe-se pelo que precede que as massas trabalhadoras inglesas transformaram a prática do futebol em um momento de catarse, onde as pessoas se viam momentaneamente, de

²⁷ - HOBSEBAWN, Eric. *Mundo dos trabalhos: novos estudos sobre a história do operário*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

²⁸ - CARRILHO, F. D., *Futebol uma janela para o Brasil: As relações entre o futebol e a sociedade brasileira*, p. 26.

²⁹ - SEVCENKO, N., *Futebol, metrópoles e desatinos*, p. 35.

modo simbólico, como iguais. Nesse contexto, Sevcenko afirma que o futebol foi uma excelente “jogada”, tanto para a burguesia quanto para a classe operária. Este primeiro conseguiu regulamentar a massa operária que passou a identificar-se com o esporte que trazia momentos de catarse e emoção aos trabalhadores.

Conforme ressalta Carrilho, a permanência de traços ancestrais no futebol inglês, entre outros fatores, contribuíram para a disseminação do esporte para vários pontos do mundo, inclusive o Brasil³⁰.

Em “O Brasil dos imigrantes”, Oliveira relata que no final do século XIX, em um período marcado pelo fim do trabalho escravo e pela instauração do regime republicano, muitos europeus migraram para o Brasil em busca de trabalho³¹. Nesse aspecto, apresentaram o esporte tão apreciado na Inglaterra, o futebol é apresentado com todas as suas formas e regras. Entretanto, há estudos que relatam a inserção do futebol no Brasil através dos escravos que desembarcavam nos portos e traziam em seus pés alguns lances de futebol que logo transformavam-se em dribles repletos de ginga³². Rigo³³, Silva³⁴ e Santos Neto³⁵, apontam que o futebol já havia entrado no Brasil em período anterior à chegada de Charles Miller em 1894, desmistificando-o como pai do Futebol brasileiro³⁶.

No Brasil, os primeiros clubes oficiais de futebol formaram-se no início do século XX. A fundação dos clubes esportivos teve destaque, primeiramente, nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, constituindo times que hoje são consagrados

³⁰ - Entre os fatores que contribuíram para a disseminação do futebol para outros espaços além das terras britânicas, cita-se ainda a criação da FIFA, pelas federações europeias em 1904, como evento da popularidade alcançada pelo futebol.

³¹ - OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

³² - Sobre a introdução dos esportes no Brasil, ver, MAZZONI, Thomas. *A história do futebol no Brasil – 1984-1950*. São Paulo: Olympicus, 1950. ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1933. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990.

³³ - Segundo Rigo, o futebol chegou no Brasil através da fronteira com a Argentina e da fronteira com o Uruguai, em data anterior à chegada de Charles Miller. Ver, RIGO, L. C. *Futebol Infame: o caso do S. R. Arealense*. In: *Anais da XXIII Reunião Brasileira de Antropologia*. Gramado/RS, 2002.

³⁴ - Para Silva, o futebol no Brasil já era praticado em Belém antes de 1894. Sobre isso, ver, SILVA, T. L. A origem do Futebol no Estado do Pará. In: *Anais da XXIII Reunião Brasileira de Antropologia*. Gramado/RS, 2002.

³⁵ - Santos Neto afirma que entre 1880 e 1890, para atender a elite paulista e brasileira, os jesuítas trouxeram jogos recreativos com bolas de futebol no colégio São Luís de Itu, em São Paulo. Ver, SANTOS NETO, J. M. *Visão do Jogo: primórdios do Futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

³⁶ - Ainda que estudos apontem a desmistificação de Charles Miller como "pai do futebol brasileiro", reconhecemos suas importância enquanto grande divulgador do esporte.

como integrantes da “elite” do futebol brasileiro³⁷, tais como: São Paulo Futebol Clube (1930), Fluminense (1902), Botafogo (1904), Flamengo (1911), Santos (1912), Corinthians (1913), Palmeiras (1914), entre outros times de grande expressão e repercussão nacional³⁸.

Ainda segundo Oliveira, o cenário econômico e os conflitos no mercado de trabalho colocaram a fundação dos clubes de futebol como parte do processo de modernização civilizadora pela qual o país enfrentava. Associadas ao capital internacional, as elites locais previam disciplinar o espaço público, por meio de princípios liberais. Apesar do objetivo de controlar a sociedade, nas três primeiras décadas do século XX o estado não realizou intervenções diretas no futebol.

E somente a partir do final dos anos vinte, com ênfase nos anos trinta, é que o Estado passa a intervir nas organizações esportivas. Sobre isso Silva diz

O interesse de representantes do governo federal nas atividades esportivas manifestou-se, inicialmente, sob a sua forma de participar do processo de profissionalização do futebol no país, justamente durante o chamado governo provisório. A reflexão sobre este e outros aspectos relacionados à trajetória da atividade futebolística no país guarda vínculos com interpretações das manifestações populares, compreendidas como símbolos de identidade nacional³⁹.

O autor afirma que “foi neste período que o futebol deixou de ser apenas atividade de lazer, para ser também atividade profissional”⁴⁰. Esse período marcou o futebol no Brasil, não apenas pela regulamentação das leis desportivas no país e da profissionalização adotada pelos clubes, mas também por reflexões acerca da prática do futebol, sobretudo enquanto esporte popular. Trabalhos de autores como Gilberto Freyre⁴¹ discutiam esse esporte no âmbito cultural do Brasil da década de 1930., sobretudo em suas crônicas articuladas em periódicos de grande circulação como *O Cruzeiro*⁴².

³⁷ - Entendemos por elite do futebol brasileiro os clubes que compõem continuamente a série A do campeonato brasileiro.

³⁸ - As informações referente a fundação dos clubes foram extraídas dos *sites* oficiais dos respectivos clubes.

³⁹ - SILVA, E. J., *A taça do mundo é nossa! O futebol como representação da nacionalidade*, p. 48.

⁴⁰ - SILVA, Eliazar João da. *O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Is: UNESP – Dissertação de Mestrado, 2000.

⁴¹ - Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record., 2001. Considerar ainda as crônicas assinadas por este autor na revista “O Cruzeiro” na década de 1940.

⁴² - A revista *O Cruzeiro* foi um dos principais periódicos circulados no século XX, destacando-se na introdução de novos meios gráficos e visuais na imprensa brasileira, com reportagens de grande repercussão e colunas que retratavam o cotidiano.

Diante disso, o futebol, antes entendido apenas como uma modalidade esportiva passa-se a caracterizar como manifestação da cultura de massa. Nesse contexto, o trabalho da imprensa foi fundamental na divulgação do esporte como cultura popular brasileira.

Sobre a legitimação desse esporte, Negreiros afirma que

A prática esportiva e sua disciplinarização não poderiam ser tratadas isoladamente, pois outros elementos apresentam-se como as questões do corpo e da educação. Por outro lado, não se poderia perder de vista que o Estado Novo faz parte do processo da chama Revolução de 1930, na qual novas camadas assumem o poder e passam a reestruturar o Estado com novas preocupações e interesses. Portanto, nesse período, a educação passou a ser vista de forma diferente, tornando-se um espaço estratégico na consolidação do Novo Estado, com a presença desses novos personagens. Paralelamente a essa questão, ocorreu a preocupação dos novos setores hegemônicos em construir uma ideia de nação e povo. Nessa construção, o futebol adquiriu uma grande importância⁴³.

Nesse sentido, a busca em construir o nacionalismo se fortalece nos esportes. Assim, o futebol passa a ganhar espaço nas diversas camadas da sociedade, tanto através dos interesses do governo, como pelo interesse individual e coletivo da sociedade brasileira. Segundo Silva,

A sua popularização e a sua conseqüente profissionalização em momento posterior, estão ligadas à sua absorção por diferentes camadas culturais. À medida que ele se tornou fenômeno popular de massa, não havia mais como ignorar sua influência como elemento que fazia parte dos hábitos e práticas cotidianas do país⁴⁴.

Temos consciência de que a década de 1930 foi marcada, não apenas pela popularização do futebol no Brasil, mas pela busca de uma nova identidade ao brasileiro⁴⁵. Novos hábitos e costumes adotados no cotidiano passam a ser observados através do exercício do esporte. Segundo Fassheber, dois pontos precisam ser considerados para essa paixão pelo futebol,

Em primeiro lugar, carrega uma certa ambigüidade: por um lado, as regras comuns dão uma equidade de prática numa sociedade desigual e por outro propicia uma

⁴³ - NEGREIROS, P. J. L., *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*, p. 217.

⁴⁴ - SILVA, E. J., *A taça do mundo é nossa! O futebol como representação da nacionalidade*, p. 217.

⁴⁵ - Na década de 1930, várias análises foram realizadas em torno do conceito de identidade nacional na busca de uma (re) definição da identidade do brasileiro, através de símbolos nacionais. A este respeito ver, entre outros, LIMA, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1962. Sobre uma discussão historiográfica acerca desta temática, ver REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

identidade de grupos que pode ser expressa em torno de uma equipe comum diferenciando-se de outras equipes, caso da rivalidade entre os praticantes⁴⁶.

Para Daolio, o futebol simboliza uma prática de igualdade,

Não estamos afirmando que o Futebol sempre ocorre num clima de igualdade, mas sim que as regras foram elaboradas visando a esta igualdade. Igualdade que a massa torcedora sabe que não tem no seu trabalho, na sua cidade, no seu lazer, enfim, em sua vida fora dos estádios. No Futebol, essa possibilidade de igualdade, por mais remota que possa ser na vida, estaria sendo dramatizada, exercitada, enfim, atualizada pela população⁴⁷.

Este autor aponta ainda outras questões para dar ênfase à questão de igualdade, como a livre escolha dos torcedores, que quando não ocorre influência familiar, possui total liberdade para escolher o clube que irá torcer "por isso, em uma mesma torcida ou em uma equipe, vemos não apenas pessoas de lugares diferentes, mas vindas de classes sociais, cores e credos diferentes"⁴⁸, extrapolando, limites locais, estaduais e em alguns casos nacionais.

Seja a escolha por uma equipe profissional de grande repercussão nacional, ou seja, pela equipe local, "tal decisão evoca uma identidade de um grupo em torno da equipe, diferenciando-os e rivalizando-os com outras pessoas e ou grupos que evocam, outras identidades, outros pertencimentos".⁴⁹

Um dos fatos decisivos para a difusão da popularidade do futebol é a facilidade de adaptar-se a várias condições, seja em campos oficiais, terrenos de terra batida, ruas, várzeas; nos bairros, aldeias; com bolas de couro ou qualquer outro objeto que possa substituí-la. Nos jogos informais as regras podem facilmente serem adaptadas, por meio da espontaneidade do grupo. O prazer de jogar futebol, vai além do evento esportivo enquanto um ritual e, sobretudo através dessas possibilidades de adaptações, "da mesma maneira que o esporte bretão conquistou o mundo, conquistou também os indígenas"⁵⁰, em especial os *Guarani* e *Kaiowá* de Dourados, conforme veremos adiante.

⁴⁶ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 96.

⁴⁷ - DAOLIO, J., *Cultura: Educação Física e Futebol*, p. 105.

⁴⁸ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 96.

⁴⁹ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 97.

⁵⁰ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 97.

1.2. Breves considerações sobre jogos indígenas e tradicionais

Os estudos acerca da prática do futebol entre os indígenas são resultados dos avanços da história indígena no Brasil e da expansão das fontes históricas que possibilitaram o acesso aos novos objetos e abordagens.

No que concerne ao futebol entre os indígenas do Brasil, percebe-se que é preciso ainda desenvolver pesquisas mais específicas. Parte significativa do que se sabe sobre o assunto vêm de relatos jornalísticos, documentos de ações indigenistas, depoimentos de indivíduos ou comentários ligeiros de pesquisadores interessados em outros temas⁵¹.

É comum associar o futebol oficial como esporte, inicialmente destinado às elites, que caiu também no gosto das camadas sociais menos favorecidas e ao pensar neste esporte como elemento de manifestação cultural brasileira, entendemos o que Ginzburg disse a respeito de cultura, compreendendo-a como um conjunto de hábitos, de atitudes, crenças e códigos próprios de uma determinada população, independente da origem social.⁵²

Entretanto, o futebol inserido na cultura indígena é pouco associado entre estudiosos e pesquisadores. Nesse sentido, compreendemos que “a adesão indígena à linguagem do futebol e do esporte em geral é fenômeno complexo e multifacetado, sobre o qual a reflexão concentrada existente é pouca⁵³”. Neste sentido, verificamos que poucos são os estudos sobre o futebol entre os povos indígenas que privilegiam uma investigação sistemática, com referência às discretas exceções de trabalhos que mencionaram a temática⁵⁴. Segundo Vianna,

As relações entre índios e futebol merecem observações em, no mínimo três domínios. Primeiro representações e associações simbólicas que, no interior da cultura esportiva contemporânea, são suscitadas pelos índios, seus jogos, suas eventuais condições de esportistas e todo o intrincado imaginário que ainda costuma

⁵¹ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 28.

⁵² - GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

⁵³ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 29.

⁵⁴ Entre as reflexões sobre a relação dos indígenas com o futebol destaquem-se: ALTENFELDER, Fernando Silva. *Mudança cultural dos Terena*. Rev. dos Mus. Paulista, N.S., 3, São Paulo, 1949 e OBERG, Kalervo. “The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso”. *Publication of the Institute of Social Anthropology of the Smithsonian Institution*, Washington, 9, 1949, em referência aos Terenas-MS; REIS, Francisco Carlos Oliveira. *Aspectos do contato e formas socioculturais da sociedade Akwë-Xerente (Jê)*. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social), UnB, 2001, que tratou do esporte no caso xerente (TO); FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Educação Física – Universidade de Campinas, 2006, que apresentou uma tese sobre o conceito de Etno-desporto indígena e o futebol entre os Kaingang de Palmas-PR.

torná-los, de modo alternado ou combinado, como “nobres guerreiros”, “primeiros brasileiros”, “homens livres e naturais”, “inocentes como crianças”, “selvagens” – no que seria o oposto, em certos sentidos sempre atualizados, de “nós”. Segundo, a promoção de eventos que levam a reunir-se nas cidades e demonstrar para públicos urbanos suas habilidades em jogos ditos “tradicionais” e em práticas esportivas mundialmente difundidas, com destaque para o próprio futebol... Terceiro, os significados dessa modalidade e de outros jogos e esportes para os próprios índios, domínio em que não se pode desconsiderar nem as especificidades de povos indígenas distintos, nem suas semelhanças e história em comum⁵⁵.

Diante dos apontamentos expostos por Vianna, notamos que o futebol não se configura como prática estritamente local. É preciso considerar a circunscrição de grupos étnicos e sociais. Desse modo, a compreensão do futebol como um esporte praticado entre os indígenas do Brasil, configura-se um tema complexo, tornando-se necessário a concentração de um grupo étnico.

Sabemos que o futebol, assim como outros elementos de manifestação cultural, conta com a participação de diferentes grupos e camadas sociais e nesse sentido pensamos em como se constrói a identidade no Brasil diante de culturas tão diversas, sobre isso Chartier diz,

Na questão pode-se ver a idéia da fragmentação de uma realidade cultural no Brasil, contextualizada nos níveis regionais ou sócio-econômicos. Implicitamente também está a idéia de uma sociedade que, a partir do entrecruzamento das culturas, tem produzido formas de alianças, de mestiçagens, de hibridações culturais que existem de maneira reduzida na Europa. A questão quer opor esta situação à realidade européia e ver se essa diferenciação não deve conduzir também a diferenças de metodologias, de conceitos, de categorias. (...) Parece-me que o percurso é o mesmo: reconstruir, com os critérios de diferenciação, a diferença entre as práticas e as representações de cada comunidade. (...) Certamente há no Brasil uma dimensão que vem da história e que imediatamente se vincula a dimensão étnica das populações diversas que constituíram a sociedade brasileira⁵⁶.

Nesse sentido, vislumbra-se verificar a importância de compreender a cultura indígena a partir de seus próprios critérios de diferenciação e das distintas possibilidades de representação cultural que o futebol pode apresentar no interior de uma etnia.

Segundo Fasseber, o jogo “tem sua origem na representação do ritual religioso”⁵⁷, uma vez que “o próprio culto é uma espécie de ritual de recreação. O autor afirma que a religião não é um jogo, mas que ambos seriam fatos sociais e apresenta as diferenças estruturais compreendidas por Lévi-Strauss,

⁵⁵ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 26.

⁵⁶ Entrevista com Roger Chartier In: *Pós-História: Revista de Pós Graduação em história*. UNESP/Assis, 1998, p.13-14.

⁵⁷ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 75.

O jogo aparece [...] como *disjuntivo*: ele resulta na criação de uma divisão diferencial entre os jogadores individuais ou das equipes, que nada indicaria, previamente, como desiguais. Entretanto, no fim da partida, eles se distinguirão em ganhadores e perdedores. De maneira simétrica e inversa, o ritual é *conjuntivo*, pois institui uma união (pode se dizer aqui, uma comunhão) ou, de qualquer modo, uma relação orgânica entre dois grupos (que, no limite, confundem-se um com a personagem do oficiante, o outro com a coletividade dos fiéis) dissociados no início. No caso do jogo, a simetria é préordenada; ela é estrutural, pois decorre do princípio de que as regras são as mesmas para os dois campos. Já a assimetria é engendrada: decorre inevitavelmente da contingência dos fatos, dependam estes da intenção, do acaso ou do talento. No caso do ritual, ocorre o inverso: coloca-se uma assimetria preconcebida e postulada entre profano e sagrado, fiéis e oficiantes, mortos e vivos, iniciados e não-iniciados etc., e o ‘jogo’ consiste em fazer passarem todos os participantes para o lado da parte vencedora, através de fatos cuja natureza e ordenação têm um caráter verdadeiramente estrutural⁵⁸.

Nesse sentido, compreendemos a reflexão de Fassin sobre jogos e estendida ao caso do futebol entre ritual e recreação, quando afirma não se tratar “do mesmo ritual do sentido religioso, mas como prática social dessacralizada” que possui parentescos com o estado religioso⁵⁹. Sendo que, traços comuns apresentam-se, principalmente, na aproximação dos indivíduos e as motivações que os levam a defender um ideal comum. Ainda segundo o autor, no caso das práticas tradicionais executadas pelos indígenas, as culturas de povos indígenas contemplam uma noção integradora do universo, mas cada povo tem sua própria noção cosmológica e ritualística⁶⁰. Assim os jogos tradicionais indígenas

são atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e, portanto congregam em si o mundo material e imaterial, de cada etnia. Eles requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégias e/ou chances [sorte]. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para a vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou a formação de guerreiros⁶¹.

⁵⁸ - LÉVI-STRAUSS, C., *O pensamento selvagem*, p. 48.

⁵⁹ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 77.

⁶⁰ Sobre práticas tradicionais indígenas conferir, ROCHA FERREIRA, M. B. et al. Jogos Tradicionais Indígenas. In: COSTA, L. P. (org.) *Atlas do Desenvolvimento do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005. (edição bilíngüe).

⁶¹ - ROCHA FERREIRA, M. B & VEIGA, J., *Anais do 6º Encontro sobre escrita e leitura em Sociedades Indígenas: Desafios atuais da Educação Escolar Indígena*, p.36.

E a partir dessa aproximação através dos jogos, é possível estabelecer a “idéia da junção entre jogos tradicionais e rituais sagrados em diversas culturas”⁶², uma vez que, os jogos podem originar-se dos ritos evocados. Conforme afirma Fassheber

A diversidade de jogos praticados pelos ameríndios é ainda imensurada. Mesmo para elementos comuns - o arco e flecha, seu aprendizado e treinamento pelos meninos para a caça e para a guerra parecem ser o melhor exemplo - as formas de utilização, os espaços, os tempos e os significados traduzem uma diversidade ainda por ser relatada⁶³.

Apesar dos esportes tradicionais indígenas serem poucos contemplados em pesquisas e produções acadêmicas, Fassheber nos lembra que alguns jogos já foram inventariados por pesquisadores, “como exemplos temos a corrida de Toras (Nimuendajú, [1934] 2001; Vianna, 2002), o Joga Bunda e a Peteca Kadiwéu, a peteca Guarani (Vinha, 1999 e 2004)”⁶⁴.

No caso dos jogos com bola, apontados como precursores do futebol, as descrições mais antigas apresentam suas origens na China⁶⁵.

Muitos são os estudos que se dedicam a explorar as origens da prática do futebol no mundo. As regras do futebol que conhecemos, segundo Saldanha⁶⁶, foram criadas na Inglaterra do século XIX. Entretanto, algumas pesquisas apontam que o esporte era praticado anteriormente com outras formas e adaptações⁶⁷.

Podemos afirmar que desde os mais remotos tempos o homem pratica jogos, sendo essas práticas integrantes das mais variadas culturas existentes no mundo⁶⁸. Ao longo do tempo e em distintas culturas, os jogos com bola sofreram transformações até chegar à

⁶² - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 80.

⁶³ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 77.

⁶⁴ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 79.

⁶⁵ Sobre a prática dos jogos com bolas na antiguidade conferir, GIULIANOTTI, R. *Sociologia do Futebol: dimensões históricas e sócio-culturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

⁶⁶ - SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

⁶⁷ Ver, FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁶⁸ - Sobre as origens dos jogos com bola, ver AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

definição do futebol conhecimento e propagado pelos ingleses, com as regras estabelecidas em 1863.

A prática de jogos com bola é relatada desde o século III a. C. através do *tsu-chu*⁶⁹ praticado na China. No século II o *tsu-chu* foi importado para o Japão e, entre outras resignificações, recebeu a denominação de *kemari*⁷⁰. Com o passar dos séculos os jogos com bolas foram ganhando novos espaços e novas adaptações⁷¹.

O historiador Felipe Dias Carrilho afirma que, além das semelhanças, as diferenças presentes nessas práticas com bolas são fundamentais para que possamos buscar a compreensão da singularidade do futebol para os seus praticantes antepassados⁷². Nesse sentido, apontamos uma importante distinção entre as práticas esportivas anteriores e o futebol atual, a sua forma de propagação. Enquanto o futebol possui um extenso código de regras e condutas escritas e regulamentadas através de registros impressos, as modalidades com bolas praticadas pelos antepassados eram transmitidas através das tradições orais de seus povos, “assim, o que podemos concluir é que cada uma das práticas [...] correspondia a uma dada realidade cultural das regiões onde se desenvolveu⁷³”.

Alguns esportes considerados modernos, resultam do “processo de esportivação do jogos tradicionais⁷⁴”, uma vez que a definição de regras é que define a padronização esportiva. Sabemos que “desde que os jogos tradicionais se diferenciaram e se tornaram 'esportes', ambos tomaram direções específicas, mantendo o primeiro seu

⁶⁹ - O *tsu-chu* é um exercício militar que objetivava acertar com pontapés uma bola de couro em um espaço delimitado por bambu, carregado de representações e simbologias para a sociedade praticante. Sobre isso ver, CARRILHO, F. D., *Futebol uma janela para o Brasil: As relações entre o futebol e a sociedade brasileira*, p. 17-18.

⁷⁰ - O *kemari* é conhecido como o futebol ancestral japonês e na tradução livre significa chutar a bola.

⁷¹ - Com o passar dos séculos os jogos com bolas tomaram novas formas, regras e adaptações. Entre os exercícios e modalidades que se aproximam do futebol convencional que conhecemos, citamos o *tlachli* da América Central aproximadamente a 900 a. C., o *epyskiros* na Grécia, desde o século IV a. C., o *harpastum* em Roma, no século III a. C., o *soule* na França do século XII, o *cálcio* na Itália no século XVI, entre outras práticas. Ver CARRILHO, F. D., *Futebol uma janela para o Brasil: As relações entre o futebol e a sociedade brasileira*, p. 17-21.

⁷² - CARRILHO, F. D., *Futebol uma janela para o Brasil: As relações entre o futebol e a sociedade brasileira*, p. 21.

⁷³ - CARRILHO, F. D., *Futebol uma janela para o Brasil: As relações entre o futebol e a sociedade brasileira*, p. 21.

⁷⁴ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 91.

caráter de informalidade e o segundo pelos processos de institucionalização e universalização⁷⁵".

1.3. Notas sobre a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá

Em nosso trabalho, buscamos compreender os sentidos da prática de futebol entre os Guarani e Kaiowá de duas aldeias, Bororó e Jaguapiru⁷⁶, localizadas no município de Dourados⁷⁷, Reserva Francisco Horta Barbosa⁷⁸.

Para tanto, abordaremos algumas considerações sobre a organização social desta etnia.

As populações guaranis pertencem ao tronco linguístico tupi, da família linguística tupi-guarani e costumam ser genericamente denominados de Guarani. No Brasil se dividem em três etnias distintas: os Nandeva, popularmente conhecidos como Guarani; os Kaiowá, que no Paraguai são chamados de Pãi Tavyterã, e os Mbya. As semelhanças linguísticas entre os subgrupos é o principal motivos de terem sido todos englobados em uma mesma terminologia⁷⁹.

Segundo Cavalcante,

Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, é muito comum ouvir pessoas de vários meios sociais, incluindo a imprensa, acadêmicos e governos, referirem-se aos povos

⁷⁵ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 92.

⁷⁶ Salientamos que nas duas aldeias indicadas compreendem ainda indígenas da etnia Terena.

⁷⁷ O município de Dourados está localizado a 22° 13' 16 "S" de latitude e 54° 48' 20 "W", no centro-sul do estado de Mato Grosso do Sul. Possui limites com os municípios de Itaporã e Douradina ao norte, Deodópolis a leste, Caarapó ao sul e Ponta Porã a oeste. É considerado o centro administrativo e regional da Grande Dourados, capital econômica do estado e a maior cidade do interior do Mato Grosso do Sul. Em sua extensão territorial, abrange duas grandes terras guarani, Francisco Horta Barbosa e Panambizinho. Sobre terras indígenas na região de Dourados sugerimos, PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto. *Associações indígenas: um estudo das relações entre Guarani e Terena na Terra Indígena de Dourados-MS*. 2007 (Mestrado em Antropologia). UFPR, Curitiba.

⁷⁸ Após a segunda metade do século XX, com a chegada das frentes colonizadoras foram instituídas as primeiras reservas indígenas na região sul do, então, Estado de Mato Grosso do Sul. O Serviço de Proteção ao Índio atendendo a territorialização indígena, recolheu as comunidades indígenas em reservas na região. Em resposta a imposição dos aldeamentos, surgiram novas formas de organização como os acampamentos e ocupações indígenas situados à margem das rodovias. Sobre as modalidades de organização e mobilização das comunidades indígenas Guarani e Kaiowá, sugerimos: LUTTI, Aline Castilho Crespe. *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowa no município de Dourados - MS: (1990-2009)*. Dourados, 2009. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados.

⁷⁹ LUTTI, A. C. C., *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowa no município de Dourados - MS: (1990-2009)*, p. 20.

Guarani-Kaiowá, conotando a ideia de que os Guarani e Kaiowá sejam um único grupo. No entanto, somente os Nandeva é que se autodenominam como Guarani, na realidade, o que se tem são dois grupos distintos (Nandeva/Guarani e Kaiowá) que frequentemente, a contragosto são tratados como se fossem um único⁸⁰.

De acordo com os estudos de Méliá⁸¹, Brand⁸², entre outros, os índios Guarani e Kaiowá organizam-se socialmente, prioritariamente, através da família extensa que reúne as famílias nucleares constituídas pelo pai, mãe e filhos. “Ela é um núcleo ao mesmo tempo político, social, econômico e religioso, e organiza-se a partir da centralidade promovida pelos mais velhos”⁸³ o “*tamõi* (avô) e a *jari* (avó) ou o *tamõi guasu* (bisavô ou tataravô) e a *jari guasu* (bisavó ou tataravó)”⁸⁴.

Segundo Mura as famílias extensas constituem-se até a terceira geração. O chefe da família se pauta na religiosidade e as reuniões entre diferentes famílias extensas ocorrem na liderança de um chefe religioso que obtém o prestígio de todas as famílias “garantindo a identificação entre elas, constituindo assim, o *tekoha*”⁸⁵.

As famílias nucleares que foram a parentela se colocam de maneira “esparramada” no território ocupado, o que nos leva a considerar certa autonomia das famílias cotidianas. Porém, esta distância é aquele que pode ser percorrida diariamente pelos parentes que se visitam por motivos diversos, realizando a mobilidade tradicional⁸⁶.

⁸⁰ CAVALCANTE, T. L. V., *Tomé: o apóstolo da América. Índios e Jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações*, p. 21.

⁸¹ MELIÀ, Bartomeu – 1986. *El Guarani conquistado y reducido: Ensayos de etnohistoria*, Biblioteca Paraguaya de Antropología, Vol.5. Centro de Estudios Antropologicos. Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”. Asunción. 1993.

⁸² BRAND, Antonio. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da Palavra*. (Tese de doutorado em História) PUC/RS, 1997.

⁸³ LUTTI, A. C. C., *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowa no município de Dourados - MS: (1990-2009)*, p. 22.

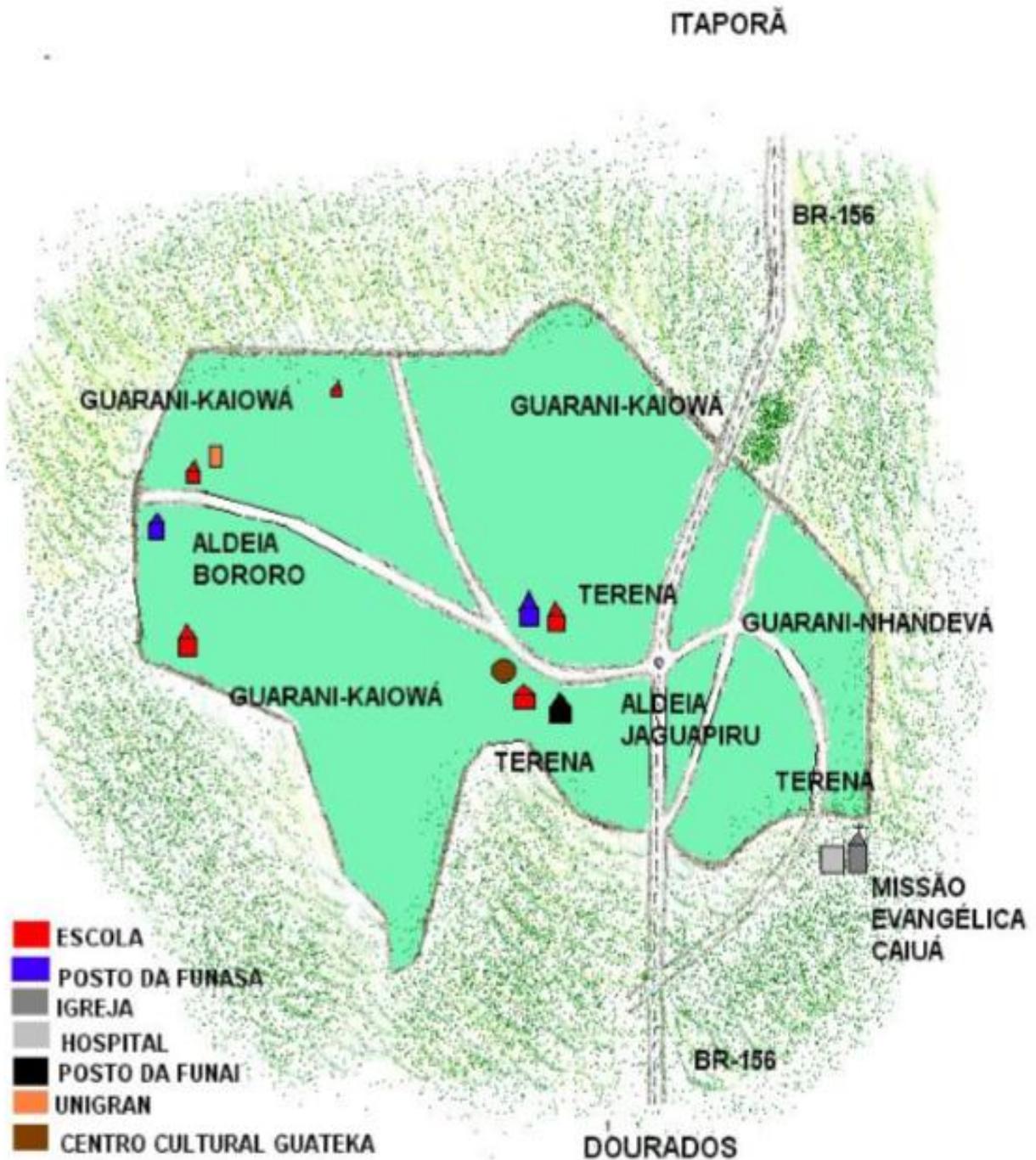
⁸⁴ MURA, F., *À procura do “bom viver”. Território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa*, p. 11.

⁸⁵ LUTTI, A. C. C., *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowa no município de Dourados - MS: (1990-2009)*, p. 22.

⁸⁶ LUTTI, A. C. C., *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowa no município de Dourados - MS: (1990-2009)*, p. 23.

Estima-se que, aproximadamente quatorze mil indígenas vivam aldeados em uma área de 3.474,5953ha entre os municípios de Itaporã e Dourados⁸⁷.

Mapa 01 - Croqui da Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa



⁸⁷ Dados extraídos da avaliação qualitativa realizada pelo IMASUL para levantamento do ICMS Ecológico do período de 2012-2013. Documento arquivado na Coordenação Regional da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, com sede em Dourados-MS.

No momento em que o futebol é considerado um elemento de manifestação cultural dos Guarani e Kaiowá, possibilita-se a busca de novas perspectivas e experiências na vida dos jogadores e apreciadores. Assim, ao conduzir o futebol como importante prática esportiva auxiliar na qualidade de vida, o esporte pode torna-se elemento de identidade indígena também no futebol, ou seja, parte de um capital simbólico de valorização positiva ou negativa do ser humano que precisa adaptar-se e ser reconhecido socialmente, como afirma Sandra Jatahy Pesavento⁸⁸.

Nesse sentido, o uso das fontes orais é de suma importância, pois as entrevistas com jogadores são fundamentais para o processo de identificação da prática do futebol na cultura indígena. Através das transcrições das gravações, buscamos analisar o espaço dedicado ao futebol dentro de uma cultura já estabelecida com a apreciação de outros jogos, ritos e lazeres. Nesse aspecto, compreendemos a representação do futebol no lazer e na sociabilidade desses grupos. Ainda, um espaço de catarse e as contribuições do esporte no interior dessas comunidades.

Conforme afirma Vianna, a interpretação da prática do futebol entre os indígenas deve ser concentrada nas etnias, de forma que seja possível considerar os elementos culturais de cada uma delas e relacionar as referências culturais e relações que compõe a vida social indígena.

Nesse contexto entendemos que “o esporte não é apenas copiado ou imitado, mas sim incorporado no sentido de que ele ganha significado próprio em cada cultura indígena, dentro da tradição, e a partir das explicações míticas”⁸⁹.

Através de depoimento oral o guarani Gerson de Souza Silva⁹⁰, atual diretor do Departamento de Esportes da Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas e coordenador esportivo da aldeia Jaguapiru, nos conta que, segundo relatos de seu falecido pai, a expansão da prática do futebol entre os indígenas de Dourados ocorreu em período posterior a territorialização indígena que recolheu as comunidades em reservas na região. O entrevistado diz,

⁸⁸ PESAVENTO, S. J., *História e história cultural*, p. 90-91.

⁸⁹ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 100.

⁹⁰ - Dentre as indagações realizadas que conduziram nossa entrevista, questionamos *Quais os relatos mais antigos sobre a prática? Em que locais o futebol era praticado? Qual a lembrança mais antiga relacionada ao futebol? Seu pai praticava este esporte?*

Meu pai costumava contar que a única alegria que sobrou para o nosso povo era correr atrás da bola. Nossos irmãos todos acostumados a caçar, pescar, tirar a vida, da terra mesmo [...] Não é fácil de uma hora para outra você ter que viver em um lugar que o irmão não tem alegria pra viver [...] A bola de hoje é bonita, toda desenhada, mas a mulecada corre mesmo é atrás de qualquer coisa que corre pelos pé. Então antigamente aqui era a coisa mais bonita de ser ver, aquela bola correndo. [...] Mas os nossos patrícios correm com a bola nos pé a muito tempo. Com os anos passando a gente também criou nossos treinos para deixar os muleques mais prontos, pra jogar fora também. Mas índio desde quando é índio corre muito. Porque desde cedo aprender a correr com força para sobreviver, para trabalhar⁹¹.

Questionado sobre os espaços destinados ao futebol na comunidade indígena, nos contou ainda que

Quando o menino é novo, forte, ele corre atrás da bola em qualquer lugar. Se tiver mais uns irmãos juntos já dá um jogo. Campinho tem aos montes aqui sabe. Jogo organizado que nem esses que a gente faz hoje não tinha não. [...] Os irmãos jogavam para passar o tempo, esquecer uns problemas. Hoje a gente organiza os irmãos, convida autoridades, faz os contatos da gente, mas antes o pessoal só queria esquecer os problemas da cabeça⁹².

Ao ser indagado sobre as lembranças da infância, o entrevistado passa a produzir narrativas de memória, de identidade. Nesse sentido, demonstra saudosismo e reflete a situação atual dos meninos indígenas e a dificuldade dos meninos de sua geração, que apreciavam o futebol, mas não possuíam oportunidades de treinar em clubes amadores e profissionais.

Muleque [...] Lembro muleque correndo tudo isso aí oh [...] Eu joguei muita bola viu. Jogava e muito irmão e os patrícios da gente vinha ver o jogo. Teve uma geração nossa que tinha um sonho bonito. Os meninos que a gente treina hoje também tem sonho, diferente, com seu valor também [...] Mas é que não tinha esse negócio de treinar fora, ir para os treinos melhores um pouco. Nossa oportunidade era aqui, de fazer bonito para nossa gente aqui, na nossa terra. Tem um sentimento de orgulho muito grande viu? [...] Eu lembra nossa força. Quando menino novo ainda, ficava olhando em pé nossos patrícios jogar, chegava perto do campo e ali ficava o dia todo, se não tivesse né, uma atividade, uma obrigação dos pais da gente. [...] Meu pai e os irmãos da gente, chegavam do trabalho. Porque muitos trabalhavam aqui e fora né? [...] Ia juntando os patrícios e o pessoal já ia correndo, até alguém chegar com uma bola. Não é uma bola dessas bonitas que a gente vê hoje, a bola era murchinha, mas dava um jogo bonito. É como eu disse, muitos

⁹¹ - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

⁹² - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

passavam sofrimento dentro e fora da aldeia, então o futebol era a forma de esquecer um pouco, ter aquele pouco de alegria também né⁹³?

Verificamos pelo depoimento que o futebol já era praticado entre os Guarani e Kaiowá anterior ao período indicado, aproximando-nos com reflexão semelhante a de Fassheber entre os Kaingang, de que o futebol é tão antigo para os indígenas quanto para os demais brasileiros, uma vez que “correriam com as bolas nos pé” independe das regras que padronizam o esporte.

No depoimento também é possível confirmar a hipótese de que os índios são “bons corredores”, aproximando-nos da reflexão de Vianna de que no imaginário da cultura futebolística brasileira, apelidos ou associações com a palavra índio- *atacar como um índio* – transmite a ideia de bons corredores indígena⁹⁴.

Segundo Vianna,

O fato de ser indígena, precisamente, essa vida social poderia levar a supor, por força de um velho imaginário, que estaremos diante de algo exótico à percepção e à consciência do homem ocidental contemporâneo. Entretanto, um futebol que aparecesse transfigurado em seus sentidos costumeiros, evocando imagens fáceis de selvageria, primitivismo, dimensões místicas, sobrenaturais, ou mesmo merecedor de ser logo caracterizado como ritualizado, fica longe destas páginas [...] Dentro ou fora dos limites escritos do campo de jogo, são semelhantes aos daqueles como qual gostando ou não, estamos familiarizados - das "peladas" assistidas ou praticadas, da televisão, dos estádios. Semelhantes não é o mesmo que iguais, o que pode fazer toda a diferença⁹⁵.

Entretanto, verificamos que a prática do futebol possui as mesmas regras e normas esportivas dos campos não indígenas, diferenciando apenas a formação de times e competições entre os grupos étnicos nos jogos ditos populares, com um organização informal que será discutida no capítulo seguinte.

1.4. Os espaços esportivos e de lazer das aldeias Bororó e Jaguapiru

Sobre os espaços esportivos da Reserva Francisco Horta Barbosa, buscamos identificar a estrutura dos campos destinados aos jogos de futebol e constatamos que os campos usuais são terrenos de terra batida adaptado para a prática do esporte.

⁹³ - Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

⁹⁴ - Sobre a linguagem popular do futebol na cultura futebolística brasileira, ver CAPINUSSÚ, José Maurício. *A linguagem popular do futebol*. São Paulo: Ibrasa, 1988.

⁹⁵ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 31.

Os chamados “campinhos” são os espaços considerados oficiais para a prática do futebol atual entre os indígenas. Durante o reconhecimento dos espaços, identificamos três “campinhos” que são referências para a prática dos jogos de futebol organizados dentro das aldeias, uma vez que qualquer chão de terra batida pode servir para que os Guarani e Kaiowá brinquem com a bola.

A localização do principal campo de futebol utilizado entre os indígenas destas reservas fica próximo a Rodovia MS 156, e é também conhecido como “Campo da Rotatória”, pois a referência de localização é uma das rotatórias que possibilitam acesso à Reserva.

Imagem 01- Imagem de satélite feita em junho de 2013. Através dela podemos visualizar o campo principal dos jogos de futebol entre os indígenas, localizado na Aldeia Jaguapiru. No alto à esquerda vemos a segunda rotatória no trecho da comunidade indígena que liga os municípios Itaporã-Dourados. Entre o trecho da rodovia e o campo, verificamos residências de famílias indígenas. Essa área aberta, ainda à esquerda, é o local de aglomeração dos torcedores indígenas e não-indígenas nos jogos.



Fonte: Google Earth.

No “campo da rotatória” é que ocorrem os treinos da escolinha de futebol “Unidos da Jaguapiru”. Sob a responsabilidade do Gerson de Souza Silva, conhecido popularmente como “Gersinho”, aproximadamente cento e dez crianças e adolescentes frequentam os treinos de futebol em períodos alternados.

Imagem 02 - Em 13 de setembro de 2013 meninos posam para foto, após encerramento do treino de futebol da Escolinha Unidos da Jaguapiru, com atividades no "campo da rotatótia", sob a supervisão do treinador Gerson dos Santos Silva.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A “Unidos da Jaguapiru”, nasceu em meados de 1998 a partir do esforço do indígena “Gersinho”, destacado apreciador do futebol e jogador de times estaduais que carregava o sonho de crescer profissionalmente no futebol. Mas alguns obstáculos na vida pessoal impediram a realização deste objetivo, porém a vontade de ter o futebol como parte de sua vida continuava vivo. Decidiu que o seu sonho poderia se realizar a partir de outros jovens indígenas da aldeia. Esse ex-jogador de futebol decidiu seguir treinando os meninos da aldeia, com a esperança de um dia ver seus jogadores se destacarem nos campos afora.

Até o ano de 2006 os treinos eram realizados uma vez por semana em dias alternados, conforme a disponibilidade do treinador. Com a visível expansão deste esporte nas aldeias Jaguapiru e Bororó, os treinos passaram a realizar-se às terças-feiras no período matutino e às quintas-feiras no período vespertino. A partir do ano de 2011, com o frequente aumento da demanda, alterou-se para, terças e quintas-feiras no período vespertino e aos sábados no período matutino. Atualmente, os treinos ocorrem todos os dias da semana, exceto na segunda que é um dia reservado pelo treinador para captações de recursos do projeto. Apesar do

campo localizar-se na aldeia Jaguapiru, atualmente, a “Unidos da Jaguapiru” treina crianças das duas aldeias localizadas na Reserva Francisco Horta Barbosa.

Os dias de treinos são aguardados com ansiedade, ali os meninos podem desenvolver suas habilidades e trocar experiências com o treinador. Para participar dos treinos o indígena precisa cumprir alguns requisitos, como estar matriculado na escola e procurar obedecer as ordens dos pais dentro de casa. Essas são regras que o treinador exige com muito rigor.

Imagem 03 - Em 02 de março de 2013 o jogador Geanderson Fernandes Machado (de camiseta branca), em período de preparação para testes no clube paulista Itararé. Juntamente com outro colega indígena, Geanderson treina no campo da rotatória, sob a supervisão do treinador Gerson dos Santos Silva após o horário de treino da "Unidos da Jaguapiru".



Fonte: Arquivo Pessoal.

Durante o tempo que o indígena treina na “Unidos da Jaguapiru” o treinador tenta incluí-lo em testes e seleções para times estaduais e bons frutos já foram colhidos desses treinos, como é o caso do jogador kaiowá Geanderson Fernandes Machado, atual lateral

esquerdo do clube paulista Associação Atlética Itararé⁹⁶, treinou na “Unidos” e a partir do trabalho de Gerson de Souza Silva, o atleta já treinou e atuou em vários clubes estaduais, como o Operário Atlético Clube (Dourados-MS), Clube Desportivo Sete de Setembro (Dourados-MS), Esporte Clube Águia Negra (Rio Brilhante-MS) e Itaporã Futebol Clube (Itaporã-MS). Geanderson Fernandes Machado traz consigo, como maior herança da “Unidos da Jaguapiru”, o orgulho de ser indígena. A valorização de sua cultura e suas raízes é outro ponto muito trabalhado na escolinha de futebol.

Imagem 04 - Nesta imagem, também de 02 de março de 2013, observamos o jogador Geanderson Fernandes Machado (camiseta branca), aquecendo para iniciar seu treino sob a supervisão do treinador. No fundo, é possível verificar as crianças e jovens se retirando do treino da “Unidos da Jaguapiru”.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Entre os meses de abril a dezembro do ano de 2011, acompanhamos os treinos da “Unidos da Jaguapiru” e neste período seis crianças, na idade de nove anos, foram

⁹⁶ - A Associação Atlética Itararé é um clube brasileiro de futebol da cidade de Itararé, localizada no interior do estado de São Paulo. Fundado em 20 de outubro de 1950, suas cores representativas são o azul e branco. A Associação Atlética Itararé nasceu da fusão de dois clubes tradicionais da cidade: o Grêmio Esportivo Ford e o Esporte Clube Bandeirantes. Em 1949, essas duas equipes se uniram para enfrentar o Clube Atlético Fronteira, que até então era a equipe mais estruturada. Em seu histórico, o clube possui 8 participações no Campeonato Paulista e atualmente disputa a série A-2 do Paulista. Dados extraídos do site oficial da Federação Paulista de Futebol, disponível em: <http://www.futebolpaulista.com.br/home>. Acesso em 13 de jul de 2013.

selecionadas para treinar no “Operarinho” de Dourados⁹⁷, enfatizando mais uma vez o esforço desse treinador que incentiva as crianças e jovens da Jaguapiru a valorizarem o esporte. O treinador relata que

A motivação para treinar esses meninos é ver as drogas longe. Hoje na aldeia tem muito problema com drogas. Eu tive irmãos meu, da minha família que se envolveram nesse caminho e é impossível tirar desse caminho depois. [...] O maior mau hoje dessas aldeia é as drogas. Isso acaba com o nosso povo e entrou aqui, se alastrou. Isso acaba com as família. [...]Hoje a aldeia oferece um caminho ruim também para nossos meninos. Não tem uma ocupação boa para o dia inteiro. Esse tempo que o menino está aqui treinando ele deixa de perder tempo com as drogas ou um serviço ruim [...] esse serviço seria se envolver com bandidagem, fazer coisa errada, roubar [...]. E se ele se interessa pelo futebol ele não quer parar de treinar, quer se destacar lá fora, fazer bonito em treinos e competições⁹⁸.

Desde 1998, Gerson de Souza Silva tem feito esse trabalho voluntariamente e muitas vezes necessita interromper o treino para executar suas atividades extracampo. Seu sonho é conseguir atuar profissionalmente como treinador desses meninos. A manutenção da escolinha é feita pelo treinador, que utiliza recursos próprios, contando as vezes com a colaboração da comunidade indígena na aquisição de bolas e outros materiais indispensáveis à prática do futebol. Apesar de estar nomeado Coordenador Esportivo da Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas desde 2013, a escolinha se mantém um projeto voluntário e sem fins lucrativos. Portanto, podemos dizer que, a partir disso, a “Unidos da Jaguapiru” sobrevive com todas as dificuldades que se apresentam.

Segundo o treinador, mais do que descobrir grandes jogadores, a “Unidos da Jaguapiru” tem como objetivo afastar os seus indígenas das drogas e outros agravantes que rodeiam a aldeia, para o treinador

se esses meninos não se envolverem no caminho das drogas e tiverem um rumo certo na vida, um emprego decente, o objetivo será conquistado, e se dali surgir um grande jogador famoso, que se dê bem na vida, aí é lucro, afinal a gente trabalha pra isso⁹⁹.

⁹⁷ Entende-se por “Operarinho” o time de base do Operário Atlético Clube de Dourados-MS que treina crianças e jovens de 8 a 16 anos.

⁹⁸ *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 13/09/2011.

⁹⁹ *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 13/09/2011.

Observa-se que o futebol traz perspectivas não apenas aos jogadores, mas a comunidade indígena em geral. Essas perspectivas ultrapassam as questões sócio-econômicas, que buscam a profissionalização e o reconhecimento dos atletas dentro e fora da comunidade, mas na contribuição do esporte enquanto importante elemento no combate às drogas e às práticas violentas e ilícitas disseminadas, principalmente, pelos jovens e adultos.

Outro grande incentivador do esporte na comunidade indígena é o guarani Livanir Machado Aquino que coordena a Escolinha de Futebol LEIDA Guateka que treina um grupo de 120 crianças guarani, terena e kaiowá e ainda a Liga Esportiva Indígena Douradense de Amadores LEIDA, que prepara os indígenas adultos para competirem em campeonatos externos¹⁰⁰. As atividades coordenadas por Livanir ocorrem no “campo da Bororó”, localizado na aldeia Bororó.

Imagem 05 - Imagem de satélite feita em junho de 2013. Através dela podemos visualizar o “campo da Bororó”, localizado na Aldeia Bororó. No alto à direita vemos parte da pista de atletismo da Vila Olímpica Indígena localizada em frente ao “campo da Bororó”.



Fonte: Google Earth.

O “campo da Bororó” não é utilizado apenas para os treinos da LEIDA, mas também como campo alternativo para as competições indígenas. O trabalho realizado por Livanir na

¹⁰⁰ Consideramos campeonatos externos as competições organizadas fora da comunidade indígena, para indígenas e também não-indígenas.

LEIDA possui melhores estruturas materiais, uma vez que o coordenador esportivo busca relações políticas que beneficiem seu projeto. Através de entrevista, Livanir nos conta que¹⁰¹

Eu corro atrás desse políticos tudinho aí [...] Porque em época de campanha eles vão nos campinho, prometem bola, uniforme, chuteira, ai chega uma coisa ou outra e nunca mais eles voltam. [...] Precisamos de incentivo sempre, incentivo pra manter nosso projeto, não uma camisa a cada dois anos [...] Meus meninos aqui eu corro atrás pra jogar bonito, quando sair na cidade ter uniforme [...] Nós temos tudo bonitinho aqui viu? Até que empresta uniforme para os meninos que treina em outros campos somos nós, porque a gente corre atrás pra fazer bonito também. Se não correr atrás nada acontece, você não vê a situação da Vila¹⁰²?

Em seu relato, Livanir lembra a Vila Olímpica Indígena que no ano de 2011 foi muito divulgada pela mídia como um dos grandes projetos do governo federal em benefício dos indígenas de Dourados.

Constatamos, através de informações da comunidade indígena e ainda através de notícia divulgada no Portal Brasil - informativo *on line* do Ministério dos Esportes (09 de maio de 2001) que nesta data, inaugurou a primeira Vila Olímpica Indígena do país, fundada com o propósito de contemplar o esporte nas aldeias indígenas do município de Dourados. Índios Guarani, Kaiowá e Terena ganharam um complexo esportivo, o que permitiria projetar perspectivas de um futuro melhor aos seus jovens, incentivados pelo esporte, em especial o futebol, tão apreciado entre os indígenas de Dourados.

A Vila Olímpica Indígena possui infraestrutura cujo valor do investimento é aproximado em R\$ 1,7 milhões do Ministério do Esporte. Se, antes, os indígenas contavam apenas com os precários campos de terra “batida” para praticar o futebol, passou a possuir um complexo esportivo com campo de futebol oficial e quadra de futebol *society* e ainda pista de atletismo e quadra de vôlei. A área de 29 mil metros quadrados que abrange a Vila Olímpica Indígena na divisa entre as aldeias Bororó e Jaguapiru foi doada por indígenas que também projetaram ali a esperança de novos incentivos aos seus jovens e a comunidade em geral.

¹⁰¹ Dentre as indagações que realizadas que conduziram esta entrevista questionamos, *Quais as motivações que o levaram a coordenar a LEIDA? Recebe algum tipo de incentivo financeiro? Com quais recursos o projeto é mantido em funcionamento?*

¹⁰² *Livanir Machado Aquino*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Bororó, Dourados-MS, 15/03/2013.

Imagem 06 - Imagem de satélite feita em junho de 2013. Através dela podemos visualizar a “Vila Olímpica Indígena”, localizado na divisa dos municípios de Dourados e Itaporã. No lado esquerdo visualizamos a quadra de futsal, à direita vemos a pista de atletismo e o campo de futebol.



Fonte: Google Earth.

Com uma construção de grande nível e a aposta do incentivo por parte do Governo Federal e Estadual a Vila Olímpica Indígena era considerada a grande obra capaz de mudar o cenário da aldeia Jaguapiru. Entretanto, o sonho indígena de progredir através do esporte ficou imóvel, junto à grande construção da “Vila” que por muito tempo encontrou-se fechada para atividades esportivas.

Em meados de novembro de 2011, algumas denúncias sobre o funcionamento da Vila Olímpica Indígena foram divulgadas em informativos *on line* no estado de Mato Grosso do Sul. Artigos publicados no site Campo Grande News foram compartilhados por outros informativos on line, repercutindo ainda em *sites* e *blogs* de projeção nacional, como o Portal G1 das empresas Globo¹⁰³.

Essas denúncias enaltecem uma revolta há muito tempo construída no interior da comunidade indígena, que por falta de incentivos e recursos que privilegiem a manutenção da

¹⁰³ Tais denúncias são encontradas nos sites: Campo Grande News, <http://www.campograndenews.com.br/artigos/vila-olimpica-indigena-de-dourados-sem-pai-e-sem-mae>. Acesso em 14 out 2011; Dourados News, <http://www.douradonews.com.br/dourados/item/22111-inaugurada-e-ainda-ociosa-vila-ol%C3%ADmpica-ind%C3%ADgena-agora-procura-um-gestor-nacional>. Acesso em 01 set 2011. Portal G1, <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/07/impasse-prejudica-funcionamento-da-vila-olimpica-indigena-em-ms.html>. Acesso em 01 set 2011;

estrutura olímpica, ainda não contemplaram de fato os benefícios que uma obra como esta pode agregar à sua comunidade.

Entre as maiores reclamações da comunidade, Livanir ressalta que

Não existe possibilidade de jogar bola naquele campo da Vila não. É todo cheio de buracos, nem os adultos conseguem correr ali, imagina as crianças o tanto que se machucam [...] E é toda mal feita, porque a pista é de asfalto, é uma judiação isso, e aí quando tem evento de fora eles querem que os índios joguem ali, mas nosso campo não é esse não. [...] A Vila serve pra meninada brincar, pra fazer os eventos, mas pra jogar não dá não [...] E ninguém quer treinar ali viu, até porque só fica bonitinho quando tem gente de fora tirando foto¹⁰⁴.

Por muito tempo, indígenas das aldeias Jaguapiru e Bororó reclamaram da inacessibilidade ao uso da Vila Olímpica, tornando os antigos campos em condições precárias, a melhor alternativa para praticar o futebol. É viável destacar que, após a criação da Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas e a inclusão de uma pasta de atenção ao esporte foi possível notar pequenos avanços na utilização da Vila Olímpica, sobretudo entre os jovens¹⁰⁵.

Por outro lado, verificamos que entre os mais velhos, não há um sentimento de pertencimento à Vila Olímpica Indígena, pois o índio não identifica aquele território como extensão de sua identidade. Não apenas pelos inúmeros problemas apontados na estrutura do campo de futebol, da pista de atletismo, existe uma recusa à imposição desse espaço, que rompe os laços tradicionais estabelecidos em outros campos, caso do “campo da rotatória” e “campo da Bororó” que por muitos anos abriga este esporte e todas as festividades religiosas e tradicionais dessas etnias, o que marca suas identidades tradicionais e suas territorialidades.

Através dos projetos arquivados na Prefeitura Municipal de Dourados, identificamos uma concentração das atividades organizadas ou apoiadas pelo poder executivo na Vila Olímpica, tais como “Comemorações da semana Dia do Índio”, “Dia das crianças”, entre outras. Entretanto, mesmo que as atividades recreativas para as crianças ocorram no interior da Vila, o futebol é praticado no “campo da Bororó” localizado próximo à Vila Olímpica.

¹⁰⁴ *Livanir Machado Aquino*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Bororó, Dourados-MS, 15/03/2013.

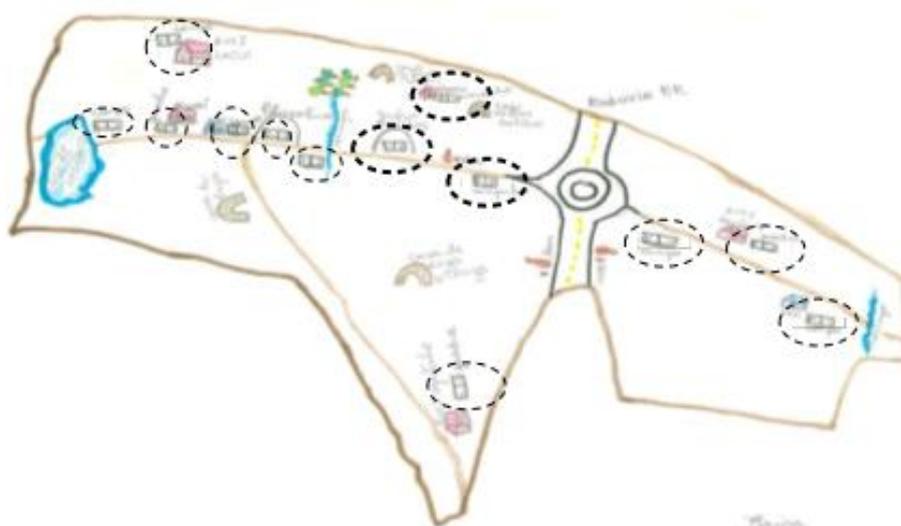
¹⁰⁵ Em 16 de abril do ano de 2013 a Câmara Municipal de Dourados aprovou a criação da Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas, proposta pelo vereador indígena Aguilera de Souza. Em 25 de junho do mesmo ano, foi aprovada a criação de pastas e cargos comissionados da Coordenadoria ligada diretamente ao gabinete do Prefeito. O esporte foi contemplado com uma pasta exclusiva, sendo nomeado dirigente o guarani Gerson de Souza Silva.

Os campeonatos e jogos organizados pelos indígenas sempre ocorrem nos campos tradicionais, alguns de terra batida, que carregam sua história e suas festividades.

Nesse sentido, o campo não é somente o espaço dos jogos de futebol, mas também, o ponto de encontro entre indígenas de uma mesma etnia ou entre outras etnias e ainda local onde os jogadores mostram suas habilidades aos não-indígenas visitantes, não somente através do futebol, mas também através de danças, músicas, entre outras manifestações culturais. Para tanto, os campos de futebol tornam-se referência indígena ao contemplar todas as suas atividades como um centro cultural.

Vinha, Rocha e Casaro, realizaram um trabalho de identificação dos espaços de lazer Guarania e Kaiowá de Dourados, delimitando 13 espaços esportivos¹⁰⁶, conforme ilustração abaixo:

Imagem 07 - Ilustração dos espaços de lazer das aldeias Bororó e Jaguapiru. Os círculos identificam os espaços esportivos.



Fonte: VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C., *Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil*, p. 470.

Na ilustração acima, verificamos a identificação dos espaços de lazer na Reserva Francisco Horta Barbosa.

El mapa mostró 13 espacios/modalidades deportivas, con predominio del campo de fútbol y de canchas polideportivas (las canchas situadas en las escuelas se incluyen

¹⁰⁶ VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C. Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Política y Sociedad*, v. 50, p. 453-483, 2013.

en este caso): diez de estos espacios están en la aldea Bororó y 3 en la aldea Jaguapiru; 3 espacios/agua para actividades de pesca, baños y juegos, 2 de ellos en la aldea Bororó y 1 en la Jaguapiru; 3 espacios/caminos vecinales de tierra (2 en Bororó y 1 en Jaguapiru) que se recorren a pie, en bicicleta, a caballo o en carro; 5 espacios escolares con equipamiento recreativo como toboganes y columpios (2 en Bororó y 1 en Jaguapiru); 1 espacio/selva; 4 espacios/Casa de Rezos o casa de la cultura, empleada para rituales y algunas actividades lúdicas; 3 espacios/bar en los que se venden comida y bebida. No se contabilizam los ambientes familiares en los que también pueden llevarse a cabo actividades lúdicas¹⁰⁷.

No quadro abaixo é possível visualizar as identificações apontadas:

Imagem 08 - Quadro que representa os espaços de lazer da Reserva Francisco Horta Barbosa.

| Aldeas |  |  |  |  |  |  |  | |
|--------------|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Bororó | 10 | 02 | 02 | 04 | 01 | 03 | 02 |  = campo de fútbol, cancha polideportiva |
| 2. Jaguapiru | 03 | 01 | 01 | 01 | -- | -- | 01 |  = dique, corriente |
| <i>Total</i> | <i>13</i> | <i>03</i> | <i>03</i> | <i>05</i> | <i>01</i> | <i>03</i> | <i>03</i> |  = camino, carretera |

 = escuela
 = selva
 = casa de rezos, casa de la cultura
 = bar

Fonte: VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C., *Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil*, p. 471.

No que diz respeito aos espaços esportivos, tais como campos de futebol e quadras esportivas, observamos que representam a maior parte dos espaços de lazer da Reserva, em segundo lugar há o quantitativo de escolas, que também são locais onde existe a prática esportiva.

Nesse sentido, entendemos que o *imaginário futebolístico* está presente não apenas na prática ou nos eventos esportivos, mas sobretudo no cotidiano indígena, seja na escola, nas brincadeiras ou lazer em geral¹⁰⁸.

É comum marcas nossas festividades nos campos de jogar bola. A gente pensa sempre num lugar de fácil acesso pra comunidade, onde todo mundo se sintam bem, livre na nossa terra [...] Pra te falar a verdade, quando a gente tem alguma

¹⁰⁷ VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C., *Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil*, p. 470.

¹⁰⁸ Sobre o conceito de imaginário futebolístico ver, HELAL, Ronaldo. As idealizações de sucesso no imaginário futebolístico: um estudo de caso. Peligro e Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

comemoração sempre marcamos um jogo entre os irmãos. Chamamos os parentes e logo esse campo tá lotado de gente. O pessoal gosta de assistir também, de torcer. É difícil fazer uma festinha aqui sem bater uma bola antes [...] Mas esse espaço é sempre usado para fazer confraternizações¹⁰⁹.

No depoimento acima, o entrevistado relata que as comemorações, mesmo que não sejam prioritariamente esportivas, contemplam a prática do futebol¹¹⁰. Observamos que, datas comemorativas como Dia das Crianças, Dia das Mães e Dia dos Pais são celebradas por meio de campeonatos esportivos, com sorteio de brindes entre outras atividades elaboradas nos campos. Nos últimos 2 anos, o Dia do Índio tem recebido atenção especial por parte do executivo municipal, nesse caso prossegue apresentações culturais, ciclo de palestras e grandes torneios de futebol que envolve os Guarani, Kaiowá e Terena da Reserva Francisco Horta Barbosa. Esses campeonatos internos são organizados pelos próprios indígenas, sobretudo lideranças e apreciadores do esporte.

Em geral, as festas que ocorrem nos finais de semana, iniciam com partidas de futebol no período diurno e prosseguem com atividades festivas no período noturno. Essa organização festiva movimenta muitas pessoas, que chegam cedo para apreciar ou praticar o esporte, onde reúne-se familiares, amigos e atletas em campo e no entorno.

Entre os Kaingang, Fasseheber observa algumas similaridades:

Mesmo nas tardes mais frias dos fins de semana, em diversas TIs, é comum ver nas encostas em volta do campo principal, a presença de famílias inteiras admirando desde partidas improvisadas por meninos e adultos até torneios e "jogos amistoso" com outras TIs ou contra os Fóg¹¹¹.

E ainda entre os Xavante, conforme relata Vianna,

No dia-a-dia, a prática do futebol tende a concentrar-se no final de tarde, quando grupos de homens maduros - notadamente, os mais jovens dentre eles (ipredupté) -, rapazes (ri'téi'wa) e adolescentes (wapté), sem claras distinções entre faixas etárias, reúnem-se no pátio central da aldeia (...) A movimentação que então se observa pode variar: partidas propriamente ditas, com os presentes dividindo-se em duas equipes, ou o que poderíamos chamar de 'bate-bola', isto é, turmas envolvidas em

¹⁰⁹ Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 27/07/2013.

¹¹⁰ Entre outras questões, indagamos se os campos eram utilizados apenas para à prática do futebol e quais seriam possíveis outras finalidades.

¹¹¹ FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 115.

rodas de passes, dribles, chutes, às vezes manifestando regras um pouco mais formalizadas, como no caso do 'bobinho' ou do 'futevôlei'¹¹².

Assim como ocorre entre os Kaingang e Xavante, o futebol constitui-se em um importante elemento de ocupação do tempo Guarani e Kaiowá, seja nas festividades, comemorações, lazeres de fim de tarde e finais de semana, onde os jogadores entram em campo e os familiares reúnem-se para prestigiar, torcer ou simplesmente se movem atraídos pela aglomeração de pessoas que o esporte atrai nos campos indígenas.

O futebol agrada homens e mulheres, adultos e crianças e os espaços que poderiam ser considerados menos convencionais, acabam se tornando centro dos chamados "bate-bolas".

Imagem 09 - Crianças indígenas brincando em rodovia bloqueada, em 20/07/2014, pelos indígenas da Reserva Francisco Horta Barbosa, durante protesto que reivindicava junto ao Governo Estadual redutores de velocidade na rodovia que passa dentro da aldeia Bororó, em razão de inúmeros acidentes ocorridos recentemente e que tem vitimado moradores da Reserva.



Fonte: *Dourados News*. Disponível em: <http://www.douradosnews.com.br/dourados/ainda-bloqueada-perimetral-norte-vira-campo-de-futebol-para-criancas-indigenas>. Acesso em 21/07/2014.

Na ocasião de um bloqueio do trânsito na rodovia que compreende a Perimetral Norte do Anel Viário que liga os municípios vizinhos à Dourados, crianças indígenas aproveitam o

¹¹² VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 143.

espaço para brincar com a bola. A equipe de um jornal eletrônico que estava elaborando matéria jornalística sobre o bloqueio registrou o momento que foi propagado em vários *sites* da região da Grande Dourados¹¹³.

Imagem 10 - Divulgação da matéria elaborada pelo jornal eletrônico Dourados News na imprensa regional.



Fonte: *Itaporã Agora*. Disponível em: <http://www.itaporaagora.com.br/noticias/Ainda-bloqueada--Perimetral-Norte-vira-campo-de-futebol-para-criancas-indigenas/4050>. Acesso em 22/07/2014.

Nesse sentido, compreendemos a afirmação de Fassheber:

O futebol é um jogo que pode ser disputado em campos oficiais, quadras, em ruas, terrenos, várzeas, pastos, com e sem inclinações e buracos; com linhas pintadas, desenhadas ou simplesmente imaginadas; com traves de ferro, madeira, gravetos, camisas e sandálias; com bolas oficiais, de couro, de plástico, de meia e até de papel

¹¹³ Dentre os *sites* que divulgaram a matéria sobre a prática do futebol durante bloqueio da rodovia, destacamos: Itaporã Agora, Itapora News, Ifato, Vicentina *On Line*, Vicentina Notícias.

e fita (...) Na chuva ou em areias escaldantes. De uniforme, chuteira, sem camisa e descalço. De uniforme e descalço e de chuteiras sem camisa. De manhã, de tarde, de noite ou de madrugada. Pode acompanhá-lo a água, o éter, a cerveja ou a cachaça¹¹⁴.

Em outras palavras, não existem adversidades que impossibilitem a prática do futebol quando há indígenas dispostos a praticá-lo.

Nesse cenário, em que o esporte motiva projetos sociais, a exemplo da Escolinha Unidos da Jaguapiru, entre outros projetos de ocupação do tempo do jovem indígena; onde a prática do futebol se faz presente em celebrações ou comemorações festivas, seja através do espaço esportivo ou da prática em si, tornando "a reunião em torno do Futebol como em um ritual¹¹⁵"; ou ainda nos mais improváveis espaços; entendemos o futebol, também, enquanto um elemento de sociabilidade bastante agregador para os Guarani e Kaiowá de Dourados.

¹¹⁴ FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 97.

¹¹⁵ FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 97.

CAPÍTULO 2

LIGAÇÕES INTERNAS: O FUTEBOL NO INTERIOR DAS ALDEIAS

Se entre todos os brasileiros o futebol desperta todo tipo de paixão, inclusive a paixão de quem odeia futebol, entre os Guarani e Kaiowá não poderia ser diferente.

Nesse sentido, pretendemos focar neste capítulo, como os Guarani e Kaiowá, homens e mulheres, organizam internamente o futebol em suas aldeias.

2.1. Organizando o futebol nas aldeias

É comum entre os Guarani e Kaiowá a existência de um coordenador esportivo que organiza partidas de futebol e ainda competições internas, sendo que essa figura é responsável ainda pela organização dos times que disputam campeonatos regionais, seriam esses os grandes apreciadores do esporte. Segundo dados coletados no Departamento de Esportes da CEAD, apesar da aldeia Bororó agregar a maior quantidade de espaços esportivos em relação à aldeia Jaguapiru, a primeira possui registro de sete equipes de futebol amador, enquanto a segunda comporta vinte e duas equipes¹¹⁶.

Destacamos a organização do futebol na Aldeia Jaguapiru, que compreende a maior parte dos Guarani, Terena e mestiços da Reserva Francisco Horta Barbosa. O coordenador esportivo que organiza os jogos na aldeia Jaguapiru é o guarani Gerson de Souza Silva, já apresentado também como atual coordenador de Esportes da Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas do município de Dourados e tutor da Escolinha de Futebol "Unidos da Jaguapiru". Além de ser responsável pelas ações esportivas geridas pelo município de Dourados na Reserva, o indígena Gerson é quem movimenta o "campo da rotatória" nos finais de semana. Questionado sobre a dinâmica da organização do futebol, nos diz¹¹⁷.

¹¹⁶ - As equipes aqui apontadas referem-se ao futebol amador masculino.

¹¹⁷ - Dentre as indagações realizadas que conduziram essa entrevista, questionamos *Desde que período você organiza os jogos na aldeia? Como é marcado o dia de jogos? Como funciona a organização dos recursos a serem utilizados no Futebol?*

Faz muito, mas muito tempo mesmo que eu procuro organizar os jogos aqui. Desde quando eu voltei pra cá. Teve um tempo que eu estive fora, tentei jogar em outros clubes também, eu era bom de bola viu? Mas infelizmente o corpo da gente deixa na mão, o joelho machucado não aguenta mais [...] Mas a data é mais ou menos 1995. De lá pra cá eu venho convidando os irmãos pra brincar e tenta treina aqueles que a gente vê que se destaca. Tem muito menino bom aqui sabe e que não tem oportunidade de ser visto [...] Antes de mim, tinha os irmãos que gostavam muito de brincar com bola sabe, mas não tinha um compromisso, incentivo. O índio vinha aqui e batia a bola, brincava com quem estava no campo, mas a figura do incentivador, que ajuda no treino não tinha não. Eu fui seguindo o sonho mesmo sabe e hoje eu sou muito respeitado no que faço, todo esse pessoal me respeita aqui porque sabe que eu acredito no esporte¹¹⁸.

O entrevistado ressalta que ao retornar para a aldeia, após uma temporada buscando a profissionalização em clubes de outros estados, já sem condições físicas suficientes para prosseguir na tentativa de profissionalização, opta em praticar o esporte enquanto lazer, vendo nessa oportunidade a possibilidade de contribuir com crianças e jovens indígenas com boas habilidades em campo e nesse âmbito organiza a Escolinha de Futebol "Unidos da Jaguapiru" em meados do ano de 1998.

Questionamos ainda como funcionava o convite para a participação dos indígenas nos jogos e Gerson explica que,

Antigamente, os pais que gostavam de jogar bola já encaminhava seus filhos, eles mesmo me procurava, pedia pra ver os meninos treinar, passar o que eu sabia, porque eu tive experiência lá fora, conheci esse mundão aí [...] Olha, pra te falar a verdade, hoje não é preciso sair convidando não. O pessoal já sabe que final de semana tem jogo aqui, que nos dias de semana tem os treinos da mulecada [...] No caso de quando há um torneio com premiação aí os meninos saem avisando e no dia os times já chegam prontos e se não tiverem prontos o pessoal se organiza aqui mesmo¹¹⁹.

Observamos que nos dias atuais existe uma rotina programada para a prática do futebol. Sabe-se quais os dias são destinados a treinos infantis, femininos e adultos, bem como os horários disponíveis para a realização de campeonatos ou atividades de lazer.

Em geral, as partidas entre os adultos ocorrem nos finais de semana, sendo reservado o período matutino e em alguns casos também o vespertino, a depender da quantidade de equipes, para os jogos femininos e o domingo para os jogos masculinos. Quando há partidas entre times infantis, esses ocorrerem antes das partidas entre os adultos.

¹¹⁸ - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

¹¹⁹ - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

Os campeonatos podem ser organizados com todas as rodadas em um único dia ou ainda com as rodadas distribuídas em um ou mais finais de semana. Esse critério depende da quantidade de equipes interessadas em participar, já o interesse na participação depende de dois fatores: disposição física e divulgação do evento.

Mesmo quando há torneio com premiações não existe uma reunião antecipada ou o congresso técnico que ocorre nos campeonatos oficiais. Na maioria dos casos as regras são definidas e divulgadas no dia dos jogos, podendo haver alterações se o coordenador do torneio julgar necessário.

El 'juego popular' presenta una organización informal implícita en la cultura local, con sus reglas simples y orales y con diferencias en las mismas conforme a zonas o regiones, con variaciones en el tamaño del balón, del campo o del número de jugadores. Existe poca diferenciación en la división de tareas entre jugadores y un control social informal dentro del contexto de juego que incluye emociones más espontáneas y abiertas al placer y una relativa igualdad en la habilidad motrix de los jugadores¹²⁰.

Nesse sentido, não existe uma unificação de regras para a o futebol praticado na reserva. O que torna a *flexibilidade* uma importante característica desse jogo popular¹²¹.

Nos campeonatos internos não há divulgação com material de publicidade (faixas, cartazes, folders, áudio-visual). A propagação do evento é realizada pelo eficaz "boca-a-boca" que reúne os interessados nos dias agendados, sendo que ainda há aqueles que vão até o campo apenas para assistir e resolve participar para ajudar algum time incompleto ou apenas para ocupar o seu tempo por meio do esporte. É válido ressaltar ainda que, em alguns torneios, os jogadores se inscrevem em dois times ou mais, não sendo negada essa condição pela organização. Nesse caso, essa condição depende exclusivamente da disposição física do jogador.

Nos meses de novembro e dezembro do ano de 2012 acompanhamos um torneio de futebol organizado na Aldeia Jaguapiru. O mesmo ocorreu no "campo da rotatória" e teve duas rodadas canceladas em função das chuvas no período. Nesse caso, o mau tempo inviabiliza a realização dos jogos, pois o campo com muitas falhas no gramado fica sem condições de sediar as partidas e alguns jogadores não conseguem se deslocar dentro da

¹²⁰ - VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C., *Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil*, p. 471.

¹²¹ - Referimo-nos à flexibilidade de modificar as regras de acordo com o campo a ser utilizado ou ainda conforme o público praticante.

aldeia, uma vez que a maioria das vias internas ficam intransitáveis em períodos chuvosos. Diante de todas as questões climáticas, o dia 23 de dezembro foi escolhido para a realização da final.

Este torneio marcou a última competição realizada no ano de 2012 na Aldeia Jaguapiru e por este motivo recebeu atenção especial.

Os apreciadores do futebol que não participam enquanto jogadores organizaram um cerimonial de entrega das premiações e designaram um animador de público, este responsável ainda por realizar sorteio de brindes durante os intervalos dos jogos¹²².

Imagem 11 - Em 23 de dezembro de 2012 foi realizada a final de um torneio interno da Aldeia Jaguapiru. Na ocasião foram entregues premiações para o 1º, 2º e 3º colocado e ainda sorteio de brindes ao público presente.



Fonte: Arquivo Pessoal.

¹²² - Nos dias que antecederam a final do torneio, apreciadores do futebol empenhados em realizar um evento que contemplasse não apenas aos jogadores, buscaram doações de brindes entre políticos, comerciantes locais e ainda comerciantes vizinhos para contribuir na interação de todos os moradores da aldeia que estivessem prestigiando o evento.

Imagem 12 - Na ocasião o então Capitão da Aldeia Jaguapiru, Vilmar Machado da Silva, realiza a abertura do evento de comemoração da final do torneio.



Fonte: Arquivo Pessoal.

No evento que foi organizado para celebrar a final do último torneio do ano de 2012, alguns moradores da aldeia aproveitaram a oportunidade para comercializar produtos, tais como bebidas (cervejas e refrigerantes), salgados e doces, com caixas e barracas instaladas às margens do campo. O público presente precisava se deslocar constantemente caso desejassem se abrigar às sombras. Nesse sentido, era comum avistar também grupos de pessoas observando a partida a longas distâncias.

Apesar do torneio ter sido realizado na Aldeia Jaguapiru, observamos a presença de jogadores que residem na aldeia Bororó. Nesse contexto, questionamos o organizador da competição sobre os critérios de participação no torneio, que nos diz,

Aqui não excluimos ninguém, a gente tem muito amigo do outro lado sabe. Tem muito irmão nosso que mora na Bororó mas que gosta de participar aqui com a

gente [...] Então se tem um time participa aqui com a gente [...] Tem uns que gostam tanto de bola que joga de manhã lá e a tarde aqui¹²³.

Durante o período que acompanhamos torneios e jogos na Reserva observamos que o confronto aguardado pela torcida é o jogo Solteiros X Casados. Por outro lado, não identificamos partidas organizadas entre as aldeias, ou seja, Aldeia Bororó X Aldeia Jaguapiru, e ainda entre etnias, Guarani X Kaiowá, segundo Gerson, *esse tipo de organização só causa conflito entre os parentes*. Em geral, os jogadores moradores da aldeia Bororó que desejam jogar nos torneios da aldeia Jaguapiru se dispersam entre equipes já estabelecidas ou liderados por moradores da aldeia que está sediando, ainda que em alguns poucos casos os times são compostos, quase por completo, por moradores da outra aldeia. Nesse caso, ressalta o respeito pela regra de não criar o imaginário da rivalidade no jogo.

Imagem 13 - Jogadores em campo. Partida válida pela final do último torneio do ano de 2012 na Aldeia Jaguapiru.



Fonte: Arquivo Pessoal.

¹²³ - Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 23/12/2012.

Ainda sobre a composição dos times, observamos a presença de não-indígenas em campo e sobre isso Gerson relata que,

Tem aqui muita família mestiça. E tem bastante menina que casa com homem branco, que não é daqui da aldeia. Mas a partir do momento que ele vem fazer parte da nossa família tem o direito de jogar com a gente. O Celso mesmo tem um genro, rapaz bom, trabalhador, está aqui conosco a muitos anos e joga muita bola [...] É um rapaz de confiança¹²⁴.

Diante disso, entendemos que existe uma influência em escalar os membros da família extensa, mesmo em caso de famílias mestiças, semelhante ao caso dos Kaingang "onde o genro tem que prestar serviços ao sogro, depois de desposar sua filha"¹²⁵ e isso se reflete também no futebol. Vianna também relata que essa organização é comum entre os Xavante para "valorizar a figura do genro; fazer com que os genros ficassem, no futebol, ao lado de seus sogros"¹²⁶.

A escalação é feita sempre por um jogador bem relacionado com as lideranças indígenas, que por sua vez, detém o poder nas tomadas de decisões que envolvem a condução da vida social na aldeia. Nesse sentido, observamos que a atuação das lideranças estendem-se no futebol, sendo que equipes veteranas também costumam interferir na montagem dos times mais jovens.

Na aldeia Bororó, a composição dos times e formação dos jogos seguem com características parecidas às da aldeia Jaguapiru. Com sua maioria de moradores Kaiowá, destacamos o trabalho do coordenador esportivo Kaiowá, Raul Vieira, que organiza partidas de futebol e campeonatos no "campo da bororó". Dentre as competições observadas, ressaltamos maior influência parental na formação dos times, onde normalmente os times já formados, quase não oferecem vagas de "última hora".

Os times que participam dos torneios no "campo da bororó" em geral se conhecem a tempo suficiente para realizar treinos antes das partidas e alguns são veteranos nas competições externas.

¹²⁴ - Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 23/12/2012.

¹²⁵ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 118.

¹²⁶ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 197.

É válido ressaltar que o "campo da bororó", apesar da estrutura física precária, é um espaço muito utilizado para competições ditas oficiais dentro da aldeia, com regras pré-estabelecidas e que são cumpridas com rigor dentro de campo.

Outra característica importante do "campo da bororó" é sua localização, pois é de fácil acesso aos moradores da aldeia e o seu entorno possibilita outros lazeres para as crianças, como brincar de bola nos terrenos vizinhos, correr nos espaços da Vila Olímpica etc.

O coordenador Raul Vieira dedica-se a realizar torneios com premiações financeiras, para isso ele busca patrocínio de políticos e empresários dos municípios de Dourados e Itaporã.

Nos meses de abril e maio, deste ano, acompanhamos o "Torneio de Futebol de Campo - Zé Antônio" que aconteceu no "campo da rotatória". Nesse sentido, um empresário itaporaense patrocinava os recursos necessários para a realização do torneio, bem como o investimento da premiação e em contrapartida homenageava duas datas comemorativas circunscritas àquele período, Dia do Índio e Dia das Mães¹²⁷ através de faixas com mensagens alusivas às datas em questão, divulgando assim a sua marca comercial.

É comum observar nesses torneios uma maior participação de jogadores não-indígenas que integram-se aos times da competição, atraídos pelas compensações financeiras oferecidas aos times vencedores e nesse caso cabe ao coordenador autorizar ou não a sua participação.

Nesse sentido, recorremos a outro torneio, realizado em 19 de maio do ano de 2013, na ocasião observamos que minutos antes de iniciar a primeira partida de futebol, um grupo de indígenas se reúne e altera algumas regras para os jogos que aconteceriam a seguir. As convencionais três substituições no decorrer do jogo seriam alteradas para apenas uma substituição¹²⁸. Questionado sobre os motivos que impulsionaram a mudança das regras, um

¹²⁷ - No Brasil, comemora-se em 19 de abril o Dia do Índio e no segundo domingo do mês de maio o Dia das Mães.

¹²⁸ - Em competições oficiais organizadas: pela FIFA, o máximo de substituições num jogo é de três jogadores. O regulamento da competição deve precisar o número de suplentes - entre três no mínimo e sete no máximo - que é possível designarem nessa qualidade. Em jogos de Seleções Nacionais "A" pode utilizar-se um máximo de seis suplentes. Nos restantes jogos é possível utilizar um maior número de suplentes desde que haja um acordo prévio entre as equipes envolvidas, quanto ao número máximo de substituições e o árbitro seja informado antes do início do jogo. Caso contrário, não são permitidas mais de seis substituições. A substituição de jogadores só ocorre com a autorização do árbitro, e deve ocorrer fora do terreno de jogo, junto à linha do meio campo. O jogador substituído só pode entrar em campo, quando o substituído já tiver saído. Se a substituição ocorrer de forma irregular, o árbitro deverá paralisar a partida, ordenar a saída do jogador que entrou irregularmente e reiniciar o jogo com um pontapé de livre indireto. Considera-se substituição consumada no momento em que suplente entra em campo. O jogador substituído não pode voltar a jogar mais no jogo. Em qualquer jogo, os nomes dos suplentes deverão constar na ficha de jogo antes do início do jogo. Caso contrário, não poderá participar, por não ter sido inscrito. Conferir, *International Board. Laws of the Game 2014/2015*. Disponível em <http://www.fifa.com/>. Disponível em: 20 de junho de 2014.

membro do grupo envolvido na organização do torneio, aqui identificado como "A1"¹²⁹, nos diz,

Olha para esse pessoal... O tanto de gente da cidade que veio jogar aqui com a gente. Esses caras não aguentam jogar muito tempo não, corre um pouco e já para, não aguenta. A gente tem ritmo, tá acostumado a correr nesse campo aqui [...] Não dá pra organizar um torneio e deixar os caras da cidade levarem nossos brindes [...] Lá fora a gente tem que fazer o jogo deles, aqui eles tem que jogar o nosso¹³⁰.

Entre os brindes mencionados, identificamos caixas de cerveja, refrigerantes e R\$ 300,00 em espécie que seriam distribuídos entre os três primeiros colocados.

Através do depoimento de "A1" reafirmamos a hipótese de Vianna de que "os índios são bons corredores"¹³¹, no caso dos Guarani e Kaiowá, os próprios consideram-se corredores superiores aos não indígenas, isso fica evidente quando abrem mão da possibilidade de alterar a sua equipe, em função de um possível esquema tático no decorrer do jogo, por confiar em seu preparo físico, supostamente superior ao adversário. Entretanto, não podemos negligenciar que, de forma específica, houve um pensamento tático em favorecimento dos times da Reserva.

Observamos que nesse torneio não havia nenhum time exclusivamente composto por não-indígenas, apesar do grande número de jogadores da "cidade" presentes na competição. Porém, os times favoritos locais são os mais entrosados. Esses times são compostos por indígenas que treinam juntos a mais tempo, formado a partir dos núcleos familiares.

É viável ressaltar ainda que disputar jogos "em casa"¹³² é um dos fatores que favorece os locais, assim como nos grandes jogos nacionais uma torcida expressiva oferece incentivo aos jogadores, como veremos a seguir.

2.2. A torcida e seus ídolos

Tanto na aldeia Bororó, quanto na aldeia Jaguapiru, observamos que é comum ver a presença de familiares admirando os jogos, seja em partidas improvisadas ou até mesmo em

¹²⁹ - O entrevistado solicitou que sua identidade não fosse divulgada.

¹³⁰ - AI. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 19/05/2013.

¹³¹ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 31.

¹³² - Na linguagem popular do futebol, "jogar em casa" significa disputar o jogo em local ou instalação em que uma equipe se considera pertencente.

"amistosos"¹³³ ou torneios internos. Nesse contexto, enquanto familiares apoiam os jogadores, observamos ainda a presença de vários moradores da Reserva que vão ao campo apenas para observar os jogos, fazer críticas e ocupar o seu tempo.

Diferente das torcidas organizadas dos diversos clubes existentes, a torcida Guarani e Kaiowá é mais contida em seu campo. Não se abstém de realizar críticas quando o jogo não lhe agrada, mas os comentários são debelados, normalmente direcionados a um grupo próximo, sem a histeria das grandes torcidas. Os insultos aos árbitros e jogadores, comum quando as aglomerações permitem extravasar suas emoções nas arquibancadas, são substituídos por risos, gírias e brincadeiras acerca do lance mal compreendido¹³⁴.

A mesma torcida que participa assiduamente dos jogos é também responsável pela realização dos mesmos. Os torcedores tem papel fundamental nos jogos indígenas, pois assim como os jogadores são responsáveis pela arrecadação dos materiais utilizados nos jogos, tais como bolas, uniformes, entre outros recursos.

É comum entre os Guarani e Kaiowá a realização de campanhas para aquisição de novos materiais. As chamadas "vaquinhas"¹³⁵ ou doações são recorrentes quando há necessidade de adquirir novas bolas para os treinos e para as quase diárias "peladas"¹³⁶. Rifas, bingos, entre outras promoções são mais comuns quando os times disputam campeonatos externos e nesse caso é necessário realizar um investimento maior com uniformes, chuteiras, locomoção etc. Esses materiais ficam sob a responsabilidade dos coordenadores esportivos da reserva. Em alguns casos, a família do jogador opta em comprar seu próprio material (bola e chuteiras) e recorre à orientação do coordenador esportivo que indica a qualidade do material e a empresa fornecedora.

O envolvimento das famílias destaca-se na participação dos membros em toda a dinâmica que envolve o futebol. Homens e mulheres podem ser jogadores, torcedores e podem ainda contribuir com a organização e fomento de um evento esportivo, enquanto as crianças brincam de bola nos espaços vizinhos.

Em exibições de jogos nacionais reúnem-se em bares ou casas que tenham aparelho de televisão e torcem por suas predileções clubísticas. Essas preferências esportivas ficam

¹³³ - Uma partida amistosa é um evento desportivo que faz parte de uma competição, podendo ter fins festivos, de treinamento, de caridade e até mesmo fins lucrativos.

¹³⁴ - Sobre a atuação e características das torcidas organizadas, ver TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol*, Campinas: Anpocs, 1996.

¹³⁵ - Citamos "vaquinha" aqui, enquanto um método de juntar dinheiro através da colaboração de várias pessoas.

¹³⁶ - Com objetivo lúdico, a pelada é a instância mais amadora do futebol, sendo praticada em qualquer espaço livre que permita a movimentação dos jogadores.

evidentes também no uso de camisas, principalmente dos clubes paulistas (Corinthians, Santos, São Paulo e Palmeiras) e um pequeno destaque para um time carioca, Flamengo. Clubes de outras regiões do país são pouco contemplados pelos Guarani e Kaiowá, não havendo ainda nenhuma menção aos clubes do estado de Mato Grosso do Sul¹³⁷.

Jogadores indígenas que se destacaram em grandes times profissionais são responsáveis por cativar parte dos torcedores indígenas de Dourados, como é o caso do jogador Xucuru-Kariri José Sátiro do Nascimento.

Mais conhecido como "Índio", este futebolista brasileiro nascido em Palmeiras dos Índios-AL, teve passagem pelo Corinthians, sendo campeão brasileiro, campeão paulista e o campeão do Primeiro Mundial de Clubes da FIFA¹³⁸.

Imagem 14 - Jogador Índio levantando a taça do Campeonato Paulista de 1999. À direita de Índio o jogador Fernando Baiano e à esquerda Rodrigo Pontes, também jogadores do Corinthians. O Campeonato Paulista de Futebol de 1999 teve o Corinthians como campeão e o Palmeiras como vice-campeão.



Fonte: *Gazeta Esportiva*. Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/nota/2010/01/04/616372.html>. Acesso em 02/06/2014.

¹³⁷ - É válido ressaltar que o uso das camisas de clubes nem sempre representam fanatismo esportivo. Muitas vezes são doadas em campanhas assistenciais, excluindo possíveis predileções por determinados clubes.

¹³⁸ - Oito clubes de todas as partes do mundo se reuniram no Rio de Janeiro e em São Paulo para disputar o primeiro Campeonato Mundial de Clubes da FIFA. Os brasileiros Corinthians e Vasco da Gama superaram rivais como Real Madrid e Manchester United e chegaram a decisão no Maracanã, vencida pelo Corinthians nos pênaltis. Entretanto, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, admitiu que houve erro na organização do Mundial de Clubes de 2000, sediado por São Paulo e Rio de Janeiro, e vencido pelo Corinthians. Em função da grande polêmica sobre a vitória do time paulista no mundial, em um discurso antes do sorteio das chaves da edição de 2010, o dirigente afirmou que o formato da competição precisou ser modificado após a primeira edição.

Após sua passagem pelo Corinthians, o lateral direito revelado na categoria de base do Vitória atuou em outros clubes profissionais, como o Goiás e o Santo André. Passada uma temporada sem muitos destaques, se aventurou nos clubes estrangeiros com passagens no futebol coreano e peruano. Após seu retorno ao Brasil voltou a defender a camisa do Vitória, seu clube de origem, posteriormente jogou por outros clubes de menor expressão no cenário nacional.

Se na final da década de 1990, "Índio" conquistou torcedores indígenas para o Corinthians, não seria diferente com a recente passagem do jogador Paulinho pelo clube paulista.

Filho de um indígena Xucuru, José Paulo Bezerra Maciel Júnior, mais conhecido como Paulinho, é um futebolista brasileiro que atua como volante. Atualmente defende a camisa do inglês Tottenham Hotspur Football Club, mas tornou-se ídolo da torcida corinthiana após conquistar o Campeonato Brasileiro (2011), Libertadores (2012), Mundial de Clubes (2012) e Campeonato Paulista (2013). O destaque de Paulinho dentro do campo rendeu a convocação que garantiu a participação do volante no time da seleção brasileira de futebol na recente copa realizada no Brasil.

Imagem 15 - Com uma bandeira do Corinthians, o jogador Paulinho comemora o Título de Campeão da Copa das Confederações de 2013. Na ocasião havia acertado sua saída do Corinthians para o clube inglês Tottenham.



Fonte: *Revista de Letras*. Disponível em: <http://revistadeletra.wordpress.com/2013/07/03/ate-logo-paulinho/>. Disponível em: 02/06/2014.

Outro grande jogador brasileiro lembrado por suas raízes indígenas Fulniô é Manuel Francisco dos Santos. Conhecido como "Mané Garrincha", é considerado um dos melhores jogadores do futebol brasileiro. Garrincha, com suas pernas tortas, se notabilizou com dribles desconcertantes, fazia a "alegria do povo". Apesar dos problemas com o alcoolismo e sua morte prematura, Garrincha marcou o coração do povo brasileiro com seu jeito extrovertido de jogar futebol¹³⁹.

Imagem 16 - Atuando pela Seleção Brasileira de Futebol Garrincha não abandonava o jeito irreverente de jogar. Seus dribles o deixou conhecido como "anjo das pernas tortas".



Fonte: *Por Simas*. Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com.br/2013/10/as-historias-de-garrincha.html>. Acesso em 02/06/2014.

Esses jogadores de origem indígena, representam não apenas a possibilidade de boas carreiras aos jovens jogadores Guarani e Kaiowá, mas principalmente o orgulho de ser indígena e ser reconhecido mundialmente.

¹³⁹ - Em junho deste ano, o jornalista alagoano, Mário Lima, lançou a obra *Garrincha, a flecha fulniô das Alagoas - mestiçagem, Futebol-Arte e Crônicas pioneiras*. Apesar de apresentar discursos controversos em relação aos povos indígenas, a obra aborda detalhes importantes sobre as raízes indígenas do atleta. Ver, LIMA, Mário. *Garrincha, a flecha fulniô das Alagoas - Mestiçagem, Futebol-Arte e Crônicas pioneiras*. Alagoas: Ed. Graciliano Ramos, 2014.

É evidente que o fato de ser indígena não determina as escolhas de seus ídolos, entretanto simboliza um sentimento de identificação por parte de outras etnias.

Principalmente entre as crianças, assim como em todo cenário nacional, as tendências de marketing esportivo influenciam na escolha de seus ídolos. Certa vez, enquanto observávamos um treino dos meninos da "Unidos da Jaguapiru", presenciamos uma longa discussão entre os meninos que disputavam o apelido de "Neymar". Na ocasião, por falta de uniformes adequados os meninos treinavam sem camisa e desenhavam pinturas em seus corpos para diferenciar-se entre si. Nas costas, cada jogador recebia um nome e um número escrito a caneta esferográfica e quase todos eram "Neymar, 11"¹⁴⁰.

Questionado sobre a predileção pelo então ídolo santista, o treinador nos diz,

Olha, a explicação é que o Santos é o melhor time que joga hoje. E o jogo do Santos é um jogo bonito, é um time cheio de ídolos. Essa mulecada reconhece um grande time, um grande jogador. [...] Eu sou santista de alma e coração. Não desfaço do time de ninguém, respeito todas as torcidas, mas o Santos é o Santos né¹⁴¹?

Diante daqueles meninos, muitos com os cabelos adaptados ao estilo "moicano"¹⁴², compreendemos que essa predileção pelo ídolo santista vai além do trabalho de marketing realizado pela equipe que divulga a imagem do jogador. A influência do treinador, torcedor santista, também contribui para o fortalecimento dessa admiração ao ídolo do clube.

Outra questão interessante analisada entre os torcedores indígenas, em relação à predileção pelos clubes paulistas, é que nem mesmo quando defendem a camisa de clubes menores fazem menção à uma possível torcida¹⁴³.

¹⁴⁰ - Neymar da Silva Santos Júnior é um jogador brasileiro de relevante destaque no futebol mundial. Com vários títulos e prêmios dedicados a sua carreira, o jogador revelado nas divisões de base do Santos Futebol Clube obteve ascensão ao time profissional, garantindo destaque em toda sua trajetória no Santos. O bom desempenho de Neymar em campo garantiu convocações para o time da seleção brasileira. Em 2013 o espanhol Barcelona efetiva sua contratação, através de uma transação milionária. Com uma equipe exclusiva que cuida de sua imagem pessoal, é um dos jogadores que mais participa de campanhas comerciais, expandindo cada vez mais a sua imagem.

¹⁴¹ - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/10/2011.

¹⁴² - Um característica do jogador Neymar é a versatilidade no uso de seus penteados. Durante sua passagem pelo Santos Futebol Clube adotou diferentes formas de usar o estilo moicano (corte de origem indígena usado pelos povos moicanos, iroqueses e cherokees. O estilo caracteriza-se por possuir uma "crista" no meio da cabeça, que é, geralmente, raspada dos lados.

¹⁴³ - O atual cenário esportivo do Estado de Mato Grosso do Sul dispõe de pouca estrutura para o exercício da profissionalização do futebol. A visibilidade de alguns campeonatos estaduais é restrita, o próprio torcedor sul-mato-grossense tem pouco acesso ao campeonato do seu estado e, com isso, os clubes não conseguem obter bons recursos com patrocínios e apoios financeiros, o que dificulta nas perspectivas de melhoras nos clubes.

Citamos aqui o caso do indígena Gelson Aparecido Machado, que mesmo após o seu filho efetivar um contrato com um clube do interior do estado de São Paulo lembrava de citar o clube entre suas preferências clubísticas, o mesmo acontecia com o jogador. Ambos eram enfáticos quando questionados sobre seus times do coração, *pai corinthiano e filho santista*¹⁴⁴.

Dessa forma entendemos que a predileção clubísticas caracterizam-se por diferentes influências: extensões parentescas, visibilidade na mídia, movimentos migratórios da região que contribuiu para a propagação de alguns clubes e ainda a instalação de centros de treinamento de clubes profissionais¹⁴⁵.

A relação da torcida com seus clubes ficam evidentes nos clássicos nacionais, sobretudo em finais de campeonato, quando observamos às manifestações de contentamento com a vitória de seus times.

Nesse âmbito, temporariamente, as distinções sociais, étnicas podem ser esquecidas, pois o que une esses torcedores é o sentimento de pertencimento ao mesmo clube, a honra e orgulho de suas cores e identificações, circunscrita a um sentimento maior, a paixão pelo futebol.

No caso do futebol indígena, em que as equipes recebem nomes temporários como, "Time do Gersinho", "Time da Vila", "Casados", "Solteiros", entre outros, apoiam-se os seus familiares. Ou seja, não existe uma predileção permanente para determinado time, pois as equipes podem se modificar a cada jogo.

2.3. A prática do futebol entre as mulheres indígenas

As mulheres Guarani e Kaiowá desempenham importante papel na vida social dos grupos, além de desempenharem suas funções domésticas, são parteiras, agentes de saúde, professoras, entre outras atividades produtivas e de liderança. Entretanto, seus afazeres cotidianos não impedem, nem comprometem a vontade de praticar futebol.

Em observação a um treino de futebol no "campo da rotatória" foi possível presenciar uma mãe guarani reivindicando o direito de sua filha, então adolescente, jogar futebol junto aos meninos.

¹⁴⁴ - *Gelson Aparecido Machado*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 13/10/2013.

¹⁴⁵ - Em 18 de fevereiro de 2001 o Santos Futebol Clube instalou na cidade de Dourados uma franquia da unidade da Rede de Escolas Meninos da Vila. A proposta da franquia é disponibilizar aos seus atletas/estudantes toda a assistência médica e psicológica que possibilite um bom rendimento nos treinos para que os melhores jogadores, se selecionados, possam integrar as categorias de base do Santos Futebol Clube.

Na ocasião, o coordenador do espaço nos explicou que cada vez mais as mulheres buscam por direitos de igualdade e o futebol não ficou ausente a essa reivindicação. Ao final dessa partida que observávamos, o jogo foi estendido por alguns minutos e a então menina que aguardava ansiosa, junto a uma amiga, entraram em campo para jogar com os meninos.

Imagem 17 - Treino realizado pela Escolinha de Futebol Unidos da Jaguapiru em 15 de fevereiro de 2013. Identificamos o treinador, utilizando um boné branco na cabeça, entre duas meninas e os demais meninos que participam dos treinos fixos da escolinha.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Podemos notar similaridades entre outros grupos étnicos. Segundo Vianna, entre os índios Xavantes, "são comuns a indistinção de gênero, isto é, alguns meninos participarem de um jogo predominantemente de mulheres ou uma garota entre os garotos"¹⁴⁶.

Atento a essa condição, o coordenador da Escolinha de Futebol "Unidos da Jaguapiru" alterou a dinâmica dos treinos. Atualmente, há horários exclusivos para o público feminino e masculino e ainda horários que meninos e meninas treinam juntos, sem divisões por gênero.

¹⁴⁶ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 144.

Em geral, a distinção de gêneros ocorre nos horários em que treina-se equipes que estão competindo em campeonatos externos.

Fassheber nos lembra que entre os Kaingang também é crescente a busca pelo protagonismo feminino "por várias vezes elas lançaram sua voz e seus reclames nas reuniões das lideranças, predominantemente masculinas¹⁴⁷".

No caso das mulheres Guarani e Kaiowá elas não apenas lutam por seus espaços como também lideram temas que consideram relevantes para a qualidade de vida das mulheres indígenas e de seus povos. No ano de 2012, as mulheres elaboraram um documento de repúdio à PEC 215¹⁴⁸ e ainda de reivindicações, onde buscavam a organização e articulação do *Movimento de Mulheres Kaiowá Guarani e Nãndeva*, para somar na luta por seus direitos¹⁴⁹.

Diante dessas observações, buscamos identificar a participação das mulheres no futebol da Reserva e destacamos duas entrevistas que realizamos com praticantes do esporte, uma solteira e outra casada.

A primeira entrevista destacada foi realizada com Suzeth Martins Freitas que é solteira e reside na aldeia Jaguapiru¹⁵⁰:

Comecei a jogar com quinze anos de idade, aqui na aldeia onde moro. Na escola eles sempre incentivaram todos os alunos, tanto as meninas como os meninos a praticar esportes, mas eu comecei a jogar em campeonatos somente aos quinze anos

¹⁴⁷ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 124.

¹⁴⁸ - De autoria do ex-deputado Almir Sá, de Roraima, a proposta de emenda constitucional (PEC) 215 de 2000 propõe a transferência da competência da União na demarcação das terras indígenas, quilombolas e áreas de proteção ambiental para o Congresso Nacional. A proposta também possibilita a revisão das terras já demarcadas. Outra mudança seria nos critérios e procedimentos para a demarcação destas áreas, que passariam a ser regulamentados por lei, e não por decreto com é atualmente. Há 13 anos, tramitando entre a Comissão de Constituição e Justiça e o plenário da Câmara dos Deputados, a PEC 215, voltou a chamar atenção de indígenas e dos movimentos indigenistas, após a criação de comissão especial responsável por examinar e emitir parecer sobre a proposta. Em 03 de julho deste ano foi deferido pedido de prorrogação datado de 02 de julho de 2014, por mais vinte sessões ordinárias, o prazo da Comissão Especial destinada a proferir parecer à Proposta de Emenda à Constituição nº 215-A de 2000.

¹⁴⁹ - Entre os dias 25 e 29 de abril do ano de 2012 aconteceu na aldeia Jaguapiru em Dourados a II Kunã Aty Guasu. Na Assembleia das Mulheres Kaiowá e Guarani foi redigido um documento final de manifesto, denúncias e reivindicações que buscam a garantia de participação das mulheres e do Conselho do Aty Kunã nas instancias de controle social, bem como na concepção, construção e implementação de programas e ações governamentais voltados para seus Tekoha. Dentre os principais temas, destacam-se saúde, segurança e políticas públicas para as mulheres indígenas e ainda a demarcação de terras indígenas.

¹⁵⁰ - Dentre as indagações realizadas que conduziram nossa entrevista, questionamos *Quando e onde você começou a jogar futebol? Com que intensidade você treina ou joga na aldeia? Você joga só na aldeia ou fora também? Quem é o responsável pelo time de vocês? O que os homens acham de vocês mulheres praticarem futebol?*

[...] Eu não treino, mas eu treinava antes, mas eu jogo quando começa os campeonatos, de salão e de campo [...] Eu tenho um time, agora estamos jogando só aqui dentro da aldeia, mas já jogamos fora também quando o nosso time era associado com o Ubiratan¹⁵¹.

Suzeth é uma jovem de 21 anos, conhecida dentro e fora da Reserva. O título de Miss Indígena 2011 lhe garantiu bons relacionamentos entre as lideranças indígenas e figuras públicas regionais. Em suas redes sociais, fotografias jogando futebol fazem sucesso entre milhares de seguidores. Muitas meninas indígenas se espelham na trajetória da Miss jogadora de futebol que faz da vaidade feminina um elemento presente nos jogos. Diante da notável popularidade de Suzeth, questionamos o que os homens manifestam sobre a prática do futebol entre as mulheres indígenas e a entrevistada diz,

Olha nosso técnico é um homem, o Jair Cabreira. [...] ele é guarani e nos treina porque gosta, não recebe nada por isso. [...] Bom, alguns homens apoiam e outros falam que futebol não é coisa para mulher. Já meu pai e meu irmão gostam que eu jogo, me apoiam [...] A maioria das jogadoras do meu time são casadas e os maridos vão em todos os jogos e apoiam muito. As mulheres de homens que não apoiam nem participam, mas eu nunca vi nenhuma mulher que deixou de jogar porque o marido não gostava¹⁵².

Em seu depoimento, observamos que o time feminino recebe críticas masculinas em relação ao futebol praticado pelas mulheres. Expressões como "futebol não é coisa para mulher" são propagadas dentro e fora das aldeias, consequência de um discurso histórico que busca desqualificar a capacidade feminina de praticar e argumentar o futebol com a mesma (ou maior) propriedade que os homens. Por extensão desse discurso, observamos ainda, críticas de mulheres que não jogam futebol e que se incomodam em ver as jogadoras expostas à distintas plateias.

Há situações em que mulheres jogam apenas por lazer e existem ainda equipes de futebol feminino que treinam para participarem de competições dentro e fora das aldeias. Entretanto, a incompatibilidade de horários com as demais atividades (domésticas, entre outras) exercidas pelas mulheres, sobretudo casadas, impedem que as jogadoras participem de todos os campeonatos que as equipes se inscrevem.

¹⁵¹ - *Suzeth Martins Freitas*. Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 30/04/2014.

¹⁵² - *Suzeth Martins Freitas*. Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 30/04/2014.

Em geral, homens indígenas que praticam futebol não se importam que suas esposas também pratiquem o esporte, pois já existe o hábito dessas mulheres frequentarem os campos para torcerem por seus maridos, o que as tornam familiarizadas com o esporte.

Imagem 18 - Partida de futebol feminino realizada no "campo da bororó" em 18 de maio de 2014. Vestindo camiseta verde, identificamos o treinador Jair Cabreira orientando sua equipe.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Conforme relata nossa segunda entrevistada, aqui identificada como "E1", casada e de origem Kaiowá, "é o marido quem deve consentir o lazer a sua esposa". Quando questionada sobre seu envolvimento com o futebol, nos diz:

Eu sempre gostei de assistir os jogos e sempre acompanhei meu marido e meu filho. Quando me convidaram para treinar eu já sabia muita coisa, porque via muito os homens jogarem [...] Conversei com meu marido e ele disse que eu poderia participar sim. Claro que para todas as outras coisas em casa estão em dia. Não dá pra deixar a casa de qualquer jeito e vir pra cá [...] Mas fico feliz quando vejo meu marido olhando. Ele dá umas broncas às vezes [...] Porque ele joga a mais tempo,

então passa umas técnicas pra nós não errar. Mas eu gosto porque assim melhora cada vez mais¹⁵³.

Apesar dos maridos e apreciadores, de modo geral, apoiarem a prática do futebol entre as mulheres, observamos que as mesmas ficam sempre condicionadas a algum homem. Seja para receber consentimento ou orientações as mulheres dependem sempre de uma figura masculina que organiza os treinos, competições e conduzem a organização dessa prática esportiva.

Imagem 19 - Partida de futebol válida pelo torneio de futebol feminino da aldeia bororó realizado em 18 de maio de 2014.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em linhas gerais, é notório que a introdução à prática do futebol entre as mulheres é mais tardia em relação aos homens, não só para as Guarani e Kaiowá, mas para outros povos indígenas¹⁵⁴. Há ainda relatos de restrições à essa prática entre algumas etnias¹⁵⁵. Entretanto,

¹⁵³ - *EI*. Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 03/05/2014.

¹⁵⁴ - Similaridades foram apontadas por Vianna entre os Xavante e por Fassheber entre os Kaingang.

entre as Guarani e Kaiowá, desde que consentido por seus pais ou maridos, não existem exceções que impeçam as mulheres de praticar o futebol, de forma igualmente apaixonada.

2.4. Indígenas X Visitantes

É comum na Reserva Francisco Horta Barbosa a organização de partidas de futebol que relacionam equipes indígenas contra equipes convidadas. Nesse sentido, as equipes convidadas seriam times formados por instituições que, em geral, buscam evidenciar um bom relacionamento dos indígenas com a sociedade envolvente, sobretudo com a instituição representada pela equipe convidada.

Alguns dos jogos que observamos relacionavam as Prefeituras dos municípios de Dourados e Itaporã, FUNAI e ainda a Força Nacional. Essas partidas são organizadas dentro das aldeias e consideradas jogos comemorativos.

Destacamos aqui um jogo que ocorreu em 02 de junho do ano de 2011 no "campo da rotatória" na aldeia Jaguapiru. Na ocasião o jogo principal era dos Indígenas X Força Nacional.

Muitas pessoas se reuniram entorno do campo para assistir a aguardada partida. A torcida predominantemente indígena torcia por seus parentes. Os não-indígenas que lá estavam eram os jogadores do time visitante e alguns funcionários da FUNAI que acompanhavam a partida.

Naquele cenário, parecia não haver nenhuma torcida para a equipe da Força Nacional, apenas sete agentes ali presentes que não disputariam a partida. A torcida animada, dizia ainda em tom baixo "hoje é dia de dar uma 'coça' neles", entre outras brincadeiras proferidas em alusão ao fato da Força Nacional ser o policiamento responsável pela preservação da ordem pública no interior das aldeias¹⁵⁶.

¹⁵⁵ - Citamos aqui o caso dos Yawanawa e dos Karitiana que não permitem a prática do futebol entre as mulheres, sendo este esporte praticado apenas por homens e somente apreciado entre as mulheres que acompanham seus maridos nos campos. Sobre os Yawanawa ver, NAVEIRA, M. C. A festa do futebol: as formas esportivas da sociabilidade Yawanawa. In: FERNANDES, R. *O Futebol no Brasil dos Índios*. Florianópolis, 2006. (Projeto de Trabalho). Sobre a prática do futebol entre os Karitiana, conferir CASTRO, A. O. Bolas e Palavras entre os Karitiana. In: FERNANDES, R. *O Futebol no Brasil dos Índios*. Florianópolis, 2006. (Projeto de Trabalho).

¹⁵⁶ - O Departamento da Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), criado em 2004 e com sede em Brasília, no Distrito Federal, é um programa de cooperação de Segurança Pública brasileiro, coordenado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), do Ministério da Justiça (MJ). É um órgão que foi criado durante a gestão do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, idealizado pelo Ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos. Em Dourados, a Força Nacional começou a auxiliar a Polícia Federal na fiscalização nas aldeias a partir da Operação *Tekohá* ou Nossa Terra, em abril de 2011.

Imagem 20 - Torcedores acomodados às sombras no entorno do "campo da rotatória" na Aldeia Jaguapiru, aguardam o início da partida entre Indígenas X Força Nacional em 02/06/2011.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Enquanto observávamos o campo, antes do início da partida, um dos membros da Força Nacional que encontrava-se com o fardamento da instituição nos abordou e questionou sobre a intenção dos registros fotográficos ali realizados. Durante alguns minutos explicamos que tratava-se de uma pesquisa de pós-graduação, mas o mesmo acreditava que executávamos trabalhos para alguma ONG que intencionava criticar a atuação da Força Nacional na reserva.

Foi necessária a intervenção de uma liderança da aldeia para prosseguirmos com os registros. Porém não sem antes receber uma orientação tendenciosa por parte de um agente da Força Nacional que solicitou que falássemos "bem" de vosso trabalho.

Nesse contexto, é viável ressaltar que a atuação da Força Nacional nas aldeias de Dourados, constantemente, é alvo de críticas por parte dos indígenas que consideram, por vezes, ineficaz o seu trabalho no interior da reserva. Em meio a esse cenário de denúncias, nosso trabalho soou desconfiança para alguns agentes.

Questionamos o coordenador daquela partida, chamada de comemorativa, sobre quem teria organizado o jogo e conseqüentemente apontado como um momento de comemoração entre indígenas e a Força Nacional,

O convite quem fez foi o pessoal da polícia mesmo. Eles viram que a gente gosta muito de jogar bola e tiveram a ideia de comemorar a presença deles aqui com um jogo. A gente aceitou porque gosta de jogar né? [...] E também pra mostrar pra eles nosso talento aqui no campo. Eles ficam dizendo que a gente não sabe jogar futebol, que só entende de pelada, tirando brincadeira com a gente, então hoje eles vão ver a nossa capacidade no campo¹⁵⁷.

O mesmo questionamento fizemos a um agente da Força Nacional que registrava aquele momento através de uma câmera fotográfica. O mesmo nos informou que a intenção daquele jogo era evidenciar o bom relacionamento entre os indígenas e o agentes da Força Nacional em Dourados, através do futebol, e que os registros realizados seriam, posteriormente, divulgados no *site* do Ministério da Justiça para apresentar os momentos de interação na reserva.

Nos minutos que antecederam a partida, a relação entre indígenas e agentes era amistosa, com troca de elogios que pudessem, de fato, demonstrar a harmonia que objetivava a intenção daquela organização. Quando o árbitro, indígena indicado pela liderança esportiva da aldeia Jaguapiru, convoca os jogadores para discutir as regras gerais da partida e convocar para ocuparem o centro do campo, um semblante mais sério substitui os sorrisos até então estampados nos rostos dos jogadores de ambas equipes.

A equipe indígena foi composta por grande parte de seus jogadores veteranos, entre eles alguns jovens. No entorno, havia um extenso número de jogadores indígenas aguardando a possibilidade de entrar e contribuir com a partida, caso solicitado.

O treinador da equipe indígena convoca todos os jogadores de sua equipe para repassar informações gerais e realizar uma oração, em sua língua materna, às margens do campo.

A equipe da Força Nacional que já se encontrava disposta em campo, ao observar o momento de união entre os indígenas rapidamente se desloca ao centro para também manifestar sua força através de um "grito de guerra"¹⁵⁸.

¹⁵⁷ - Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 02/06/2011.

¹⁵⁸ - Um grito de guerra é, normalmente, uma palavra ou frase simples, de uma entidade, para juntar ou incentivar ao combate ou à ação, os seus membros ou seguidores. No futebol, os gritos de guerra servem como uma identificação de uma equipe.

Imagem 21 - Vestindo camiseta vermelha, equipe indígena se organiza antes do início da parte. De uniforme preto, equipe da Força Nacional se coloca em campo.



Fonte: Arquivo Pessoal.

As frases de incentivo direcionadas pela torcida eram mais contidas por parte dos indígenas. Proferiam mensagens como, "Vai lá Gersinho", "Vamos fazer bonito", entre outras. Entre os agentes as expressões refletiam o universo linguístico militar, "Mete faca na caveira", "Vamos acabar com isso logo", "É caveira neles" etc¹⁵⁹.

A torcida diante das provocações expressas pelos agentes começaram a proferir frases em guarani, manifestando sua identidade e despertando a curiosidade entre os não-indígenas ali presentes. Nesse sentido, aumentava-se uma rivalidade com os jogadores e a torcida oposta.

Às margens do campo encontravam-se os treinadores de cada equipe. Para liderar a equipe da Força Nacional um agente utilizando todo o fardamento da Instituição, pela equipe dos indígenas um jogador uniformizado que alternava as funções de treinador e jogador.

¹⁵⁹ - Aqui "universo linguístico militar" refere-se aos jargões da classe militar, que são palavras e expressões compreendidas e reconhecidas por todos os profissionais que pertencem a esta categoria profissional.

Imagem 22 - À margem do campo o treinador da equipe Força Nacional, utilizando o fardamento da Instituição. A sua direita, de uniforme preto jogador que escalado para realizar uma substituição. A sua esquerda, outro agente auxiliando o trabalho do treinador.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Dentro de campo o jogo é pautado pela igualdade de regras de enfrentamento. O jogo inicia de forma dura. Os agentes possuem habilidades mas os indígenas resistem bem ao jogo imposto pelo adversário. Contamos sete substituições, durante todo o jogo, por parte da equipe dos indígenas. Entre a equipe oposta somente três substituições foram realizadas.

O placar abriu com um gol dos visitantes e finalizou com a derrota do time da casa. Com o placar final de 2 X 5, os agentes saíram satisfeitos, com sorrisos largos nas fotos que seriam divulgadas e difundidas no *site* da Instituição como a manifestação da boa relação entre indígenas e Força Nacional.

Imagem 23 - Partida de futebol disputada entre Indígenas X Força Nacional em 02/06/2011.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A torcida indígena manifesta o seu descontentamento e aponta possíveis falhas da arbitragem, outros reclamavam da escalação, "colocam uns que não aguentam nada... os caras eram mais fortes", dizia um indígena visivelmente chateado pela derrota que creditava ao fato de terem selecionado grande parte dos jogadores veteranos para disputarem a competição. "Os caras tem time profissional deles", ouvíamos ainda esse reclame.

Observamos que, apesar de frustrante para a maioria dos jogadores, a derrota é compreendida com mais serenidade entre os indígenas mais velhos. Porém, não sem antes, solicitarem Revanche!

O episódio do jogo contra a Força Nacional foi marcado pela imprevisibilidade do jogo. Os indígenas jogaram em seu campo, com o incentivo de sua torcida e todo o imaginário do favoritismo a seu favor. É válido lembrar que todas as demais partidas contra não-indígenas que acompanhamos na aldeia, foram encerradas com a vitória dos locais¹⁶⁰.

¹⁶⁰ - No futebol, mesmo com regras e esquemas táticos, a ideia de imprevisibilidade é uma característica essencial, que desfaz possíveis favoritismos e tornam os resultados imprevisíveis.

Ao final da partida questionamos ao coordenador do jogo se o objetivo comemorativo daquele evento havia obtido êxito e o mesmo nos diz,

Claro que a gente queria ganhar né? Ai sim seria uma boa comemoração. Mas a gente fica feliz em receber o pessoal da polícia aqui e mais ainda com o convite deles de participar conosco e mostrar pro nosso povo que é gente simples que joga bola também. Agora a gente precisa de uma revanche pra mostrar nossa força pra eles. Hoje não foi um dia bom no campo, tem o pessoal que já tava cansado. Aqueles companheiros jogaram cedo num torneio da bororó e nosso time entrou desfalcado. Então ficou pra uma próxima, mas o que vale é a brincadeira aqui¹⁶¹.

Ao analisar os convites que os indígenas recebem para receber equipes visitantes na reserva, destacamos a intencionalidade dessas ações.

Certa vez o coordenador dos esportes da aldeia Jaguapiru nos relatou que estava realizando um jogo a pedido da assessoria de um político da região. Naquele caso, o político faria uma visita e seria mais produtivo encontrar uma aglomeração de pessoas já formada em campo. Nesse sentido, o assessor entrou em contato com uma liderança indígena que solicitou a organização do jogo ao coordenador esportivo da aldeia. Diante disso, a moeda de troca seria a doação de materiais esportivos, alimentícios e sobretudo o alinhamento da influência política da liderança indígena.

Não raro, políticos ou seus "funcionários do primeiro escalão"¹⁶² negociam com as lideranças indígenas, partidas de futebol nas aldeias para realizar assistencialismo social e divulgar planos de trabalhos políticos ou, simplesmente, para evidenciar na mídia o bom relacionamento com os indígenas, quando lhes é conveniente.

Nesse sentido, o futebol, até então apontado como agregador de sociabilidade, capaz de proporcionar lazer e as mais diversas sensações aos jogadores e torcidas, desde o orgulho de suas identidades até perspectivas profissionais, pode também ser compreendido como um elemento de negociação indígena.

¹⁶¹ - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 02/06/2011.

¹⁶² - Funcionários do primeiro escalão são aqueles que ocupam o segundo lugar mais alto na estrutura hierárquica, abaixo apenas do chefe ou líder geral. Também chamados de "cargo de confiança", normalmente são cargo em comissão ou comissionados.

CAPÍTULO 3

LIGAÇÕES EXTERNAS: O FUTEBOL INDÍGENA EM CAMPOS VIZINHOS

As ligações externas estabelecidas com as relação do futebol indígena em espaços não-indígenas agregam não somente uma organização externa, como, principalmente, uma nova organização interna. Cria situações organizacionais não estabelecidas na prática entre indígenas da mesma reserva, o que resulta em uma nova compreensão de sua própria identidade.

Em campos vizinhos, o futebol torna-se um importante elemento de manifestação identitária, de seus aspectos cotidianos e culturais como veremos neste capítulo.

3.1. Comunicações Externas

As ligações externas no âmbito esportivo, especificamente do futebol, são compreendidas de duas formas entre os Guarani e Kaiowá: através da participação de indígenas em equipes não-indígenas e ainda por meio da participação das equipes indígenas nos campeonatos regionais e competições de âmbito nacional. Ou seja, o indígena pode se relacionar e compor equipes não exclusivas indígenas ou ainda enfrentar essas equipes.

Da mesma forma que ocorre entre os Kaingang, "a fama de alguns bons jogadores transforma-os em reforços de equipes urbanas nos municípios em que o contato é mais proximal¹⁶³", conforme o caso do kaiowá Geanderson, destacado no capítulo 1, tópico 1.4.

Os jovens indígenas são indicados pelo coordenador esportivo de sua aldeia para integrar reforços em equipes dos clubes regionais. Além de indicar jogadores com boas

¹⁶³ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 131.

qualidades técnicas, o coordenador enfatiza suas características comportamentais dentro e fora do campo¹⁶⁴.

Para tanto, cabe ao coordenador, visitar frequentemente sedes e diretorias dos clubes para tentar 'encaixar' um jovem indígena nos treinos ou ainda na composição das equipes.

Em alguns casos, o coordenador esportivo da aldeia convida membros da diretoria dos clubes para conhecer suas equipes através da observação de um treino na reserva ou agenda um amistoso entre a equipe do clube e uma equipe indígena, com o objetivo de mostrar as habilidades de um número maior de jogadores, transformando esse contato em um "investimento de membros de diversos povos indígenas e de não-índios na comunicação recíproca por meio dos jogos e esportes, em geral, e do futebol, em particular¹⁶⁵".

Da mesma forma que para o não-índio existe o imaginário de que esses jogadores possuem habilidades relacionadas à força, para os indígenas existe a ideia de predileção aos brancos. Diante disso, com a bola em campo, cada jogador busca ressaltar suas melhores qualidades, seja técnicas ou físicas e se esses nexos estabelecidos não fizesse sentido para os Guarani e Kaiowá "o futebol não apareceria como uma dobradiça possível entre a sua sociedade e a 'dos brancos'¹⁶⁶".

As referências culturais indígenas observadas em campo, quando esses jovens são submetidos a testes, relaciona-se com as perspectivas da vida social indígena, o que figura o futebol em uma comunicação transcultural.

Outra situação comum nas relações externas são as participações em campeonatos regionais. Em geral ocorrem nos municípios de Douradina, Dourados, Itaporã, Amambai, entre outros municípios próximos.

Como cada aldeia possui seu próprio coordenador esportivo, os convites para a participação indígena nos campeonatos externos são direcionados a essas pessoas que tornam-se responsáveis em convidar as equipes da reserva.

Questionado sobre os convites para participação nos torneios e campeonatos externos, o coordenador esportivo da aldeia Jaguapiru diz¹⁶⁷.

¹⁶⁴ - Como apontamos no capítulo 1, existem regras que os indígenas devem seguir para treinar nas equipes da reserva, entre elas manter bom comportamento no âmbito familiar e ainda escolar.

¹⁶⁵ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 30.

¹⁶⁶ - VIANNA, F. L. B., *Boleiros do cerrado: Índios Xavantes e o futebol*, p. 31.

¹⁶⁷ - Dentre as indagações realizadas que conduziram essa entrevista, questionamos *Como é feito o convite para participações no torneio externos? Quem realiza o primeiro contato? Existe alguma diferença no futebol praticado fora e dentro da aldeia?*

Normalmente o pessoal lembra bastante da gente e convida para participar aí fora [...] Os organizadores dos campeonatos mesmo é quem me liga ou manda um recado e a gente vai atrás pra participar também né? E o pessoal insiste, gosta que a gente participa. Até porque a gente faz bonito perdendo ou ganhando [...] Temos aqui uma regra que é de nunca brigar lá fora. Você nunca vai saber de um jogador nosso que saiu lá fora e fez feio e se souber com certeza a gente vai repreender aqui e com a gente não joga mais. Tem uma coisa que a gente sempre explica para o nosso pessoal, é que o nosso povo já é muito criticado lá fora, muita gente não aceita muito bem a gente, então nosso principal objetivo é mostrar que a gente tem caráter pra sermos bons homens e qualidade nos pés pra jogar futebol em qualquer lugar¹⁶⁸.

O entrevistado ressalta que a relação externa objetiva, em primeiro lugar, apresentar aos não-indígenas o que o Guarani e Kaiowá tem de melhor: "força, caráter e coragem". A força seria demonstrada, principalmente, por meio da capacidade de se adaptar a novas realidades, mantendo a rapidez, agilidade e preparo físico indígena para sustentar o jogo. O caráter é a característica fundamental para estabelecer o *fair play*¹⁶⁹. A coragem, por sua vez, é essencial para adentrar em um campo desconhecido e buscar o melhor de si mesmo.

O comportamento em campo é sério, com orientações rígidas do treinador que objetiva manter foco e concentração durante toda a partida para evitar conflitos e punições esportivas. Ainda que haja uma constante reclamação do trabalho de arbitragem nessas competições.

É ruim pensar isso, mas a gente tem na cabeça que os juízes não gostam muito de índio viu [...] Eles sempre dão um jeito de prejudicar a gente. Não que a gente também não erra, a gente erra, é claro. Mas a gente evita muito e é muito perseguido as vezes [...] Quando nos inscrevemos nos torneios fora a primeira coisa que a gente pensa que pode não agradar tanto é o juiz [...] Essa é a maior diferença entre os torneio dentro e fora da aldeia. Aqui fora as vezes vem um povo que não conhece o nosso jeito, a nossa cultura e já julga antes de conhecer¹⁷⁰.

Nesse caso, observamos que as reclamações relacionavam-se as inúmeras paradas durante a partida, aos impedimentos marcados, entre outras características que não são comuns nos jogos de futebol praticado na interior das aldeias.

¹⁶⁸ - Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

¹⁶⁹ - No futebol, *fair play* significa jogo limpo, justo. Empregado em situações em que o espírito de equipe e o companheirismo devem ser enaltecidos, vincula-se a ética no meio esportivo, onde os praticantes devem procurar jogar de maneira que não prejudique o adversário de forma proposital.

¹⁷⁰ - Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 11/05/2012.

Assim como observado por Fassheber entre os Kaingang, essa insatisfação com as arbitragens não nos pareceu "ser o caso de eles não conhecerem as regras", dado o longo período que os mesmos praticam esse esporte,

E podemos supor que, não obstante o conhecimento das regras, eles tenham adaptado algumas delas e seu interior, cabe perguntar se na medida em que vão conhecendo formalmente as regras, vão seguindo-as? A construção da mimesis pode ter então uma conotação transitória, e pela falta de conhecimento formal das regras eles vêem o jogo, imitam, criam regras pela criatividade e depois vão mudando na medida que têm novos conhecimentos¹⁷¹.

Apesar do evidente descontentamento em relação às arbitragens dos campeonatos externos, observamos que, durante o período que acompanhamos os Guarani e Kaiowá, nenhum jogador ou mesmo o treinador receberam punições severas como a expulsão. Até mesmo as advertências e cartões amarelos, comuns no decorrer de uma partida de futebol, são escassas nos históricos das equipes indígenas.

Consideramos ainda que a notória insatisfação pode resultar, também, de outras ações e emoções que circunscrevem a tensão indígena diante de público e jogadores até então desconhecidos. Nesse sentido, estendemos a reflexão de Turner sobre o drama social, para compreender que, diante do desconhecido, os Guarani e o Kaiowá não manifestam simplesmente coisas, eles tentam mostrar outras que eles estão fazendo ou já a fizeram, enfatizando assim a sua identidade indígena nessa relação de comunicação externa¹⁷².

Veremos, a partir de agora, como ocorre em campo essa relação externa entre indígenas e não indígenas nos campeonatos regionais.

3.2. Participação em Campeonatos Regionais

Conforme observamos, sempre que há campeonatos de futebol nos municípios vizinhos, as da Reserva Francisco Horta Barbosa são convidadas a participarem. Entre os anos de 2011 e 2013 tivemos a oportunidade de acompanhar algumas participações Guarani e Kaiowá em Campeonatos Regionais.

¹⁷¹ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 135-136.

¹⁷² - TURNER, V. Dewe, *Dilthet and Drama: an essay in Antropology of Experience*. In: TURNER, V. & BRUNNER, E. *The Antropology of Experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

Destacamos aqui, a participação indígena em duas competições ocorridas no município de Itaporã: "1º Copa para Todos" e "1º Copa União"¹⁷³.

Ambas competições foram organizadas pela Prefeitura Municipal de Itaporã, sendo a "1º Copa para Todos" no primeiro semestre do ano de 2013 e a "1º Copa União" no segundo semestre do mesmo ano.

Escolhemos relatar sobre essas competições por serem duas das quais observamos integralmente, presente no período de inscrição, congresso técnico e em todas as partidas disputadas pelas equipes indígenas.

Em março de 2013 o coordenador esportivo da aldeia Jaguapiru e o representante do NAM - Núcleo de Atividades Múltiplas da Reserva Indígena, foram convidados pelo organizador da "1º Copa para Todos" para realizarem inscrição no evento.

A coordenação do evento não estipulou o pagamento de taxa de inscrição, mas todas as equipes precisariam deixar um cheque no valor de R\$ 300,00 (trezentos reais) que seria descontado caso houvesse desistência na competição antes do período estipulado no regulamento. Segundo a coordenação do evento, essa era uma forma de evitar que muitas equipes se inscrevessem e desistissem sem disputar as primeiras partidas, o que prejudicaria a logística do campeonato.

Diante disso, formou-se duas equipes da Reserva para disputar a "1º Copa para Todos": equipe "Bangu" e equipe "NAM".

¹⁷³ - Organizadas pelo Departamento de Esporte do município de Itaporã, as duas copas fazem parte das ações de incentivo ao futebol de campo amador. O objetivo das duas competições é gerar a grande final entre as equipes vencedoras, de cada copa, e definir o grande campeão do respectivo ano.

Imagem 24 - Foto oficial de divulgação da equipe NAM na 1ª Copa para Todos.



Fonte: GETCEL - Gerência de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Itaporã-MS.

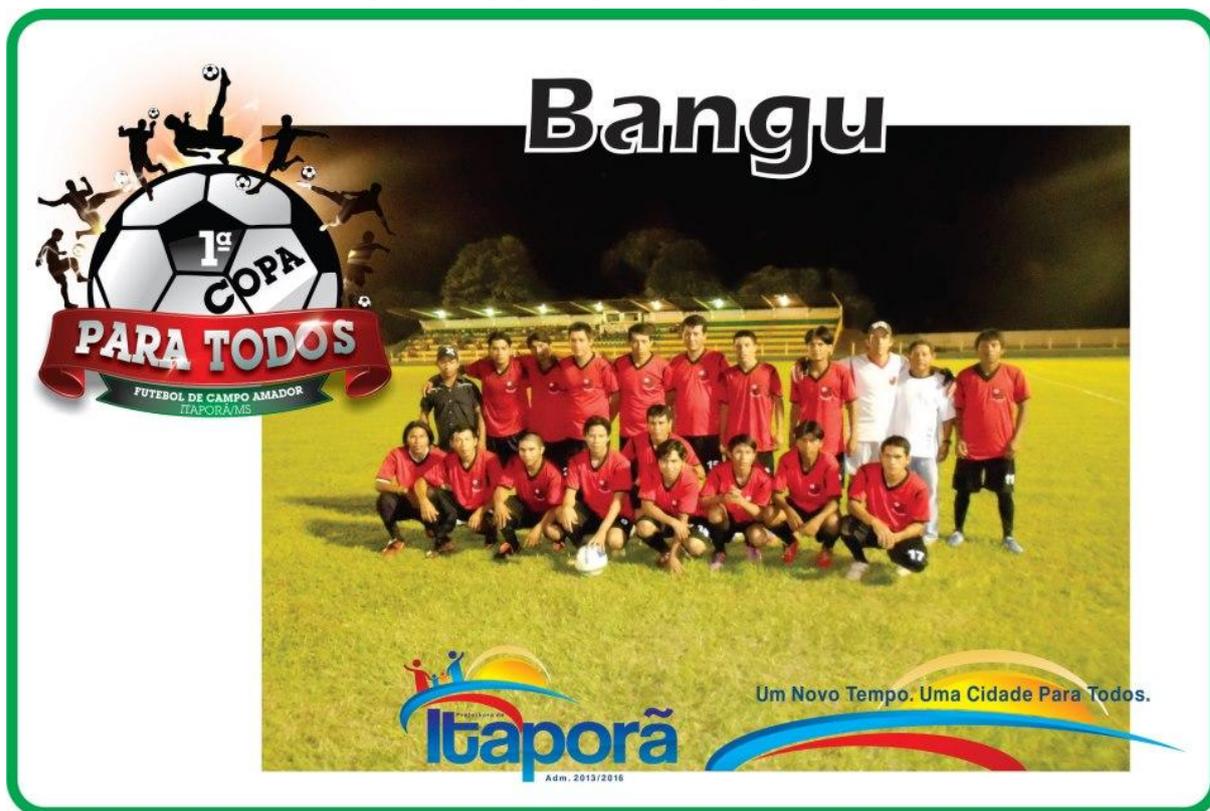
O responsável pelo "NAM" não teve nenhum problema para a efetivar a inscrição. Inscreveu jogadores indígenas e ainda alguns jogadores não-indígenas, entre eles colaboradores do Núcleo de Atividades¹⁷⁴. Já a equipe Bangu, composta exclusivamente por indígenas, em sua maioria guarani, não dispunha de talão de cheque para efetuar sua inscrição. Nesse contexto, o coordenador esportivo da aldeia Jaguapiru saiu em busca do cheque que garantiria a participação da equipe na competição. Não identificando nenhum membro da equipe ou conhecido que dispusesse desse serviço bancário, pediu a nossa ajuda para conseguir efetivar sua participação no campeonato.

No momento em que emprestamos a folha de cheque devidamente preenchida, o responsável pela equipe nos entregou uma bolsa contendo o valor do respectivo cheque em diversas notas de pequeno valor e muitas moedas. Era o valor arrecadado através de uma "vaquinha" na aldeia. Apesar de informarmos que, segundo as regras da organização, o cheque não poderia ter o valor descontado se a equipe participasse assiduamente dos jogos,

¹⁷⁴ - O NAM - Núcleo de Atividades Múltiplas iniciou a partir de um projeto da UNIGRAN - Centro Universitário da Grande Dourados que integrava professores e estagiários do curso de Educação Física da Universidade. Atualmente o NAM conta com a participação e atuação de indígenas esportivas e ainda dos profissionais envolvidos com as práticas esportivas e culturais para atender às demandas sociais da reserva, sobretudo em relação à ocupação do tempo das crianças e adolescentes indígenas.

para os indígenas era uma "questão de honra" dispor do valor para efetivar a inscrição. Acordo feito, entregamos o cheque e guardamos o dinheiro. Quando a Copa chegou na etapa da semifinal todos os cheques das equipes foram devolvidos, assim ao receber a devolução do cheque, repassamos a mesma bolsa contendo o valor arrecadado pelos indígenas.

Imagem 25 - Foto oficial de divulgação da equipe Bangu na 1ª Copa para Todos.



Fonte: GETCEL - Gerência de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Itaporã-MS.

Com onze equipes confirmadas para disputar a "Copa" a organização do evento marcou o Congresso Técnico para apresentar e discutir o Regulamento. Na ocasião, estiveram presentes os representantes das duas equipes indígenas que não fizeram nenhum questionamento diante das acaloradas discussões entre os demais representantes que discordavam de algumas regras e imposições dos organizadores.

Após a reunião esportiva, os coordenadores das equipes alegaram que foram ao Congresso Técnico apenas para cumprir todas as etapas do campeonato, pois segundo o coordenador da equipe "NAM", "time que muito fala não joga bola".

A organização do evento ficou com a obrigatoriedade de fornecer transporte à todas as equipes e ficou estabelecido ainda, que em períodos muito chuvosos as partidas das equipes

da reserva seriam adiadas, em função da precariedade das vias internas das aldeias que impossibilita a locomoção em dias de chuva.

No dia marcado para a realização da cerimônia de abertura da "Copa", uma tarde ensolarada de domingo, dois ônibus da Prefeitura Municipal de Itaporã buscaram as equipes e conduziu-as para o Estádio "Chavinha", no município de Itaporã¹⁷⁵. Indígenas torcedores e apreciadores do futebol também se deslocaram para o município vizinho para prestigiar o evento.

Indígenas que não possuíam carros, utilizaram bicicletas, charretes e teve ainda os que fizeram o percurso de 15 KM a pé para participar da cerimônia, constituindo assim, a maior torcida presente no estádio.

Na cerimônia de abertura não houve disputa entre as equipes participantes. Apenas a apresentação das equipes e um jogo comemorativo entre duas equipes de veteranos do município.

Imagem 26 - Apresentação das equipes participantes da "1º Copa para Todos" na cerimônia de abertura do evento.



Fonte: Arquivo Pessoal.

¹⁷⁵ - O Estádio Municipal Francisco Chaves Filho é popularmente conhecido como "Chavinha".

A "Copa" foi dividida em duas chaves, "A" e "B" e as duas equipes indígenas foram sorteadas para o mesmo grupo, "A".

Já na primeira rodada a equipe Bangu é sorteada para enfrentar um time considerado forte entre o público itaporaense. Da arquibancada o público local, curioso em conhecer o desempenho das equipes indígenas, expressavam frases do tipo: "Dizem que esses índios comem a bola!"¹⁷⁶.

Nesta partida, o público que admirava com curiosidade a atuação do time indígena presenciou uma goleada em campo. Final de jogo: 5 a 1 para a equipe Bangu.

O público saía do estádio exaltando o desempenho dos indígenas em campo, "Viu como corre os índios?", "Jogam demais esses índios!" eram as expressões usadas ao término da partida.

Em função do excelente desempenho da equipe indígena já na primeira partida da "Copa" a fama de bons jogadores, atribuída aos indígenas de Dourados, aumentou consideravelmente a popularidade do evento nas redes sociais e nos locais de comum lazer, como bares e clubes. Na Reserva não foi diferente, o público indígena repercutia a vitória do seu povo e organizavam-se para irem ao estádio nas próximas partidas.

Na segunda rodada, coube a equipe do "NAM" demonstrar suas habilidades. Com uma composição mista, a equipe não era composta exclusivamente por indígenas, tendo como goleiro um morador do município de Itaporã, que já atuou no futebol profissional do Estado, entre outros jogadores não-indígenas.

A formação da equipe "NAM" causou polêmica durante todo o evento, pois representantes das demais equipes denunciaram que a equipe indígena infringia uma das regras do campeonato, que determina que todos os jogadores residam ou tenha domicílio eleitoral em Itaporã, salvo os jogadores da reserva indígena. Nesse caso, a exceção foi concedida em função das inúmeras divergências nos cadastros territoriais que não define formalmente quais espaços físicos da reserva encontram-se nos limites territoriais de Itaporã e Dourados, sendo comum formalizar a segunda opção.

Entretanto, os jogadores das outras equipes apontavam ter conhecimento que alguns jogadores do "NAM" não eram indígenas. A equipe acusada se defendeu alegando que o regulamento do campeonato dizia que os jogadores deveriam possuir domicílio eleitoral ou residir em Itaporã ou, ainda, residir na Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa e que não

¹⁷⁶ - No futebol, "comer a bola" é uma característica do jogador que atua muito bem. Nesse sentido, o time que "engole" a bola é considerado o "dono do jogo".

estava explícito que os moradores da Reserva deveriam ser indígenas. Sendo assim, comprovaram a residência dos demais jogadores nas aldeias e permaneceram com sua equipe na competição.

Mesmo com toda a polêmica em sua participação, a equipe "NAM" não se abalou e marcou a segunda goleada, também indígena, no campeonato. As vitórias das duas equipes criaram um *frenesi* entorno do futebol praticado pelos indígenas. O público itaporaense e das cidades vizinhas, passou a frequentar o estádio para prestigiar o festival de gols e domínio de bola apresentado pelas equipes da reserva.

As orações e expressões corporais, realizadas antes de iniciar as partidas, constituía um espetáculo à parte para os curiosos presentes. Na arquibancada, indígenas referenciavam os jogadores com palavras na língua guarani e demonstrava ao público não-indígena o sentido de força indígena.

O público observava atento aos pequenos detalhes das pinturas corporais que os uniformes permitiam visualizar e um dos jogadores nos explicou que

A pintura corporal é feita pra garantir a força que pedimos em canto e oração antes de iniciar a partida. E pra mostrar que a gente tem muito orgulho de ser índio. Muita gente fala mal, acha que somos vagabundos e muitos índios acaba tendo vergonha da nossa etnia [...] Diante do público a gente não pode ter vergonha, temos que mostrar o que temos de melhor e aqui é um bom momento pra isso¹⁷⁷.

Associada à fala do jogador ao comportamento esportivo da equipe apresentado em campo, compreendemos que o objetivo do coordenador e treinador do grupo estava seguindo o seu curso: "mostrar que a gente tem caráter pra sermos bons homens e qualidade nos pés pra jogar futebol em qualquer lugar".

Dessa forma, é possível assimilar a seguinte reflexão,

A identidade gravada no corpo faz o corpo se expressar de forma singular, mesmo se pensarmos na expressão a partir de outros conhecimentos e comportamentos introduzidos em sua vida, como são os casos dos esportes introduzidos nas aldeias da nossa etnia¹⁷⁸.

¹⁷⁷ - Elias Souza. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Itaporã-MS, 09/06/2013.

¹⁷⁸ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 72.

A segunda partida da equipe "NAM" também foi marcada por uma goleada em favor do time indígena. Diante disso, o favoritismo era certo para as equipes da reserva. Fora do campo, jogadores, torcedores e admiradores diziam as mesmas palavras, "vai dar os índios na final".

Enquanto todos aguardavam o início da partida válida pela semifinal da "Copa", o locutor da rádio que fazia a transmissão do evento decretava, "Não há nenhuma possibilidade dos dois times indígenas não se enfrentarem na final"¹⁷⁹. Entretanto, discutimos antes que a imprevisibilidade é a essência do jogo e uma derrota por 7 X 2 tirou o favoritismo indígena de campo.

Após a derrota em campo, questionamos o treinador da equipe sobre o surpreendente resultado. Sobre este assunto, relatou-me:

A melhor explicação pra isso é que participamos de um jogo. Isso é um jogo. Um dia a gente perde e outro a gente ganha. Mas ninguém saiu triste não viu [...] A maioria daqueles meninos disputaram um torneio hoje cedo na aldeia e ganharam. Eles estão cansados, por mais que temos um bom preparo físico, ganhar um torneio de um único dia é terrível, são vários jogos disputados e ainda ter que vir aqui [...] Não dava para proibir os meninos de jogar lá, o jeito era participar das duas partidas e estamos felizes por não ter desistido de vir. Eu também fiquei um tempo afastado, perdi minha mãe recentemente e fiz meu luto [...] nesse período não pude treinar e os meninos ficaram sem treinamento. Mas eu não vou justificar uma derrota aqui, porque a gente sai satisfeito com o que demonstramos nessa cidade¹⁸⁰.

Diante disso, compreendemos a prioridade da equipe "Bangu" em participar das atividades internas da aldeia. Naquele mesmo dia foram campeões de um torneio interno da aldeia Bororó e no Estádio "Chavinha" saíram aplaudidos por um público que, apesar de lamentar incrédula a derrota, agradecia pelo espetáculo proporcionado até aquele momento.

À equipe "NAM" ficou com a "missão" de representar os indígenas na final do campeonato.

¹⁷⁹ - *Jair de Oliveira*. Transmissão radiofônica da partida de futebol. Rádio Comunitária Fundação Pedra Bonita - 87,9 FM. Itaporã-MS, 04/08/2013.

¹⁸⁰ - *Gerson de Souza Silva*. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 04/08/2013.

Imagem 27 - Registro feito no estádio "Chavinha" antes de iniciar a final da "1º Copa para Todos".



Fonte: Arquivo Pessoal.

Antes de iniciar a partida, jogadores da equipe "NAM" acreditavam na vitória de sua equipe. Diante de toda a confiança apresentada, não esperavam uma partida equilibrada que garantiria a vitória por 3 X 2 para a equipe "RT-Metalúrgica".

Imagem 28 - Equipe do "NAM" recebendo as medalhas pelo segundo lugar na competição.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao final da competição, a equipe do "NAM" recebeu troféus e medalhas e ainda uma compensação financeira, oferecida às quatro equipes melhores colocadas. Outro prêmio destinado à equipe indígena foi o troféu para o goleiro menos vazado que no caso era um dos integrantes não-indígena da equipe.

Um mês após o término da "1º Copa para Todos", iniciou a "1º Copa União". Porém, o segundo campeonato ocorreria em um período menor. Para tanto, as partidas que na competição anterior ocorreram apenas aos domingos, seriam disputadas também às terças e quintas-feira. Outra novidade é que na primeira fase da competição os jogos aconteceriam nos demais centros esportivos do município de Itaporã. Com isso, algumas equipes jogariam "em casa", uma vez que a maior parte dos times são compostos por equipes dos bairros que treinam nos respectivos espaços esportivos.

Imagem 29 - Arte de divulgação da "1ª Copa União".



Fonte: GETCEL - Gerência de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer de Itaporã.

Questionamos um jogador indígena da equipe "NAM" se ele se sentia prejudicado por jogar nos distritos e bairros, onde algumas equipes concentram torcidas e o mesmo respondeu: "Não. Pra gente sem problemas, vai ser pau lá e pau aqui".

Nesse sentido, observamos que a formação das equipes possuíam as mesmas características. Com um espírito de competitividade visível, a equipe "NAM" mantinha sua formação com o acréscimo de dois jogadores profissionais. Já que o regulamento da "1º Copa União" permitia a inscrição de até dois jogadores profissionais em cada equipe¹⁸¹.

A equipe "Bangu" também manteve sua equipe com a formação de jogadores, exclusivamente, indígenas.

Nessa "Copa", outro time da reserva se inscreveu para participar da competição. Denominada "Agustinho", essa equipe é composta por uma única família Kaiowá, moradores na aldeia Bororó.

Apesar de não ter alcançado a vitória no último campeonato, o público presente enaltecia as características do bom futebol indígena apresentando na "Copa" anterior.

Dessa vez, devido a rotatividade dos centros esportivos, o público indígena teve dificuldade para acompanhar todos os jogos.

A primeira equipe indígena a sair da competição foi a "Agustinho", seguida da equipe "Bangu" que, apesar de destacadas entre as demais dezessete equipes, não chegaram à final do campeonato. A equipe do "NAM" novamente chegou à final como grande favorita do torneio. Entretanto o jogo válido pela final da "Copa" foi cancelado por determinação judicial devido a um recurso impetrado no Fórum da Comarca de Itaporã que denunciava a equipe "Santa Terezinha" de disputar os jogos com três jogadores profissionais, enquanto o regulamento previa a permissão de apenas dois jogadores dessa categoria. Como a final seria disputada entre as equipes "NAM" e "Santa Terezinha" o juiz da Comarca de Itaporã determinou que fosse cancelada a final do campeonato até tomadas todas as providências judiciais.

Passado quase um ano do cancelamento da partida, os jogadores indígenas aguardam ansiosos pela "surra" que almejam dar no time adversário.

O acompanhamento da participação indígena nas competições externas nos aponta uma nova identidade do índio. Se, dentro das aldeias, o respeito à etnia se configura como regra obrigatória entre os Guarani e Kaiowá, fora da reserva há espaços para provocações e enaltecimentos das próprias qualidades em jogo, conduta não observada nos jogos internos entre indígenas.

Fassheber também notou semelhanças entre os Kaingang,

¹⁸¹ - Nesse caso, o regulamento da competição identificava enquanto profissional os jogadores que atuaram nos últimos dois anos em campeonatos estaduais.

Não é exagero dizer que, quando estes jogos são realizados entre Kaingang de TIs diferentes ou quando realizado com assentados e acampados, as relações de rivalidade entre equipes parecem mais amistosas do que quando estes jogos são realizados com equipes da cidade. Isto é notado mais no comportamento da torcida do que nos jogadores em campo¹⁸².

No caso dos Guarani e Kaiowá, entre as três equipes analisadas, podemos afirmar que a característica de rivalidade é mais presentes nos discursos e comportamento da equipe "NAM", que com uma formação mista não manifesta somente a identidade indígena, mas também a de todos os demais jogadores não-indígenas junto aos seus valores culturais e sociais.

As equipes "Bangu" e "Agustinho", composta apenas por jogadores indígenas, conseguem manter o mesmo comportamento apresentando na prática do futebol no interior das aldeias. Com perfis mais contidos, os jogadores apresentam a união do grupo com a valorização do coletivo. Quando em campos indígenas, o futebol é uma forma de celebração. Em campos externos, é, principalmente, uma conexão com o "outro", "o desconhecido".

O futebol praticado e vivido nos campeonatos regionais constitui-se em uma grande oportunidade de apresentação e compartilhamento da cultura indígena. Não apenas pelo desempenho técnico apresentado, mas principalmente pela manifestação de suas características identitárias expostas dentro e fora de campo.

3.3. Jogos dos Povos Indígenas: "O importante não é competir, e sim, celebrar!"

Com a universalização dos Jogos Olímpicos ao longo do século XX, podemos dizer que os jogos "influenciaram e promoveram a popularização das diversas modalidades que se incorporaram aos próprios jogos ao longo desse tempo¹⁸³". Não distante desse processo de globalização dos esportes, as organizações sociais dos eventos, sejam eles no âmbito profissional ou de lazer, resulta na manifestação dos valores culturais das sociedades.

Sejam nas Olimpíadas mundiais até aquelas promovidas nos interiores das escolas, no imenso leque aí formado, a organização mimética das sociedades em torno destes jogos coloca-nos alguns de seus planos universais: guardam por sua realização, a centralidade do tempo e do espaço; reúnem grupos diferenciados de sexo, idade, classe, etnia; etc; constituem regras universais em sua prática; premiam-se os

¹⁸² - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 136.

¹⁸³ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 101.

melhores competidores dos países mais desenvolvidos, comemoram ou desprezam o feito de um país economicamente fraco participar¹⁸⁴.

Nesse sentido, podemos afirmar que a manifestação da identidade de um indivíduo se manifesta, também, por meio do processo de organização e participação de um evento esportivo.

Com o propósito de "incentivar, fortalecer a prática dos jogos tradicionais e não tradicionais, divulgar as manifestações esportivas e culturais de cada nação indígena e promover a integração das diversas etnias", os irmãos Carlos e Marcos Terena idealizaram a realização das "Olimpíadas Indígenas", na década de 1980.

Durante o período de dezesseis anos, os irmãos Terena buscaram, incansavelmente, parceiros para a execução de seu projeto inédito, já que até então nenhum trabalho similar havia sido realizado de forma oficial. Somente em 1996, com a criação do Ministério Extraordinário dos Esportes, a proposta dos irmãos Terena foi aceita pelo então ministro Edson Arantes do Nascimento, conhecido mundialmente como o jogador Pelé.

A iniciativa apresentada vislumbrava agregar os valores dos esportes tradicionais indígenas e seguido desse argumento, representantes e líderes indígenas junto ao Ministério dos Esportes e demais órgãos e autarquias estaduais e municipais, promoveram o 1º Jogos dos Povos Indígenas¹⁸⁵.

Sendo um dos idealizadores do JPIs, Marcos Terena nos diz,

Começamos a trabalhar esse conceito de Jogos dos Povos Indígenas. [...] Então começamos com o Pelé quando ele era Ministro do Esporte 'Pelé será que dá pra fazer uma olimpíada?'; a gente usava esses termos mais comuns, se falasse Jogos Indígenas todo mundo vai pensar que era campeonato de futebol. Queríamos usar a expressão "Olimpíadas" juntando 30 povos no Brasil, dos 2013¹⁸⁶.

Através da narrativa de Terena, associada às reflexões de Fassheber, compreendemos o verdadeiro significado dos JPIs: apresentar aos diversos públicos os seus valores culturais, por meio dos jogos tradicionais.

Nesse contexto, Vinha et al., apresenta a seguinte definição para "jogos tradicionais":

¹⁸⁴ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 101.

¹⁸⁵ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 101.

¹⁸⁶ - TERENA, M., *O Esporte como resgate de Identidade e Cultura*, p. 20-21.

El 'juego tradicional' mantiene características similares a las del popular, con la diferencia de que puede incluir manifestaciones de la cultura corporal, con significados rituales practicados como pre-requisitos para cambios en la posición social, para celebrar eventos de la naturaleza o para homenajear a seres sobrenaturais [...] No obstante, estudios recientes realizados en Brasil sobre los juegos de los pueblos indígenas apuntan a que, aunque las modalidades deportivas [individuales y colectivas] estén regidas por normas e instituciones deportivas internacionales, existe un diálogo entre esas reglas y algunos elementos culturales propios de cada pueblo indígena¹⁸⁷.

Dessa forma, entendemos que os esportes considerados modernos, podem ou não apresentar resignificações ou incorporações culturais, apresentadas no contexto esportivo indígena e o próprio jogo indígena, ainda que tradicional, pode expor apropriações modernas. Diante dessas questões de apropriações culturais, compreendemos que o JPI não apenas apresenta as peculiaridades de cada etnia entorno do esporte, mas favorece a "exportação" de jogos tradicionais de uma etnia para outra. Ao analisar esse processo de "exportação" de jogos, podemos observar que algumas práticas são tão exóticas para os indígenas, quanto são para os brancos, e em referência a essa dinâmica, Fassheber operacionaliza o conceito de *mimesis* ou construção do Etno-Desporto.

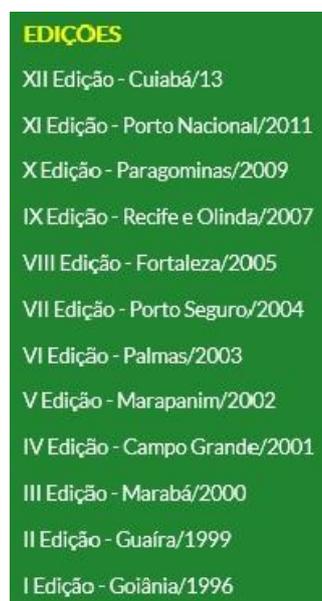
A maravilha da *mimesis* consiste na cópia retratada no caráter e no poder do original, para o ponto em que as representações podem sempre assumir este caráter e este poder. Essa é a magia simpática necessária para o processo de conhecimento como para a construção e a subsequente "naturalização" das identidades. No caso dos esportes, e particularmente no caso do futebol, a faculdade mimética também pode ser demonstrada da seguinte forma: ao mesmo tempo em que há o processo de *mimesis* do esporte global, a difusão de diversas práticas desportivas e o entendimento das regras universalizadas, a *mimesis* opera nas identidades que o jogo pode criar. Estas identidades são "naturalizações" que as diferentes culturas têm de fazer do futebol, por exemplo, um jogo congruente às especificidades de cada cultura, ou por assim dizer, criam uma "segunda natureza" futebolística ou, como defendemos, o Etno-Desporto. Nesse sentido, entendemos que a *mimesis* opera na construção de novas e inigualáveis relações sociais - uma nova forma de organização de equipes, torneios, torcidas, identidades e rivalidades. Mas também pode ser marcado no corpo físico através do corpo social, i.e., os esportes não são apenas copiados, ao contrário, sobre eles recaem as construções corporais específicas de cada sociedade¹⁸⁸.

¹⁸⁷ VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C., *Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil*, p. 471-472.

¹⁸⁸ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 98.

Esse movimento, expressa "o processo de resignificação de valores culturais e uma re-inserção com o mundo dos brancos¹⁸⁹" presente nas edições dos JPIs. Até hoje foram realizadas doze edições, conforme quadro abaixo:

Imagem 30 - Quadro de edições de JPIs.



Um quadro com fundo verde escuro e texto em amarelo e branco. O título 'EDIÇÕES' está em amarelo. O conteúdo da tabela é o seguinte:

| EDIÇÕES |
|----------------------------------|
| XII Edição - Cuiabá/13 |
| XI Edição - Porto Nacional/2011 |
| X Edição - Paragominas/2009 |
| IX Edição - Recife e Olinda/2007 |
| VIII Edição - Fortaleza/2005 |
| VII Edição - Porto Seguro/2004 |
| VI Edição - Palmas/2003 |
| V Edição - Marapanim/2002 |
| IV Edição - Campo Grande/2001 |
| III Edição - Marabá/2000 |
| II Edição - Guará/1999 |
| I Edição - Goiânia/1996 |

Fonte: *Ministério dos Esportes*. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/jogos-indigenas/xi-edicao-porto-nacional-2011>. Acesso em 05/05/2014.

Na XII Edição, ocorrida em 2013 em Cuiabá, fomos convidados a participar do JPIs junto aos indígenas de Dourados. O convite, feito pelos próprios indígenas, estendia comungar do mesmo transporte, hospedagem e alimentação dos indígenas, o que foi aceito prontamente.

Havia apenas uma condição a qual deveríamos nos submeter, pintar o corpo e preservar as pinturas étnicas durante todo o evento. Essa imposição não nos parecia nenhum desafio, pois em outras ocasiões já havíamos compartilhado as pinturas corporais guarani.

O coordenador da viagem nos informou que a preservação das pinturas étnicas fazia parte de um ritual de fortalecimento indígena. As pinturas intensificariam a força indígena desde a saída dos indígenas locais até o destino final. Durante o evento era necessário preservar as pinturas para que houvesse força nas competições.

Entretanto, iniciaram disputas internas sobre quais indígenas teriam direito à participação no evento. Indígenas Guarani e Kaiowá reivindicavam pra si o direito de

¹⁸⁹ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 91.

organização e escolha das decisões pois alegavam serem os convidados oficiais. Indígenas Terena mostravam-se insatisfeitos com a organização da viagem e ainda com a participação esportiva. A logística não contemplava a viagem de todos que desejam participar do evento. Nesse sentido, criou-se um grande clima de divergência e desconfianças dentro da reserva.

Optamos em realizar a viagem com recursos próprios, para prestigiar todos os momentos, da abertura até o encerramento, uma vez que nos foi repassado a possibilidade do cancelamento da viagem.

Já na capital do estado de Mato Grosso, iniciamos com a jornada com as primeiras partidas de futebol masculino. No primeiro dia do evento, três mini-estádios¹⁹⁰ receberiam partidas de futebol masculino e feminino. Em função do atraso na chegada de algumas etnias, a primeira rodada do futebol feminino foi adiada para o dia seguinte. Fizemos o deslocamento do estádio e em poucos minutos chegamos no Estádio Moinho que comportaria oito partidas durante aquele dia. Cada partida teria a duração de quarenta minutos, divididos em dois tempos de vinte minutos cada.

Na arquibancada, observamos torcidas de diferentes regiões e etnias. De modo geral, as etnias nacionais eram as que mais prestigiava os jogos de futebol. As etnias internacionais empenhavam-se mais na sede do evento, apresentando suas *artes*¹⁹¹.

Imagem 31 - Indígenas de diferentes etnias prestigiando partida de futebol no mini-estádio Moinho - Cuiabá/MT, no XII JPIs.



Fonte: Arquivo Pessoal.

¹⁹⁰ - Em Cuiabá, três campos de futebol recebem a denominação "mini-estádio". Apesar das melhorias realizadas para receber os JPIs, as estruturas desses campos são limitadas.

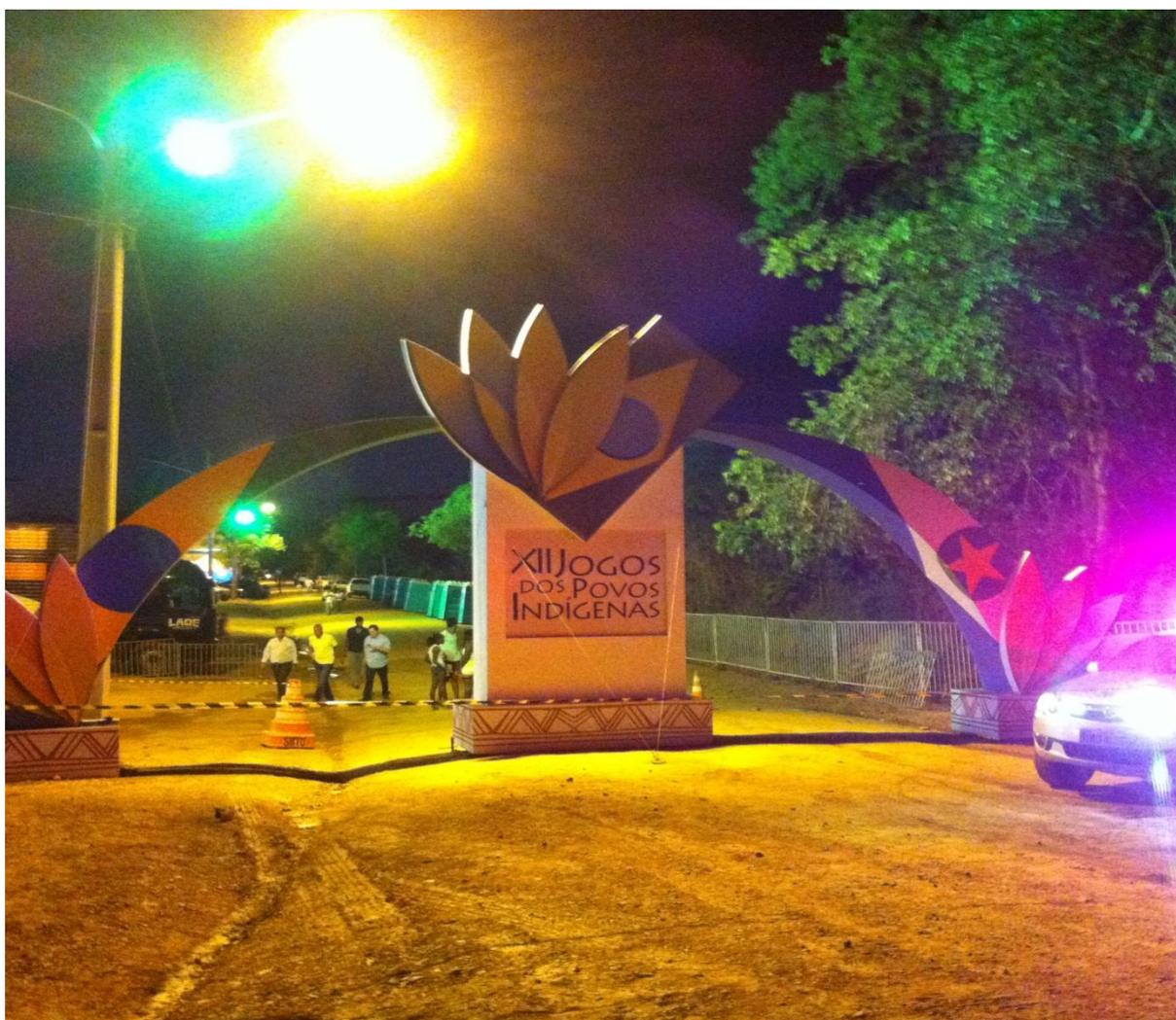
¹⁹¹ - Consideramos os artesanatos e ainda as apresentações artísticas e culturais.

As partidas de futebol atraíam não apenas indígenas visitantes, mas ainda turistas e moradores locais que se viam seduzidos pela prática do futebol e mais ainda, pela curiosidade do que se considerava exótico.

A apresentação das equipes eram compostas por danças e manifestações corporais de cada etnia, observadas por um público atento e que por vezes exclamavam maravilhados: "Que emoção!". A manifestação cultural constituía também uma imposição de força e respeito, não apenas aos adversários mais também ao público que assistia as apresentações.

O deslocamento de indígenas entre os campos de futebol e a sede do JPIs eram constantes. A sede comportava os alojamentos, refeitório, feira de artesanato, Oca Digital, Oca dos Saberes e ainda a grande arena dos jogos tradicionais.

Imagem 32 - Portão de Entrada que dá acesso à arena onde foram realizados os JPIs.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os alojamentos com banheiros eram divididos por setores e cada etnia era responsável pela organização do seu local destinado pela organização do evento. O refeitório, responsável por alimentar os indígenas alojados no espaço, servidores públicos e voluntários envolvidos no trabalho da organização, apresentou um cardápio constituídos por pratos típicos de diversas etnias indígenas.

A feira de artesanato foi estabelecida em um barracão próximo à arena de jogos e recebia um grande número de visitantes por dia, o que dificultava o trânsito e, por vezes, a comercialização dos produtos. Mulheres e homens indígenas aproveitaram o espaço para demonstrar suas características culturais e comercializar os seus produtos artesanais.

A Oca Digital, grande novidade do JPIs para essa edição, atraía crianças e jovens indígenas interessados em manusear os computadores com acesso à *internet*. A estrutura da Oca Digital possuía ainda aparelhos de ar condicionado para amenizar o intenso calor da região e preservar os aparelhos eletrônicos ligados durante todo o dia.

Imagem 33 - Vista externa da Oca Digital.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Outro ponto muito frequentado pelos indígenas, sobretudo os mais velhos, foi a Oca dos Saberes. Durante todo o dia, a Oca recebia lideranças indígenas que transmitiam seus conhecimentos e compartilhavam reivindicações comuns a grande parte das etnias indígenas. Dentre as pautas discutidas, a luta pelo direito à terra gerou importantes debates entre indígenas de diferentes regiões. Outro ponto discutido entre as lideranças foi a execução do projeto dos Jogos Indígenas Mundiais, que almeja contemplar o maior número possível de etnias em um evento internacional.

Imagem 34 - Vista interna da "Oca dos Saberes"



Fonte: Arquivo Pessoal.

As situações e espaços que evidenciavam as identidades tradicionais de cada etnia foram as mais prestigiadas pelos turistas, demais indígenas e público em geral. Primeiramente, as "Ocas", como já citamos aqui, atraíam um grande número de visitantes curiosos em conhecer as características de um espaço tradicional indígena, principalmente a "Oca dos Saberes" que compartilha os saberes culturais e experiências sociais de diferentes etnias. Segundo, as demonstrações culturais através de danças e cantos que eram expressados nos corredores dos alojamentos, no momento que dois grupos étnicos, até então desconhecidos, se encontravam. Essas manifestações atraíam um elevado número de observadores e tão logo passaram a acontecer em espaços abertos no entorno da arena para que todos pudessem prestigiar a comunicação transcultural. E, finalmente, as disputas dos jogos tradicionais, que caracterizaram o grande espetáculo do evento. Se, para os indígenas, muitos jogos tradicionais não caracterizam um vencedor, o público atento permite a competitividade ao comparar as performances culturais e atléticas de cada jogador.

Imagem 35 - Apresentação das etnias na cerimônia de abertura do XII Jogos dos Povos Indígenas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O grande número de visitantes não-indígenas da cidade local e de outros territórios evidenciou o que Fassheber considera *duplo mimético* durante os JPIs,

Duplo mimético para um duplo fetiche: as relações de compra e venda, *per se*, já ilustrariam a *mimesis* da lógica do capital na direção dos povos indígenas. Mas há ainda mais: o consumo de bens pelos indígenas no comércio local e um fetiche pelo consumo de artesanato indígena: desde objetos tradicionais como arcos e flechas e cocares até objetos ressignificados como chapéus, bolsas, colares e brincos (feito à moda dos brancos, como acabamentos industriais até, mas com sementes, madeiras, tinturas e manufatura indígena). Há também uma dupla admiração do "exótico": nós sobre eles e eles sobre nós, cada curioso com a curiosidade do outro¹⁹².

Apropriamo-nos da reflexão de Fassheber para explicar o curioso comportamento de índios e brancos ao se encontrarem. Se é de supor que brancos registrem fotografias dos indígenas com diferentes caracterizações étnicas, não é de se estranhar que indígenas fotografem os brancos e ainda outros indígenas, atraídos pelo o que lhe parece exótico. Esse comportamento que Fassheber aponta como "efeito interessante da *mimesis*" e lembra ainda que "se os bens ocidentais excitam a imaginação dos índios, mais faz tal excitação, exercitar o observador ocidental¹⁹³".

Diante disso, compreendemos a dupla relação do observador-observado vivido e teorizado nos JPIs, mas também compreendido em todas as relações interétnicas estabelecidas entre povos desconhecidos.

Apenas no último dia de evento, os Guarani e Kaiowá de Dourados puderam compartilhar da *mimesis* vivida durante uma semana na cidade de Cuiabá. Juntos entre parentes proclamaram a mensagem essencial do encontro: "O importante não é competir, e sim, celebrar!"

¹⁹² - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 104.

¹⁹³ - FASSHEBER, J. R. M., *Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*, p. 104.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos esta pesquisa tendo como principal objetivo investigar as concepções da prática do futebol entre os indígenas de Dourados - MS, sem nos prender exclusivamente às técnicas de jogo praticadas, mas sim abordando o espaço do futebol dentro da cultura Guarani e Kaiowá, a partir da análise de jogos, relatos das histórias de vida e experiências esportivas.

Nosso trabalho baseou-se, principalmente, em observar/compreender a prática do esporte e relacioná-lo à cultura indígena. Simultaneamente, buscamos perceber a importância das atividades esportivas no cotidiano Guarani e Kaiowá.

Percebemos, neste trabalho, que é difícil observar uma nova realidade sem buscar aspectos comparativos do cotidiano do próprio pesquisador. Sendo assim, tornou-se fundamental esquecer as práticas convencionais, já conhecidas, para compreender as características culturais tanto na organização, quanto na formação do futebol.

O índio, assim como o jogador não índio, projeta no futebol uma série de oportunidades para o seu crescimento pessoal e profissional. Nesse sentido, é de se supor que o treinador cultive, preserve e transmita aos seus atletas os valores básicos de sua cultura e da sociedade, tais como a defesa dos seus modos e costumes, o apreço pela família, o respeito aos símbolos da cultura indígena, a preocupação com o meio ambiente, o combate à violência e às drogas, entre outras questões sociais que envolvem as aldeias. Assim como em diversas sociedades, o esporte ocupa positivamente a mente das crianças e jovens, dificultando o acesso às drogas, entre outras práticas ilícitas.

Nesse sentido, reafirmamos a reflexão de Vianna de que a prática do futebol entre os indígenas deve ser concentrada nas etnias, de forma que seja possível considerar os elementos culturais de cada uma delas e relacionar as referências culturais e relações que compõe a vida social indígena.

Diante do resultado dos jogos que observamos, estamos plenamente convictos de que, o futebol é também, um espaço de catarse entre os Guarani e Kaiowá de Dourados. No momento em que a bola está em campo, os problemas são temporariamente esquecidos e todos se igualam a jogadores, sejam estas crianças, adolescentes ou adultos. Esse esporte

coloca em prática a democracia simbólica em campo, pois nesse momento as regras valem para todos os jogadores¹⁹⁴.

Admitimos que mesmo que esteja passando por um processo de transformação, a prática do futebol no interior das aldeias ainda requer muitas mudanças para que seja considerado forte aliado no combate ao uso de drogas e de outras ações que envolvem práticas ilícitas.

Diante de tudo o que vimos, sabemos que é indiscutível que o futebol seja considerado como um elemento de manifestação cultural Guarani e Kaiowá. Essa manifestação, apresentada nos campos externos e na cidade possibilita a busca de novas perspectivas e experiências na vida dos jogadores indígenas. Assim, ao conduzir o futebol como importante prática esportiva auxiliar na qualidade de vida do indígena o esporte torna-se elemento de identidade indígena também no futebol.

Por fim, ressaltamos o Futebol como realidade empírica dentro das aldeias, que permite pensar a identidade que os Guarani e Kaiowá mantêm a partir de suas próprias práticas de "compreender e jogar futebol".

Acredito que as situações discutidas e analisadas na presente dissertação permitiram atingir o objetivo geral estabelecido, que foi a apresentação da dinâmica que envolve o futebol praticado pelos Guarani e Kaiowá dentro e fora das aldeias indígenas.

Entretanto, esta é mais uma pesquisa inacabada. Refiro-me ao conceito de "inacabado", pois transcrever para o papel as histórias de vida e coletivas de uma sociedade transmite a sensação de que "faltou algo a dizer" e que as análises poderiam ser melhores estruturadas. Por outro lado, o inacabado possibilita novas análises e intenções e, nesse contexto, esperamos contribuir com novas abordagens sobre a prática esportiva entre os indígenas.

¹⁹⁴ A esse respeito ver DAMATTA, Roberto. "Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". *Revista USP. Dossiê Futebol*, 22, São Paulo, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Editora Europa-América, 2000.
- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BURKE, Perter (org.). *A Escrita da História - Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- _____. *Variedades de história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CARRILHO, Felipe Dias. *Futebol, uma janela para o Brasil: as relações entre o futebol e a sociedade brasileira*. São Paulo: Nova Espiral, 2010.
- CASTRO, A. O. Bolas e Palavras entre os Karitiana. In: FERNANDES, R. *O Futebol no Brasil dos Índios*. Florianópolis, 2006. (Projeto de Trabalho).
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. *Tomé: o apóstolo da América. Índios e Jesuítas em uma história de apropriações e ressignificações*. Dourados, MS: UFGD, 2009.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (Orgs.). Trad. Ilka Stern Cohen. *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: Idem (org). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESC: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 9-24.
- DAOLIO, J. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Campinas: Edunicamp, 1997.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. SP: Editora Ensaio, 1994.
- DUNNING, E. Football in: *Anais do V Encontro de história do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- ERRANTE, Antoinette. “Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar” in *História da Educação/ASPHE*. Pelotas: Editora da UFPel, N.º 8, Set. 2000, p. 140-174.
- FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. *Etno-Desporto iIndigena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang*. Tese (Doutorado em Antropologia), Faculdade de Educação Física – Universidade de Campinas, 2006.

- FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. 3.^a edição, Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 49^a Ed. São Paulo: Global, 2004.
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.
- HARTOG, François. *Evidências da História, o que os historiadores vêem*. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica, 2011.
- HOBBSBAWN, Eric. *Mundos dos trabalho: novos estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1997.
- LOPES, J. S. L. Esporte Emoção e Conflito Social. In: *Revista MANA*. V.1 N.1. Rio de Janeiro: Contra Capa, outubro de 1995.
- LIMA, Mário. *Garrincha, a flecha fulniô das Alagoas - Mestiçagem, Futebol-Arte e Crônicas pioneiras*. Alagoas: Ed. Graciliano Ramos, 2014.
- LUTTI, Aline Castilho Crespe. *Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados - MS: (1990-2009)*. (Dissertação - Mestrado em História) Dourados: UFGD, 2009.
- NAVEIRA, M. C. A festa do futebol: as formas esportivas da sociabilidade Yawanawa. In: FERNANDES, R. *O Futebol no Brasil dos Índios*. Florianópolis, 2006. (Projeto de Trabalho).
- NEGREIROS, Plínio José Labriola. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. São Paulo: PUC/Tese de Doutorado, 1998.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio de Antropologia Histórica*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto. *Associações indígenas: um estudo das relações entre Guarani e Terena na Terra Indígena de Dourados-MS*. 2007 (Mestrado em Antropologia). UFPR, Curitiba
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- REIS, José Carlos. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. Belo Horizonte: Autêntica, 1990.
- _____. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- _____. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Unicamp, 2007.

RIGO, L. C. Futebol Infame: o caso do S. R. Arealense. In: *Anais da XXIII Reunião Brasileira de Antropologia*. Gramado/RS, 2002.

ROCHA FERREIRA, M. B. Cultura Corporal: Jogos Tradicionais e Esporte em Terras Indígenas. In: *VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Ponta Grossa, 2002.

SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

SANTOS NETO, J. M. *Visão do Jogo: primórdios do Futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. "Futebol, metrópoles e desatinos" in: *Revista USP: Dossiê Futebol*. Número 22, 1994.

SILVA, Eliazar João da. *A taça do mundo é nossa! O futebol como representação da nacionalidade*. Governador Valadares: Ed.Univale, 2006.

_____. *Bola na Rede – O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização*. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000.

SILVA, T. L. A origem do Futebol no Estado do Pará. In: *Anais da XXIII Reunião Brasileira de Antropologia*. Gramado/RS, 2002.

TERENA, Marcos. O Esporte como resgate de Identidade e Cultura. In: ROCHA FERREIRA, M. B. et al.. *A. Cultura Corporal Indígena*. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2003.

TOLEDO, Luis Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Anpocs, 1996.

TURNER, V. Dewe, Dilthet and Drama: an essay in Antropology of Experience. In: TURNER, V. & BRUNNER, E. *The Antropology of Experience*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

VIANNA, Fernando de Luiz Brito. *Boleiros do Cerrado: Índios Xavantes e o Futebol*. São Paulo: ANNABLUME, 2008.

VINHA, M. ; FERREIRA, M. B. R. ; NASCIMENTO, A. C. Espacios de ocio en la territorialidad Guaraní Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Política y Sociedad*, v. 50, p. 453-483, 2013.

FONTES

Entrevistas

AI. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2013 .

EI. Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues, Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2014.

Elias Souza. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Itaporã-MS, 2013.

Fátima Conceição Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Bororó, Dourados-MS, 2013.

Geanderson Fernandes Machado. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Itaporã-MS, 2011.

Gelson Aparecido Machado. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2013.

Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2011.

Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2012.

Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2013.

Gerson de Souza Silva. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2014.

Livanir Machado Aquino. Entrevistado por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Bororó, Dourados-MS, 2012.

Maria de Fátima. Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Bororó, Dourados-MS, 2012.

Suzeth Martins Freitas. Entrevistada por Letícia Berloff Rodrigues. Aldeia Jaguapiru, Dourados-MS, 2014.

Impressos

- ATY GUASU - Documento final da II KUNÃ ATY GUASU - Dourados, 2012.

- IMASUL - Levantamento do ICMS Ecológico do período de 2012-2013.

- Prefeitura Municipal de Itaporã - Ata do Congresso Técnico da 1º Copa para Todos.

- Prefeitura Municipal de Itaporã - Ata do Congresso Técnico da 1º Copa União.

- Relatório

Outros Documentos

Áudio: *Trechos do Programa Show de Bola*. Rádio Comunitária Fundação Pedra Bonita, Dourados-MS, 2013.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 29 de julho de 2014.

Letícia Berloff Rodrigues